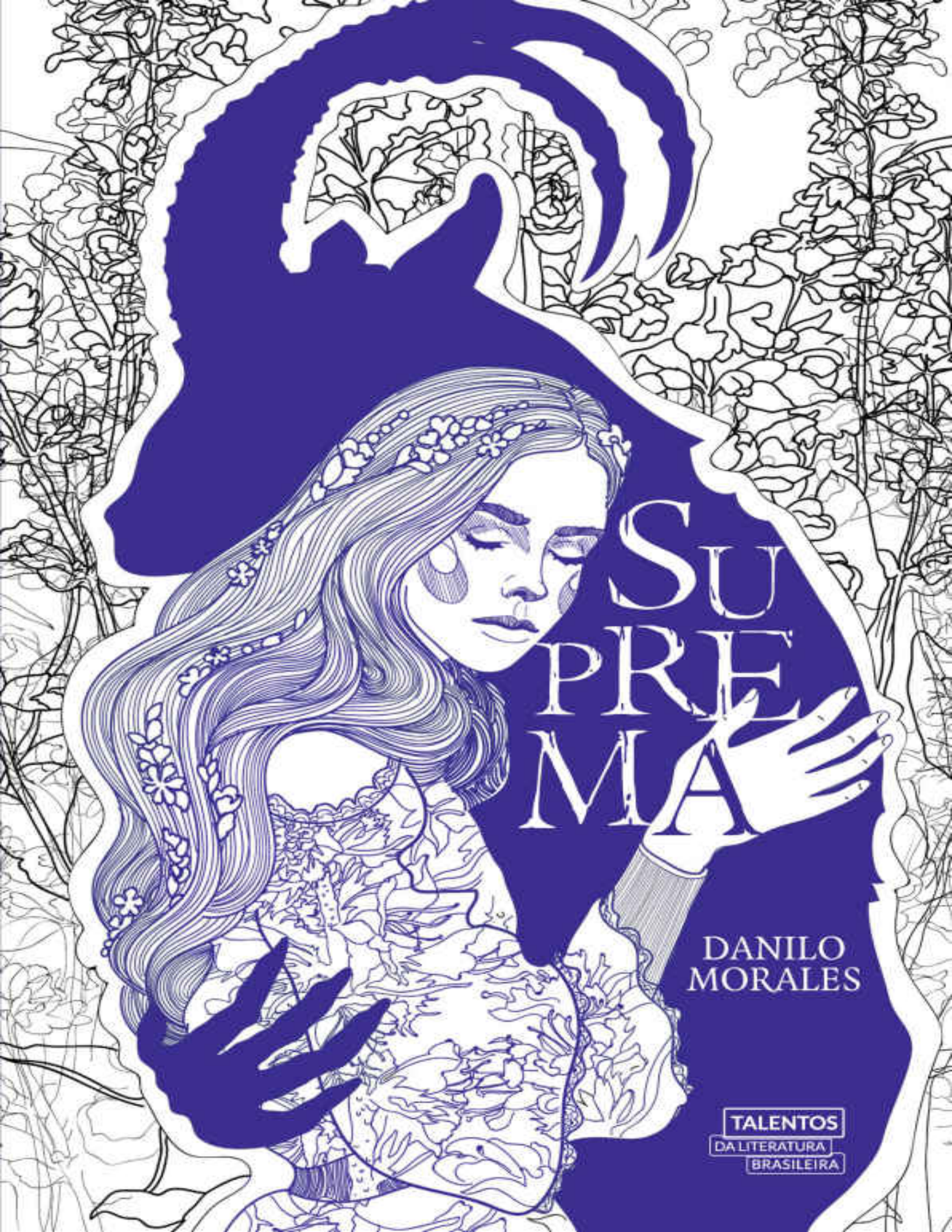




SUPREMA

DANILO
MORALES

TALENTOS
DA LITERATURA
BRASILEIRA



Danilo Morales
suprema

TALENTOS
DA LITERATURA
BRASILEIRA

SÃO PAULO, 2020

Suprema
Copyright © 2020 by Danilo Morales
Copyright © 2020 by Novo Século Editora Ltda.

PREPARAÇÃO: Karen Daikuzono
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: João Paulo Putini
REVISÃO: Equipe Novo Século
IMAGEM DE CAPA: Iaroslava Daragan | Shutterstock
DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

AQUISIÇÕES
Cleber Vasconcelos

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Morales, Danilo
Suprema
Danilo Morales
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2020.
(Coleção Talentos da Literatura Brasileira)
ISBN: 9788542816815
1. Ficção brasileira 2. Terror – Literatura I. Título
19-2990 CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.3



uma marca do grupo novo século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11ª andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP - Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | E-mail: atendimento@gruponovoseculo.com.br
www.gruponovoseculo.com.br

Dedico este livro a todos
que acreditaram na obra,
aqueles que amo e aqueles
que a terão em mãos.
Pois nós estamos de
passagem, mas a obra é
imortal.

Tudo aquilo feito para o bem ou
para o mal volta triplicado.
LEI TRÍPLICE

PREFÁCIO

Tulipa vermelha

Eu me atrevi a entrar no culto. Precisava ver de perto quem era a tal mulher que tinha uma centelha de vida e morte sob o domínio de suas mãos. Branco, vermelho, fogo e sangue. Me perdi entre as inúmeras facínoras enquanto as tochas queimavam; o ápice do ocultismo em toda sua beleza. Achava que tinha recebido um convite de Danilo Morales, mas na verdade o mal tem outras formas mais singelas de aprisionar e cativar; e por que não nas mãos dela?

Aqui, bruxaria anda lado a lado com o branco. Com beijos femininos e um terror que arrasta a alma para além de tudo que os olhos humanos já flagraram. Orações e gritos, aqui, são um tributo. Um diálogo sincero da carne lassa que abandona a carcaça para o último repouso. Aqui, Danilo, o autor, sai de foco, pois sua criação se torna maior que sua maestria em nos fazer morrer por entre a linha tênue de vida e morte em sua narrativa. Teria sido Suprema escrito mesmo por um homem? Ou teria sido a própria bruxa, filha da mãe noite, persuadindo mais um homem para seus afazeres? Nunca vamos saber...

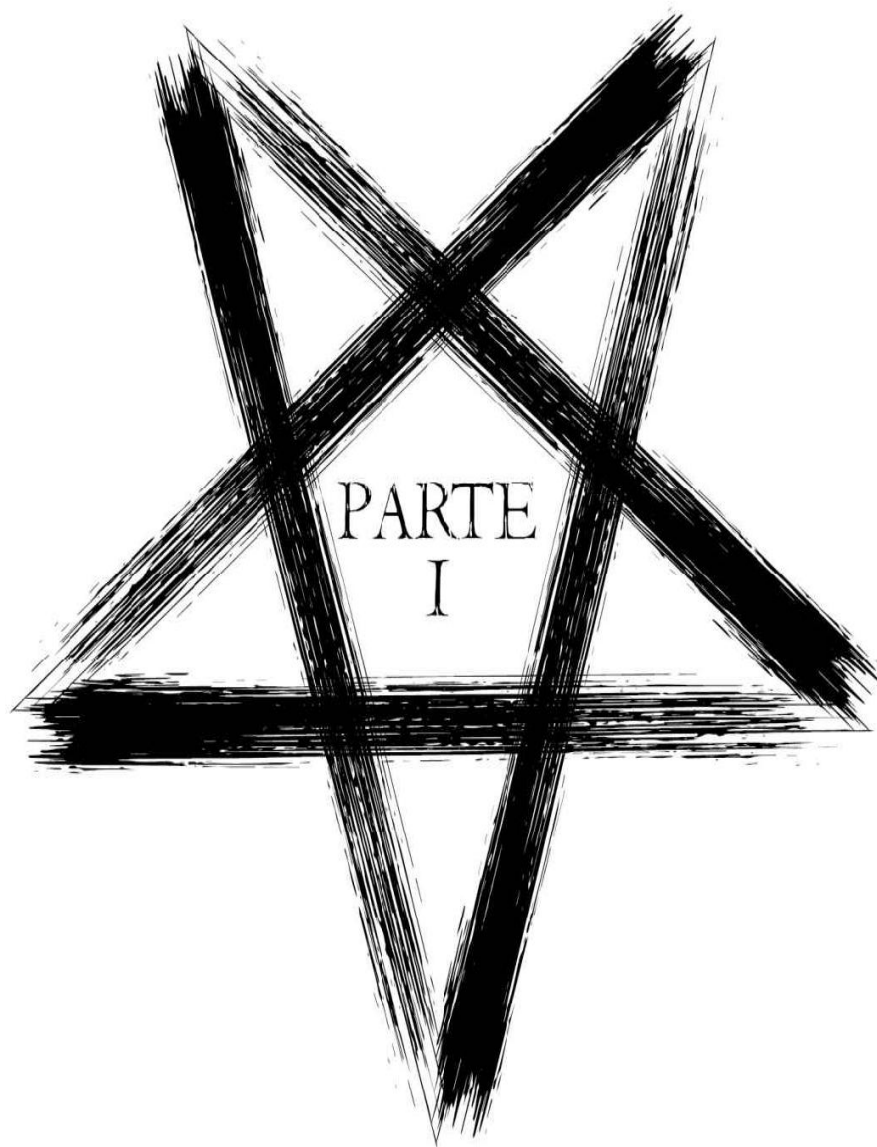
Poderosa, satânica, suprema. São tantos adjetivos que hoje escrevo em minha carne para eternizar Nina, que certamente seu próprio criador ficaria espantado em saber o quanto eu acredito que ela seja real.

Nós tiramos o que foi delas um dia, por isso precisamos pagar. Seja com sangue, leite ou mel, seja com oferendas incineradas no altar pagão e com o amargor do próprio fel. Batam os tambores. Tragam seda branca. Batizem suas

filhas mais novas com o fogo e guardem o jejum. Ela já está entre nós... Com sua feitiçaria que seduziu a muitos, inclusive a mim.

Ela é o que é. Mais tarde você terá conhecimento sobre tudo que estou falando e, assim como eu, vai surpreender-se ao descobrir que esta história não é apenas mais uma sobre bruxas, trevas e sombras. Esta história é sobre o poder feminino em seu ápice, quando uma mulher deixa de ser criatura do mundo e se entrega ao mal, tornando-se, definitiva e irreversivelmente, Suprema!

RAUL DIAS
Ed. Serpentarius



A ORIGEM DA BRUXA

MULHER SOLTEIRA PROCURA

Nina Maria Monteiro Adágio. O primeiro nome foi dado por sua mãe em homenagem a uma mártir da Rússia. A jovem Nina viera do distrito de São Francisco Xavier para a cidade de São José dos Campos. Com força na agricultura familiar, literatura e música caipira, o município, embora fosse denominado interior de São Paulo – o que traz à mente um ambiente rural, cheio de carroças e botecos, próprio de distrito –, espantava quem não o conhecia por tamanha beleza e força tecnológica, abrigando o Centro Técnico Aeroespacial, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica e diversas fábricas.

Desembarcou na rodoviária e tomou um ônibus circular rumo ao centro fumegante, como um pássaro que migra no inverno com o objetivo de fugir da escassez de alimentos. Sua alma a impulsionava a se fixar nos arredores daquela cidade, e seguir seu instinto irracional poderia significar a sua ruína, mas, no momento, estava disposta a pagar para ver. Teve que se desvencilhar de vendedores de chip de celular, ativistas do Greenpeace, agenciadores de modelos, flanelinhas e pedintes em busca de uns trocados, inúmeros vendedores, de balas a desentupidor de fogão – o reflexo da crise em um país emergente. Sem muito êxito na busca de uma moradia, comprou um jornal e se hospedou em um hotel de baixa categoria, chamado American. Tinha alguma reserva, mas precisava ser prudente, afinal, o dinheiro tinha uma tendência natural de se esvaír de suas mãos – algo natural para alguém de sua idade, embora não demonstrasse ser tão jovem em sua aparência.

Logo descobriu que o local era usado também como motel e ponto de putas. Bem que tinha desconfiado de algo estranho quando se sentou, poucas horas antes, em uma praça no centro, chamada Afonso Pena, e homens passavam e a olhavam estranho. Sim, havia umas senhoras que rodavam a bolsinha em São Francisco Xavier, mas em plena luz do dia ela não tinha visto em nenhum outro local. Logo seus pensamentos a trouxeram de volta ao presente, em um colchão de casal pouco confortável, sobre uma cama de concreto, revestida de azulejo. Deitou-se e olhou para o espelho no teto: até que uma companhia não seria mal. Há quanto tempo não fazia sexo? Os gemidos no quarto ao lado realmente a deixaram instigada por um momento.

Lembrou-se de que quando chegou na recepção, onde havia uma imagem do preto velho e duas velas queimando, foi recepcionada por um rapaz apático que a conduziu até o quarto, e então soube que não conseguiria ficar hospedada naquele local por muito tempo.

– As portas só trancam por fora. Caso você precise sair, está tranquilo. A maçaneta está com defeito, então ela não tranca por dentro. Já disse várias vezes para o chefe trocar essa merda! Recomendo que encoste o frigobar na porta à noite. Caso alguém entre por engano, não irá se assustar tanto.

– Ah. Ok!

– O café é das sete às nove da manhã. Boa noite!

Deixou o jornal de lado, algo obsoleto, e passou a procurar no celular um quarto para alugar que fosse mais decente. Circulou algumas opções, também de ofertas de serviço, enquanto se perguntava por que raios não tinha ido direto para a capital, onde as oportunidades eram maiores. Mas intuitivamente ela sabia a resposta. Queria um meio-termo, um local com oportunidades de serviço e certa qualidade de vida; como a cidade ficava em um vale e, segundo diziam, estava a apenas uma hora da praia, das montanhas e da metrópole, ela apostou suas fichas ali.

Tomou um banho não tão quente como gostaria, talvez uma estratégia do hotel para poupar energia. Enrolou-se em uma toalha que não estava embalada, e se perguntou se a teriam lavado ou apenas colocado no sol para secar. Na certa, após um sexo selvagem com uma garota de programa, algum cara esfregou o membro no mesmo ponto onde agora ela secava o rosto. Bom, não era hora para ter nojo. O mesmo não podia dizer do cobertor dobrado em um canto do armário, com um leve cheiro de mofo, que com certeza nunca fora lavado. Preferiu se deitar envolta em uma manta que trouxe na mala.

Ligou a televisão. O intuito era apenas aplacar o vazio do quarto, como a maioria dos hóspedes fazia. Tudo era tão velho, parecia um hotel mal-assombrado, não como o Overlook, com requinte e luxo, mas, sim, algo de baixa categoria. Como imaginava, só pegou canais abertos, passando reality show, programas de fofoca, nada de interessante e diferente do que estava acostumada na roça. Tateando

sua bolsa, tomou um *Passiflora incarnata* para controlar seu transtorno de ansiedade; já estava tendo sintomas de hiperventilação e alguma arritmia. Sempre sofrera disso, mas quando criança achava até positivo. Projetar a vida no futuro trazia a ela ambição e produtividade, mas não estava sendo tão útil agora. Tentou criar um bloqueio em coisas desagradáveis de sua vida, mas era impossível não vir à tona de tempo em tempo. Dessa vez, o regresso se deu por uma simples exposição de balas e preservativos em seu quarto. Um Halls preto.

– Maldito!

São Francisco Xavier, local muito benquisto por turistas que buscavam tranquilidade e fugir das grandes metrópoles, não trazia grandes interesses para os habitantes jovens dali. Recordações esparsas insistiam em se manter em seus sonhos, lhe causando mais irritação do que saudade. Como ela, uma camponesa, podia ter tido um lampejo de paixão por Ricardo, filho do patrão de seus pais? Sua tenra idade justificaria um comportamento submisso ante um sujeito que se divertia dando arranques com sua caminhonete em praça pública, ouvindo sertanejo universitário em volume alto, como se agregasse algum orgulho aos ouvidos pouco apurados. Ela era, então, filha de caseiros, ele era mais velho e nunca a enxergara como mulher. Era um cara popular. Ele e seus amigos estavam sempre bebendo Catuaba e Jurupinga e ostentando seus carros modernos. O visual rebelde era finalizado com uma espécie de pomada fixadora no cabelo. Ele era um babaca, mas ela gostava dele assim mesmo.

Era época de Carnaval. Foi em uma tarde ensolarada na cachoeira Pedro David que ele enfim a enxergou. Estava com o cabelo pintado de verde por aquelas tintas baratas feitas com material não muito superior à gambiarra usada com papel crepom. Ele era o tipo de cara que entrava de cabeça em todas as festas do bairro, por isso se tornou tão popular. Seu carro era adaptado com uma corneta ridícula, que só servia para assustar os cães e provar que não tinha muita massa encefálica. Trazia sempre em mãos uma garrafa de refrigerante barato misturado ao destilado, como se fosse a prova cabal de que era um macho alfa, que isso era o que bastava para se intitular homem. Fazia lives ostensivas de sua vida abastada, preenchendo lacunas vazias com fotos no Instagram, expondo suas conquistas amorosas. Feito uma águia com sua presa, se aproximou de Nina.

– Bebe um gole!

– Não sou de beber.

– Larga disso, Nina. Só um gole, vai.

Meio contrariada, ela deu os primeiros goles de vodca, e depois até tomou gosto. Estava bem misturada a um refrigerante de dois litros e tinha um gosto adocicado. O entorpecimento dos sentidos poderia ser algo útil para suportar companhias e lugares desagradáveis. Embora ele tivesse uma postura rude, ela se manteve ao seu lado na esperança de amansá-lo com o tempo e trazê-lo para mais próximo de sua projeção de ideal masculino. A noite chegou e eles se

encaminharam para a festa típica da região. As garotas ficavam ouriçadas por conhecer os turistas. Havia uns bonecos manipulados, que giravam nas marchinhas, que ela sempre achou terríveis e de mau gosto, mas respeitava pelo valor cultural. As ruas fediam à urina, poucos usavam os banheiros químicos, e os que se aventuravam tinham de tampar a respiração e contar com a sorte, pois algumas cabines tinham merda até no teto. Parecia que uma bomba havia explodido e jogado fezes por todo lado.

Havia ainda aquelas barracas típicas, e o famoso pão com linguiça cheirava muito bem. A vodka veio como um tiro, em um estalo Nina ficou ruim. Os sons se embolavam, não enxergava nada a um metro de distância, a visão ficou turva, embora mantivesse a consciência. Sabia que ia capotar em pouco tempo, embora sempre fosse muito prudente. Ao descer a rua, havia uma intersecção, a avenida lotada de gente, subindo e descendo como se estivessem em uma espécie de inferno, e a ruela ao lado, desértica, uma espécie de paraíso solitário. Sua ideia era não dar vexame na frente de ninguém, ou aquele ato seria histórico na pequena cidade e mancharia a sua reputação de menina responsável, embora já fosse deslocada do convívio social. Tentou teclar para sua mãe de seu celular de flip, mas ele era muito obsoleto, e ela mal podia enxergar os números. Sentou-se no meio-fio e, quando o fez, se entregou. Enquanto estava em pé ainda tinha alguma força. Estava na frente de uma casa em construção, pensou em adentrá-la e ficar lá até melhorar. Já tinha vomitado duas vezes, e via nisso uma bênção, um efeito curativo que encurtaria sua penúria. Arrastou-se para o interior da casa, não tinha forças para se levantar, nem para gritar, muito menos para reagir. Apagou.

Ao amanhecer, tinha recobrado quase que totalmente as forças. Envergonhada, encontrou suas vestes a cerca de dez metros de distância, penduradas em um vergalhão de uma coluna inacabada. Estava sangrando por perder a virgindade, mas o sangramento vinha também de seu ânus. Sentia vergonha e culpa. Não teve coragem de denunciar o agressor; não tinha certeza de sua identidade, mas tinha uma recordação com o filho de seu patrão. Depois de um tempo, cogitou ter sido dopada com uma droga chamada “boa noite, Cinderela”. Um tempo depois, em uma crise de choro, relatou aos pais o caso, e eles então conversaram com os patrões. Coagidos e envergonhados, não levaram o caso à frente. Os pais foram demitidos algum tempo depois. Embora o patrão alegasse falta de serviço, todos sabiam qual era a verdadeira causa. Ela não era tachada de vítima na cidade, e sim de vagabunda. Uma inversão de valores. De boca em boca, a história se espalhou. Em certos momentos, ela se arrependeu de não ter se calado, mediante o preconceito que sofreu.

Quando voltou a si, no quarto do hotel, uma lágrima escorria de sua face. Pior do que o ato foi a certeza da impunidade, e saber que isso fora acarretado em parte por seu receio em denunciar. Ela considerava o caso como uma mancha, quanto mais mexesse, pior ficava, mais gente saberia que ela fora estuprada, humilhada. E

com isso o agressor saiu impune, e talvez tivesse feito outras vítimas. Sim, mais do que a esperança de um trabalho melhor, queria fugir de seu passado e desse fatídico dia. Isso afetou de maneira dramática sua sexualidade. Forjou alguns relacionamentos, todos fracassados por seu trauma e incapacidade de continuar. Financeiramente combalidos, seus pais não deixavam de sugerir a sua culpa; fornicar com o filho do patrão era voltar-se contra o próprio sustento e mostrar-se egoísta e incauta em relação a seu próprio futuro.

Retomando o presente, pela manhã tomou o café oferecido no hotel. Comeu parcialmente um pão francês, que esfarelava ao extremo, e forçadamente uma fatia de mamão, finalizando com o essencial café com leite – na verdade, o chamado cortado, apenas um dedo de leite e uns oitenta por cento de café, que a mantinha desperta. E isso se tornou sua rotina na semana seguinte: entregar currículos e passar as noites no hotel, planejando com parcimônia cada passo que daria, antes que suas curtas economias desaparecessem.

Gostava de contemplar seu belo corpo no espelho das paredes do quarto, apalpando seus seios medianos com auréolas rosadas. Era pontilhada com desbotadas sardas e dotada de uma magreza que não transmitia fraqueza, e sim a altivez de uma corça no início da primavera. O nariz quase romano acentuava tal impressão, possuía lábios pequenos que nunca sorriam e olhos castanhos que se fixavam em seu interlocutor. Sua vagina era pequena como seus lábios, e os pelos pubianos desenhavam um triângulo bem aparado. Qualquer rastro da meninice ficara para trás, dando lugar a um amargor dos que buscam a vingança.

Apesar do traumático passado, não adquiriu repúdio por seu corpo e a crença errônea de que era a culpada. Evitava os contatos físicos mais por ojeriza ao membro masculino do que rancor por seu corpo. Tinha pouca idade, mas sua postura melancólica a envelhecia alguns anos. Não possuía aquela alma adolescente, nem mesmo antes da violência sofrida, embora a inocência e a pouca experiência a tivessem conduzido a experiências ruins. Suas reflexões não deixavam de ser uma vantagem em um mundo que tinha pressa. Estar fora dos grupos sociais não a atormentava profundamente; o que a deixava ansiosa era o estranho sentimento de um destino mais complexo que se desenharia à sua frente. Seus pais e a afetação de moralidade lhe pareciam uma camisa de força. Vislumbrava-se no espelho com certa dose de narcisismo, que não combinava com suas condições de fugitiva.

2

CONHECENDO ANGEL

Enfim conseguiu serviço na padaria e lanchonete Estrela, situada no bairro de Santana, uma espécie de colônia de migrantes de Minas Gerais. Assim como São Francisco Xavier, o local tinha uma praça principal, com a igreja matriz católica apostólica romana, ruas com nome de padre, muitas delas com aqueles típicos paralelepípedos que eram utilizados para filtrar água da chuva e evitar inundações.

O dono do estabelecimento era o seu Genaro. Antiquado e sovina, não gostava de investir em melhorias. Mas, na falta de concorrentes, não lhe faltavam clientes. Nina já tinha alguma experiência em fazer lanches e não teve dificuldade em se adaptar. Embora esboçasse certo desprezo por um serviço nada glamoroso, sabia que todo trabalho tinha seu valor, apenas achava um desperdício não utilizar sua inteligência para algo mais sofisticado. Logo William, o padeiro, começou a dar em cima dela. Seu excesso de zelo e atenção era evidente. Nunca aquela padaria tivera uma funcionária tão bonita. Genaro pensou que talvez isso fosse algo negativo, poderia atrair muitos homens galanteadores e uma eventual confusão, mas talvez gerasse lucro também.

– Aqui a gente trabalha bastante. – William se aproximou. – Acorda cedo, mas gera uns extras.

– Por ora está bom, mas vim pra cidade em busca de algo diferente. A minha grana está acabando, e certamente veio a calhar esse serviço.

– Eu ganhei uma bolsa parcial de engenharia. Em dois anos devo estar fazendo estágio. E você, pretende fazer o quê?

– Eu não sei. Mas não é isso.

Genaro passou e deu um tapa nas costas de William.

– Trabalho não é lugar de conversa. Vamos trabalhar. O senhor ali está aguardando seu X-salada. Agiliza aí, William. Nina, leva um pão na chapa e pingado para Angélica, não a deixe esperando, ela vai ficar brava. Estou falando daquela moça sentada no fim do corredor.

Nina se impressionou ao olhar para Angelique. Ela era filha de mãe brasileira e pai nipo-brasileiro. Tinha traços japoneses, pálpebras em formato retangular, cabelos negros e certa imponência, uma luz própria. Notava-se claramente, à primeira vista, uma aparente rebeldia, ou traços do que fora isso um dia, em seu corpo tatuado. Ela era dez anos mais velha que Nina, já estava na casa dos 32 anos. A garçonete serviu o pão na chapa e pingado e não pôde deixar de perguntar:

– Angélica, seu pão. Desculpa perguntar, você é tatuadora?

– Não. – Angelique sorriu. – Sou terapeuta holística. Se precisar de uma massagem ayurvédica... E me chamo Angelique, mas para Genaro é Angélica, ele não consegue mesmo pronunciar meu nome de forma correta. Não o culpo. Meu pai preferia um nome tradicional, como Sayuri ou Naomi, mas acabou se rendendo à excentricidade de minha mãe, que queria algo que remetesse aos anjos. Você é daqui mesmo?

– Não! Sou de São Chico.

– É próximo! Tem várias atividades lá. Está morando onde?

– Estou hospedada no American.

– Você é corajosa! É um lixo de lugar.

– Estou procurando um quarto para alugar.

– Bom, não te conheço direito, mas, se quiser, podemos dividir o aluguel do meu apartamento. Com essa crise não seria nada ruim. E é claro, condomínio, água, luz e gás.

Angelique anotou o endereço em um guardanapo e entregou para ela.

– Vai tomar um café lá hoje, aí você aproveita e descobre se curte o local.

– Não sei nem como te agradecer!

A conversa se encerrou com os gritos de Genaro, chamando-a para atender outra mesa.

Ela morava na área nobre da cidade. O prefeito tinha acabado de inaugurar uma ponte estaiada para diminuir o fluxo de carros, o que foi chamado de perfumaria pela oposição. O bairro tinha um típico portal japonês, o chamado tōri, em torno de um jardim nipo-brasileiro e plantas orientais. Mulheres faziam cooper, com seus fones de ouvidos, bonés e roupas apropriadas, enquanto senhores caminhavam com seus cães de raça, ostentando-os. A região tinha um conceito de urbanidade elaborada, sincronizada com a tendência atual das ilhas de prosperidade; eram nichos de metrópoles. Serviam como uma espécie de termômetro para medir as desigualdades sociais. Chamado de paraíso de concreto, com prédios em todas as direções possíveis e imagináveis, e as maiores taxas em tudo. Em contrapartida, não havia botecos nem mendigos na região. Todos que ascendiam financeiramente partiam para lá. Sinal de poder, as pessoas caprichavam ao responder quando um desavisado de casta inferior perguntava onde residiam. Sim, eram somente peixes em um aquário.

Não que isso fosse indicativo de riqueza. Estava cheio de gente fodida. Na ânsia de competitividade, acumulavam boletos, e muitos já estavam falidos, apenas mantendo um status. Comiam capim e arrotavam caviar. E muitos nem mesmo tinham um patrimônio, esforçavam-se por alugar um apartamento e assim ostentar para os mais próximos, porque a inveja tem tudo a ver com proximidade. São seus vizinhos, seus parentes, os que mais torcem por sua queda. Eles sabiam disso e, assim, muitos se isolavam cada vez mais em suas caixas de sapatos; eram apenas ratos de laboratório, solitários em suas sacadas. Mantinham um relacionamento frio com os vizinhos, deixá-los se aproximar era sinal de problemas à vista. Apenas um simples bom-dia no elevador e nada mais.

Nina foi anunciada pela portaria e adentrou o Place Athenee. Observou a bela piscina e se contemplou no espelho do hall, antes de subir pelo elevador social. Era disso que ela precisava, um universo diferente. Tocou a campainha do 153, e então a porta se abriu...

3

O FLERTE

Angelique usava um vestido com retoque nas costas mostrando, de maneira provocante, símbolos japoneses na vertical, acompanhando sua coluna vertebral. Tinha um leve aroma adocicado, e o cabelo cuidadosamente desajeitado para receber Nina. Na porta do apartamento, uma pequena mandala para afastar energias negativas. Ao abrir a porta, Ramiro, o gato preto, se enroscou em suas pernas. Era no mínimo luxuoso o espaço, e embora a sacada tivesse pouco espaço livre, com um excesso de plantas e roupas em um varal de chão, ainda assim a vista era abrangente, um caleidoscópio de luzes de uma cidade vibrante.

O piso laminado imitando madeira aquecia o ambiente, e a iluminação fria da sanca, dividida em vários spots, distribuía bem a luz. O sofá de quatro metros de largura serviria facilmente de cama, e realmente era mais confortável deitar ali do que no colchão de muita gente; a cozinha americana era equipada com um fogão cooktop, e na copa havia um lustre baixo sobre a mesa e um espelho magnífico, daqueles antigos, prateados, com um metro de altura por sessenta centímetros de largura, bordas arredondadas, fechando em um bico na parte inferior e em duas pontas na parte superior, que se encontravam em uma terceira haste ao centro, também com bordas arredondadas. Parecia um artefato medieval, mas não era a única coisa exótica dali. Uma estátua da justiça feita de mármore, com cerca de setenta centímetros de altura, repousava sobre o centro da mesa da copa, enquanto na estante, abaixo da televisão de cinquenta polegadas, um samurai de bronze estava em posição de guarda, com sua espada em riste.

- O lugar é muito aconchegante!
- Sabia que ia gostar. Vou buscar algo pra gente beber.

Uma música ambiente tocava um mantra ambiental. Angelique serviu uma dose de vinho branco Morande Sauvignon, o qual bebeu em um único gole, enquanto Nina o bebia em doses homeopáticas.

- Onde posso deixar minha mala?
- Coloca no meu quarto. Fim do corredor, à esquerda.
- Não prefere que já deixe onde vai ser meu quarto?

Angelique pegou a mala da mão de Nina.

– Só tem um quarto disponível e uma cama. Mas ela é grande, é king, nós duas não ocupamos tanto espaço. Se não ficar confortável, a opção é o sofá.

Nina não era boba, anteriormente havia se questionado mentalmente por que uma mulher tão fina daria uma chance a uma simples garçonne. A resposta agora lhe foi dada: era uma predadora sexual. Percebeu o flerte. Ninguém era tão bonzinho assim. Então era isso, favores sexuais. Embora nunca tivesse se relacionado com uma mulher, tudo era pele, como dizia Coco Chanel. Deixou fluir.

- Angelique, eu posso tomar um banho?
- Claro, querida. Só te peço um favor, me chame de Angel, é mais fácil.

Ela não trancou a porta do banheiro. Queria ver até onde ia a intromissão de Angel. Como imaginou, ela realmente abriu a porta na curiosidade de ver sua nudez.

- Tem condicionador no compartimento debaixo do armário.
- Valeu, Angel.

Sentiu um acanhamento, deitou-se sem tomar muito espaço, na beira da cama, e fingiu dormir. Como imaginou, não passou da primeira noite. Angel logo começou a beijar-lhe atrás de sua orelha e a acariciar seu corpo embaixo da coberta. Estava acalorada pelo vinho e pelo desejo recíproco; logo se enroscavam em beijos que estalavam, a anfitriã explorando com a língua cada centímetro do seu corpo. Foi tudo muito rápido, consentido sem proferir uma única letra. Evidentemente, Angel não necessitava descer às classes mais baixas para suprir suas necessidades carnis. Era uma mulher atraente, porém explicitar seu modo de vida superior devia trazer um sabor especial à sua conquista, enquanto pessoas abastadas agiriam de modo blasé. Assim, fez a jovem interiorana se intimidar e reverenciar sua superioridade de modo sacerdotal.

Angel fazia massagens, o que chamava de terapia holística. Não ganhava muito dinheiro com isso, era mais um hobby. Algo possível para ela, que, por ser filha solteira de um servidor público, juiz falecido, vinha recebendo por toda a vida uma pensão gorda, desde que não se casasse.

Pela manhã, a jovem despertou e encontrou uma mesa de café posta. Angel fritava pão francês na chapa. Uma loira com roupa de aeromoça estava sentada à

mesa, o cabelo lindamente ajeitado em coque e a roupa alinhada; tinha uma postura invejável, até mesmo no modo de falar.

– Então essa é sua nova aventura!

– Não seja indelicada, Ingrid. Essa é Nina, minha colega de quarto.

– Olá, Nina! Dormiu bem?

– Dormi, sim.

– Eu sou a vizinha de baixo, amiga de Angel. Prazer! – Estendeu a mão. – E, antes que fique curiosa, sim, ela já me catou também.

– Eu não sou uma predadora – replicou Angel. – Toma, querida, acabei de fritar seu pão.

– Obrigada, Angel! Estou atrasada. Eu como algo no serviço.

A loira olhou para ela de maneira jocosa.

– Então fritar hambúrguer é sua especialidade. Você vai de ônibus?

– Vou, sim. Tchau!

– Boa sorte! A Edilene da portaria, ou a Creuza da faxina, te informam certinho o horário do ônibus. Eu há muito tempo não ando nessa desgraça – disse a aeromoça.

Angel torceu a cara para a amiga debochada. A diferença de classes era mesmo algo gritante. O instinto feminino mais ferino era acentuado em Ingrid; não se importava se as pessoas tinham capacidade intelectual para se ater a suas nuances de humor e frases diretas, mesmo que não fossem íntimas. Nina ficou se remoendo no ponto de ônibus, aguardando a linha do terminal central. Havia senhores com mochilas nas costas, algumas mulheres de meia-idade e estudantes. Pegou o ônibus lotado, sabia o que enfrentaria: suor, homens se aproveitando da situação para dar uma esfregada, empurra-empurra, aperto para descer no ponto. A moça foi criada em seu pequeno distrito, raramente usando transporte público. Seus pés calosos nas bordas e suas solas grossas de menina interiorana provavam isso. Aliás, há um bom tempo não executava uma longa caminhada; fritar hambúrguer o dia todo não era a melhor terapia para aliviar o estresse.

Enquanto fazia os lanches, escutava os gritos histéricos de Genaro e o melodrama romântico de William, jogando xavecos furados a todo momento, e os clientes insatisfeitos, mesmo aqueles que tinham pagado uma mísera dose de pinga de um real, sentiam-se no direito de humilhá-la. No meio da cortina de fumaça que o exaustor não dava conta de dissipar, com a roupa de garçoneiro suja de gordura, só conseguia sentir uma raiva crescente da recém-conhecida aeromoça, toda alinhada e bem-sucedida. Aquilo despertava mais do que inveja. Um sinal de alerta, uma possível pedra no caminho para seus planos futuros.

Sentiu uma ira similar contra quem a jogara nesse mundo com o aval da sociedade. Lutar pela sobrevivência a colocava em igualdade com os animais, o ser humano deveria ter uma meta maior na vida. Mesmo que se findasse na vingança e rancor, não via tais sentimentos como indignos, os via tão legítimos quanto o amor

e a solidariedade. Somente pessoas que nasceram com a vida ganha, como sua nova namorada, podiam se dar ao luxo de viver no hedonismo.

As massagens de Angel no fim de todas as noites eram a recompensa de um dia infernal. Profundos e vigorosos toques com as mãos, cotovelos e pés, estimulando os músculos e a circulação sanguínea. Ambas estavam nuas, Nina deitada de costas, recebendo o estímulo da namorada. No entanto, as dores nas articulações não a deixavam esquecer de seu penoso serviço. Os pés doíam, sinal de um dia inteiro em pé, no ônibus e no serviço; tinha também algumas queimaduras de gordura que espierrara e uma dor na mão por causa dos serviços repetitivos.

– Isso equilibra o seu espiritual, mental e emocional.

– Preciso mesmo. O dia foi um inferno no serviço. Eu não nasci para isso.

Angel parou a massagem, e Nina virou-se para ela, uma lágrima sincera escorrendo da face.

– A vida não tem sido fácil pra você, não é? – Secou uma lágrima dela com as costas da mão. – Mas você vai dar a volta por cima, um passo de cada vez. Além disso, todo trabalho é digno.

– Eu sei. Preciso acalmar meu coração. Eu me magoo com facilidade.

– Se tiver algo a ver com hoje de manhã... Não liga para a Ingrid. Ela é ácida mesmo. Notei a provocação. Ela é uma velha amiga enciumada. Logo ela se acostuma. Você está muito carregada, precisa se purificar. Vou te levar para um banho de cachoeira, em que vamos nos reconectar com nosso lado sagrado feminino, nesse fim de semana.

Selou a conversa com um beijo, que foi se acalentando pelo resto da noite...

Na sexta à noite, elas aprontaram as malas para o acampamento Wicca. Nina ficou apreensiva. O encontro do grupo era em Paraibuna. A estrada era em boa parte sinuosa após sair da rodovia Tamoios; havia algumas áreas bem bonitas, onde as copas das árvores se encontravam acima, fazendo sombra abundante. Passaram por moinhos e extensos pastos com predominância de boi branco de corte. Nina não conseguiu evitar perguntar:

– Vocês são adoradores do diabo?

Angel riu.

– É o que todos pensam. Não acreditamos que ele exista. Não somos dualistas, o bem e o mal, entende? Não reconhecemos nenhuma hierarquia autoritária, acreditamos na reencarnação como uma espécie de evolução. Temos servidão à terra, repúdio a toda forma de preconceito, e visamos, acima de tudo, à igualdade e ao respeito pelas religiões.

– E rola sexo nos chamados sabbaths?

– É isso o que você quer? – Deu um selinho. – Temos 8 sabbaths solares e 13 esbbaths lunares. Média de 21 ritos ao ano. Não há sexo ou orgias, como as pessoas pensam. Tudo está relacionado ao deus e à deusa. Você precisa ser batizada com um

nome de bruxa, um nome mágico, e deve ter sua vassoura personalizada. Toda bruxa que se preze tem uma.

Isso soou meio cômico à garota, e ela sufocou um riso que ameaçava surgir.

– E os feitiços? Funcionam?

– Claro que funcionam. Basta pedir com fé. E, é claro, se for em sigilo possui mais força. Mas lembre-se sempre: tudo aquilo feito para o bem ou para o mal volta triplicado. É a lei tríplice, e ela não é exclusiva da nossa religião, é algo universal. Não faça nada que prejudique outra pessoa ou você mesma.

Nina ouviu com ceticismo tal frase, mas sem manifestar qualquer expressão facial, para não desagradar sua anfitriã e provedora. Sabia que na prática nunca testemunhara pessoas que cometeram injustiças serem castigadas, e os humilhados e perseguidos terem um belo alvorecer garantido por se resignarem em serem vítimas. Ela era a prova de que o destino, Deus ou qualquer outra entidade não se importavam com suas dores, e que o melhor seria que o mundo, em vez de se tornar uma fonte de desejos, simplesmente deixasse de existir.

4

WICCA

Enfim chegaram a um chalé no alto de uma colina. Foram recebidas por uma senhora alinhada, de cabelo branco, usando um vestido que parecia da era passada, com um bordado na parte superior, se estendendo dos ombros ao centro dos seios – uma espécie de roupa confeccionada no século XVIII ou no final da era vitoriana. Disse se chamar Margery, e Nina soube depois que esse era seu nome de batismo de bruxa.

– Olá, meus amores! Sintam-se acolhidas!

– Namastê – replicou Angel. – Nina, essa é Margery, ela vai te ajudar nos primeiros passos.

– Claro! Venha, vamos tomar um chá.

Tomaram um chá de boldo em frente da mata, em um espaço onde os pássaros pousavam para comer restos de mamão, colocados propositalmente sobre as toras para atraí-los. O farfalhar das árvores dava uma característica mágica ao local. A mulher portava-se como uma professora ou mestra.

– A melhor forma de iniciar um estudo é sempre por sua origem. Wicca vem de Wicce, significa dobrar, girar ou moldar. É o símbolo da fertilidade. Existimos desde o período Paleolítico. Aí depois veio toda a história da Inquisição, o Martelo das Bruxas. Os Malleus Maleficarum quase nos dizimaram.

– Eu achava que na Idade da Pedra os humanos nem mesmo enterravam seus mortos, eram então simples macacos – replicou Nina.

Angel a reconfortou e, em pé atrás de Nina, apoiou-se em seu ombro. A velha senhora ignorou o comentário deselegante e prosseguiu:

– A bruxaria teve uma retomada significativa na década de 1950, quando Gerald Gardner nos reavivou, e hoje estamos na casa de 250 milhões por todo o mundo. O feminismo teve um papel fundamental nesse crescimento. A necessidade de uma religião que não fosse patriarcal veio a calhar com o momento. Somos politeístas, valorizamos a ancestralidade, o folclore, a magia natural, o homem e a natureza. Existem várias ramificações: a gardneriana, a alexandrina, entre outras. Existem também os bruxos solitários. No entanto, os que se juntam em grupos como o nosso, chamado Coven, seguem as regras, e cada bruxo ou bruxa têm seu caderno próprio, que deve ser escrito à mão. Você passará por um ano de adaptação para ver se é isso mesmo o que quer, antes de ser iniciada como bruxa.

– Quero fazer uma magia. Posso? – perguntou. A frase soou mesmo a ela como uma provocação camuflada de cordialidade.

– Sempre faça a magia, desde que tenha um bom motivo. Antes precisa aprender os ritos, as fases da lua, os feriados sazonais. Vamos descobrir se tem poderes psíquicos e restaurar seu equilíbrio energético. E toda bruxa que se preze deve dominar algum oráculo.

Na beira da cachoeira cobriram-se com argila, deitaram-se e olharam para o céu. Sentiram a terra, o vento, dançaram, se abraçaram e, ao fim, se banharam, restaurando a energia na água vibrante da cachoeira. Podia ter sido sugestão mental, mas Nina se sentiu emanada em uma energia pura que há tempos não sentia. Por fim, montou sua vassoura, agora sem qualquer traço de cinismo.

Chegou a noite, e Nina, com o auxílio de uma tocha, percorreu um caminho ladeado de pedras e árvores retorcidas, que levavam a uma clareira, onde um grupo de mulheres sintonizavam o ato mágico com a fase da lua, que naquela noite era cheia, a favorita e de grande poder.

– Nunca realize um ritual na lua negra, a que antecede a nova – orientou Angel.

– Só usava referência de lua para cortar meu cabelo.

– A lua tem grande poder, não vê que influencia até mesmo as marés?

– Qual é o problema com a lua negra?

– Ela se refere à transmutação, remete às deusas negras, terror e malefícios. É a lua dos poderes destrutivos, dos cataclismos naturais. Uma força perigosa.

– Cite-me algumas deusas. Estou curiosa.

– Morrígan é a deusa tríplice celta. Tem também Hecate, deusa anciã celta. Vou te ensinar o calendário. São 28 dias, a cada sete dias um novo ciclo se repete.

O grupo de mulheres estava dividido em duas cores, as de branco e as de preto. Era um círculo mágico. Traçaram um pentagrama invocante com o bastão para canalizar a energia da deusa. Havia um copo de água, três incensos de cravo-

da-índia, um pires com sal e uma vela vermelha acesa. Então, começaram a entoar os mantras...

- Tudo está interligado e conectado neste círculo mágico...
- A terra é seu corpo, o ar é seu sopro...
- O fogo é seu espírito, a água, seu útero vivo...

Então, ergueram os braços, saudaram as estrelas e iniciaram a dança circular sagrada, um círculo de energia. O primeiro passo dos feitiços. As bruxas de branco estavam em ascensão, as de preto já eram sacerdotisas, como o caso de Angel e Margery, e faziam invocação a Danna, deusa da cura e da fertilidade. O clima era ameno, o calor que emanava da fogueira crepitante era reconfortante, e os barulhos da mata, conectivos.

Depois, o grupo eclético, com senhoras e jovens, encaminhou-se para uma espécie de câmara mortuária. O caminho era estreito e claustrofóbico. Todas do grupo fecharam os olhos e visualizaram sua ancestralidade. Entraram em transe. O local representava um renascimento, morte e vida. Em sua visão, Nina imaginou um animal guia que a conduzia para fora dali. Uma águia entrou na gruta, a sobrevoou, pousou em sua nuca, cravou as garras em seu pescoço, a ponto de rasgar sua pele, e começou a arrastá-la, mas não havia dor, como se existisse um anestésico nas garras amarelas, pontiagudas e retorcidas. Bateu voo e sobrevoou o céu. Sentiu uma vertigem, semelhante a uma descida de montanha-russa, a que logo se habituou, entrando em um estágio de hibernação. O grupo entoava cânticos. Foi voltando a si, a vista ainda enevoada, como se dopada por algum barbitúrico ou anestesia cirúrgica. Logo seus sentidos foram retomando. Sentiu o controle de seu corpo, revigorando-se a cada segundo. Continuava no local de origem, em frente às mulheres, que em igual êxtase entoavam:

– Espírito da terra... Espírito dessa terra que pisamos... Poderes dos ancestrais... Pedimos que entregue o melhor instrumento para nossa vida útil... Que assim seja, que assim se faça...

Ao fim, para dispersar, fizeram um pentagrama evanescente, em sentido contrário.

De volta ao aconchego do chalé, enquanto Nina era toda ouvidos, Angel lhe passava instruções de como montar um altar. Os quatro elementos estavam representados; um bastão consagrado com o próprio sangue menstrual da bruxa representava o fogo, e ainda havia elementos de terra, água e ar.

- Está de brincadeira. Sangue menstrual? É sério?
- Nosso sangue é sagrado. Você pode colhê-lo em um vasinho ou deixar direto na natureza.
- Entendi. E qual é seu nome de bruxa?

- Agnes.
- Ah, sim. Agnes, vai ler minha sorte?
- Claro que vou.

Angel correu ao quarto e voltou com uma caixa na mão. Dela, tirou um maço de cartas de tarô. Preparou a mesa e ambas se sentaram frente a frente.

– Que sorte! Minha namorada é cartomante.

– Cartomante lê cartas. Não se confunda. Sou taróloga. Escolha cinco cartas de tarô e pode virá-las na mesa.

A garota o fez. O resultado não alegrou nada a sua anfitriã. As cartas abertas em seu conjunto denotavam uma negatividade. Eram o louco, que representava uma excentricidade; o mundo, representando fertilidade – algo bom, mas seria uma gravidez próxima? –; a torre, as convicções erradas; o colapso, o diabo canalizando as energias negativas; e o dependurado, que poderia ser um sacrifício. Angel notou naquele momento haver algo de muito especial em Nina. O resto da noite transcorreu tranquilo. Dormiram abraçadas ouvindo os barulhos da floresta. Pela manhã retornariam às suas atividades normais. Aquela atividade dava um caráter mais surreal para aquela noite.

Esse estilo de vida perdurou por dois anos. E Nina já era uma bruxa.

Mas o destino da garota estava atrelado ao passado.

Fazia um calor insuportável naquele dia, a roupa de Nina colava em seu corpo diante da chapa de lanches. Já tinha se acostumado à fauna habitual daquele lugar. Havia o onipresente bêbado galanteador, que tomava doses cavалares de pinga e sempre a olhava como se quisesse devorá-la, embora aquele gordo não suportasse nem uma rapidinha de cinco minutos antes de se afogar na própria respiração ofegante – isso se achasse seu pintinho murcho. Sua face avermelhada lhe rendera o apelido de Zé Vermelho. Havia ainda a senhora que escolhia os pães com uma cautela insuportável e quase cirúrgica: “Quero o mais moreninho”. E o que dizer do cara que comprava uma coxinha e gastava o frasco de maionese inteiro, dando mais prejuízo do que lucro? Não que se importasse com o Genaro perder dinheiro, mas aquele tipo de ato mísero realmente a incomodava. Tudo aquilo contrastava de maneira gritante com os acontecimentos lúdicos da magia.

Então surgiu na padaria um casal feliz, típico de comercial de margarina. O marido, bem trajado com camisa social, mangas dobradas na altura dos cotovelos, ostentava um relógio caro e roupas de um tecido de qualidade. A barba cerrada o deixava atraente, até mesmo aqueles fios mesclados de cabelo branco davam a ele um charme contemporâneo e certo poder. Tinha braços fortes e tórax delineado, um porto seguro. A esposa esboçava satisfação plena, uma aura leve, típica de quem estava em uma boa fase na vida. Igualmente na tendência da moda, com um vestido

leve e discreto, cabelo pintado em tons castanhos e obviamente escovado por profissionais, esboçava um brilho e uma jovialidade invejáveis. Bem diferente do cabelo de Nina, que já começava a desbotar – também pudera, com toda a gordura que recebia durante o dia, se passasse um algodão com Higiporo na face, certamente ele sairia preto. Angel se mostrara um tanto cautelosa em ajudá-la financeiramente, e isso não lhe permitia avançar ao patamar que desejava.

O casal estava com duas crianças: um menino de cabelos ondulados com seus 7 anos, bem vestido, ostentando roupas de marca e um tênis que se iluminava ao pisar no chão, e um bebê viçoso e bonito. Não bastasse isso, tinham estacionado na frente da padaria uma caminhonete S10 cabine dupla de última geração, igualmente lustrosa e bem encerada. Apostaria ser um fazendeiro, mesmo sem conhecê-lo.

Quando reconheceu o homem, mal pôde se conter.

Era o Ricardo, que a violentara covardemente no passado. O imperativo desejo de justiça dos seres humanos não passava de quimera. Mesmo sem nunca ter lido uma só linha dos filósofos existenciais, a garota no alto de seus anos mal vividos concluiu que o universo não se importava nem um pouco com os desafortunados. Se por um lado a desestimulava, por outro a libertava do jugo pessoal de seguir regras sociais, impostas desde a infância, fazendo-a concluir que só os egoístas triunfam.

E essa era a vida, o desfecho. Ela em condições sociais inferiores teria agora que servir o desgraçado! Não bastasse, ainda aparentavam ter um ótimo relacionamento. A mulher se preocupava com ele e nitidamente o amava, sorria e deitava a cabeça no ombro dele. Pensamentos perversos inundaram a sua mente, transpondo-a a um outro tipo de plano espiritual, no qual a realização equipara-se ao grau de sofrimento do outro. Mesmerizada por tal sentimento, mal percebeu a ponta de seus dedos da mão esquerda declinarem sobre a chapa fervente, e quando os sentiu, olhou pelo canto do olho e observou que o rapaz carregava no peito um crucifixo; provavelmente havia em seu carro as piegas fitinhas de Nossa Senhora Aparecida, que sempre carregou. Sim, ele era adepto das caminhadas purificadoras em busca de graça.

Ele a viu e prontamente a reconheceu. Criou-se um clima. Embora a própria esposa tivesse notado algo de errado, não deu importância. Devia ter sido um flerte do passado, e certamente, ela, com seu perfume adocicado de jasmim da marca J'adore, não desceria de seu pedestal de rainha por uma garçonne fedendo a bacon.

Seguindo o carro-chefe da casa, beirute com queijo coalho e frango refogado com ervas, Nina fez questão de quebrar o protocolo e servir o prato no lugar de William, que estranhou, mas não reclamou.

– Bom apetite! – disse, sorridente feito uma paranoica. Nina voltou-se ao bebê. Ricardo ficou tenso. – Que belo bebê. Parabéns, mamãe!

– Obrigada!

Nina caminhou pelo corredor da padaria, indiferente ao X-salada torrando na chapa, ignorando os chamados de Genaro e a apreensão de William. Trancou-se em um banheiro minúsculo, que dividia porcamente com um estoque de gordura e óleos vegetais, sentou-se na privada e começou a chorar. Estava desorientada, não sabia o que era aquele sentimento... Seria um desgosto terrível por uma vida falida?

Quando voltou ao serviço, eles já tinham partido. Esqueceram para trás um bracelete da esposa. Agora lembrava, o garotinho estava brincando com ele; de tanto insistir, a mãe cedeu aos desejos do pequeno. Ele usava como uma espécie de roda, girando-o sobre a mesa. Ficou perdida no meio da infinidade de guardanapos, provavelmente um dos brinquedos do menino, que não parava de picotá-los. Instintivamente, colocou o bracelete no bolso de sua roupa de garçonete.

À noite, William fechou a padaria, e Genaro já tinha fechado o caixa. Preferiu caminhar até o centro para economizar uma passagem de ônibus; mais do que isso, evitar os transtornos, os gritos, silvos histéricos daquela molecada que saía da escola, no auge de seus hormônios eclodindo e como babuínos querendo chamar atenção das meninas, não menos irritantes. Foi quando reconheceu aquela caminhonete, que era muito peculiar, o vidro filmado, o santo-antônio, estribo, engate, tudo cromado, e aquele adesivo cafona de um homem de chapéu na parte traseira. Respirou fundo. Ele já a observava do retrovisor. Quando ela passou, ele saiu da caminhonete, chamando-a:

– Nina Maria!

Ninguém no mundo a chamava pelo nome composto, nem mesmo seus pais.

Ela se virou, apática, escondendo suas emoções.

– Não sabia que trabalhava nessa padaria. Faz tanto tempo...

– Linda sua família. – Deu um riso irônico.

– Só vim pra te falar que nunca mais vou pisar no seu serviço. Eu pertenço ao passado. Agora que me viu, pode ter reacendido algo. Só te joga a real, deixa minha família em paz!

– Acha que tem o direito de me repreender? Você me usou naquela noite, seu desgraçado!

– Você deve mesmo ser louca! Ou é muito cínica. Você encheu a cara e se insinuou. Tivemos uma noite de amor. Depois você distorceu os fatos, estava extremamente bêbada naquela noite. Não houve “boa noite, Cinderela” nenhum. Você tomou um porre daqueles. Queria relacionamento sério e, quando tomou um fora, enlouqueceu. Me acusaram de várias inverdades, mas nunca comprovou porque nunca houve isso, Nina. Você teve tanta convicção nessa mentira que me parece até que você acredita.

– Todos caçoavam de mim. Você me usou.

– As pessoas replicavam o que você dizia, e as pessoas são maldosas, aumentam a história. Por isso mandamos sua família embora. Mas não sei por que

estou perdendo tempo com isso.

Nina estava vermelha e visivelmente irritada. Ela apontou o dedo para Ricardo.

– Já não me importa mais o que você diz. Eu prometi que você ia pagar por seus crimes, e isso vai acontecer.

E assim Nina partiu, na escuridão...

5

VINGANÇA

Toda corrente tem seu elo fraco.

A pequena Nina vivia numa casa simples. A comida era esquentada no fogão a lenha, também utilizado para aquecer a casa em dias frios. As janelas e as portas, feitas de madeira improvisada, tinham fendas e eram corroídas pela ação do tempo. Não que ali tivesse problema de segurança; trancavam portas por outros motivos, na tentativa de impedir a entrada dos animais, principalmente de um dos dez cães sarnentos da fazenda.

Foi considerada uma criança estranha. Demorou para andar e começou a falar apenas aos 7 anos. Desde pequena esboçava incompreensíveis palavras curtas, dispersas, sem nunca formar uma frase. Pai, cai, água. Algo que poderia ser diagnosticado como autismo leve, se tivessem profissionais competentes à época. Embora alguns dissessem que devia ser surda, sua mãe sabia que não era verdade. Atendia aos chamados e se entretinha com sons. Aos poucos, isso foi ficando para trás. Herdou não se sabe de quem uma beleza etérea e era considerada uma criança dócil até demais, talvez fruto de algum problema neurológico não diagnosticado. Demorou exatos seis anos para sair da fralda, e oito para largar a chupeta.

Conforme crescia, não se sentia parte daquilo. Viver ladeada de árvores e uma vara de porcos era um paradoxo. Podia ser um paraíso para alguns. O tempo ali demorava a passar; deitada na rede, olhava para o mesmo morro, a árvore, a vaca apática mastigando e regurgitando. Jogava milho para as galinhas e atendia às demandas da madame. Mas não era a natureza que a entediava, eram as pessoas.

Era natural, durante a adolescência, um instinto desbravador contrário à apatia conformista que lhe recaíra nos últimos tempos. Por seu histórico de isolamento voluntário, Nina Maria não parecia seguir a cartilha obrigatória de uma jovem daqueles tempos. Possuía mais os trejeitos de uma Carrie, a estranha, do que os de uma celebridade youtuber. Sentia-se adaptada ao convívio com os pais, que a suportaram no período larval, no qual só lhes trouxe preocupação por seu atraso aparente. Gente da roça não lida bem com prole inerte, e, para os aldeões, o fato de não terem um filho homem, mesmo nos tempos atuais, soava de maneira velada como certo ar de maldição.

Seu Ignácio, o pai de Nina, acordava bem cedo, antes das galinhas, antes mesmo de amanhecer. Ligava o rádio de pilha no programa do Zé Bettio. Fazia um café bem forte, pegava suas ferramentas e embrenhava caminho afora. Suas mãos calejadas eram fruto dos serviços braçais de uma vida. Era antissocial, quase ao ponto de se tornar um eremita. Sua pele era castigada pelo sol, tinha nariz grande, típico dos imigrantes poloneses, e um leve traço indígena, e era baixinho, gordinho e com uma leve cifose. Usava a picadeira, instrumento perigoso, para preparar a comida do gado. Baixava o mato na foice ou cortava na enxada.

A tal braquiária era uma praga, um parasita. O mato sempre crescia desenfreado, dominando tudo. Se deixasse, passava por cima de sua cabeça, encobrendo-a. Já existia a tal roçadeira a gasolina, mas o patrão não gostaria de facilitar a vida de seus serviçais. Nas horas vagas, levava sempre com ele uma aguardente e o velho fumo de rolo, que gostava de cortar com seu canivete e enrolar. O cheiro impregnava sua roupa e seu ser. Antes disso do que o cigarro industrial e suas mais de quatro mil substâncias tóxicas. Quanto ao cheiro, também pudera, tomar banho uma vez por semana tinha suas consequências.

Gostava das coisas simples, da casa de pau a pique, do filtro de barro, de tomar café no copo americano e de ter como principal veículo uma carroça e um burro velho. Do cheiro predominante do milho na casa, da pamonha, do curau, e de tudo o que se podia comer do que se plantava. A roça acabava aos poucos com a vaidade, lá não era preciso se embelezar. Tomava-se banho com bucha, prendia-se o cabelo de maneira desordenada mesmo, os pés no chão, formando aquela crosta impenetrável. Nina odiava tudo aquilo. A alimentação principal do dia era arroz e feijão, não havia bolacha recheada, coisa que o patrãozinho sempre aparecia comendo. Foi se enfastiando daquele universo de ruralismo, não vivia em uma redoma de vidro.

Esses problemas de infância são os mais difíceis de superar, daí surgem os traumas e te norteiam, te guiam na vida adulta.

Chegou a hora de ir para a escola, já com seus 9 anos. Estava atrasada. Era a escola da roça, mas ninguém ali era tão pobre quanto ela. Ia a pé por uma estrada de terra, e quando chovia tornava-se quase impossível não chegar emporcalhada de barro. Sua mãe dividiu seu cabelo em duas tranças laterais e a ajeitou da melhor

maneira possível. Na lancheira, sempre algo derivado do milho, geralmente uma broa ou pamonha.

Os poucos livros que tinha em casa eram contos infantis ilustrados, adquiridos por sua mãe, uma morena alta e de olhos cinzentos. Com carícia pouco habitual, repartia-lhe o cabelo em duas tranças laterais, enquanto a aconselhava sobre como se portar no ambiente escolar. Para o convívio social, ser ordenado era necessário para manter o verniz da aparência abastada desde a mais tenra idade.

As meninas, com suas roupas afetando sensualidade, caçoavam de seus trajes, com ares infantis, surrados e com bolinhas brancas. As crianças conseguiam chegar a um nível de maldade sem freios, em um tempo em que nem existia ainda a palavra bullying. Toda sexta-feira era dia de levar brinquedo; o dela era a mesma boneca de cabelos sujos, a qual ela chamava Juliana, mas as outras crianças apelidaram-na de piolhenta. Renata, uma garota cor de jambo, já tinha bem pouco do espírito desbravador infantil e estava, na verdade, bem adaptada ao mundo. Era a garota que mais a ofendia, fazia parte do grupo dos populares.

– Olha, ela trouxe a piolhenta!

O grupo de meninas riu desenfreadamente. Então Renata concluiu:

– Ela própria é a piolhenta. Filha de caseiros. Nem deveria estar estudando, e sim limpando o estrume dos porcos. Esse é o seu lugar!

Na hora do intervalo soou a campainha, que mais parecia a de um presídio. De longe, Nina observava com raiva sua algoz. Como desejou que ela tivesse uma doença de pele e padecesse em um hospital até o dia da morte! As meninas olhavam para ela e riam.

– Olha a piolhenta chegando!

No corredor, no alto, havia um vespeiro formado. Um moleque traquinas arremessou uma pedra atizando as vespas. Logo formou-se um enxame daqueles pequenos demônios. Picaram no mínimo seis crianças. Renata foi uma delas. Foi atingida inclusive no lábio e na face. O que se sucedeu àquilo foram vários alunos na enfermaria passando álcool, o mesmo que usavam no mimeógrafo, para amenizar a dor. A diretora teve que deixar os garotos para trás para atender a uma gritaria que vinha da ala de cima.

Renata era alérgica. Seu rosto inchou por completo, o lábio triplicou em um inchaço desproporcional. A menina agonizava com falta de ar. Nina estava a seu lado e sentia um enorme prazer em tudo aquilo, principalmente em estar no campo de visão da garota, observando-a sem prestar qualquer ajuda. A menina colocou a língua para fora, a passagem de ar estava obstruída, logo arroxeceu, e era tarde demais. Nina tinha desejado a morte dela pouco antes. Imaginou se tratar de coincidência, uma feliz coincidência...

Aos 16 anos, Nina passou um batom vermelho nos lábios pela primeira vez na vida. Estava animada. Foi em uma festa do sagrado divino. Encontro de gente da roça, mas Ricardo estaria lá. A área central contava com uma grande fogueira. As

conhecidas bandeirolas, barracas, pessoas subindo no pau de sebo. Senhoras comendo bolinhos caipiras e tomando quentão. Perdeu-se no tempo e, quando se deu conta, já era bem tarde. Tomou uma surra de cinta de seu Ignácio, como nunca havia tomado, quando chegou em casa.

– Filha minha não vai sair pra rua igual a uma rapariga.

Ele era um hipócrita. Certa vez, pegou o canalha de seu pai no meio do mato com uma vaca. Com o auxílio de um banquinho, ele mandava ver após ter ordenhado a coitada, embora o animal mal sentisse aquele membro insignificante. Anos depois, pensou ser proposital, ele queria que ela visse.

No dia seguinte, ele estava na lida preparando a comida do gado, quando notou sua filha observando-o. Ela tinha uma feição de ódio, ele estranhou. Achou ser ressentimento da surra do dia anterior. Em uma leve distração, deixou a mão escorregar na picadeira. A máquina começou a triturar suas falanges; enquanto ele urrava, o motor ia puxando. Dependia da garota desligar a picadeira, mas ela não teve pressa. O sangue voltava generosamente na face do velho, que perdeu as forças e desmaiou. Enfim, chegou em um ponto em que, já consumido até o cotovelo, a máquina travou, não conseguindo mais sugá-lo. Sem pressa, Nina voltou à fazenda para relatar o ocorrido. A total falta de empatia da garota foi notada pela mãe.

O patrão apenas se preocupava com os serviços:

– Preciso arrumar um substituto. Agora vai me dar prejuízo. Quanto tempo ficará encostado esse peão?

O homem continuou trabalhando na fazenda, e se conhecesse os direitos trabalhistas saberia que o único motivo de não ter sido mandado embora naquele dia era o medo do patrão. O ocorrido na cachoeira, no entanto, anos depois, foi um motivo oculto para a demissão. A família arrumou moradia e serviço em um sítio com piores condições de trabalho, e a culpa sempre recaiu nela. Nina partiu em uma noite sem estrelas, sem nem mesmo olhar para trás. Uma pequenina trouxa de roupas e saiu mundo afora. Nunca sentiu fazer parte daquela família.

A jovem ruiva tomou um belo banho para se esquecer do que havia ocorrido na padaria. Angel finalizou os preparativos para o jantar. Quatro pessoas naquela noite. A ácida Ingrid e uma amiga bailarina chamada Andrea como convidados de honra. Andrea, nascida do sexo masculino, estava no processo de mudança de gênero. O nome lhe caía bem. Conhecida por suas performances nas boates, em que abusava do psicodélico e do neon, falava tudo com uma entonação britânica, uma mulher nata e refinada. Magra, com roupas coladas e, de certa maneira, andrógina, exalava uma beleza feminina, mesmo mantendo axilas com pelos. Seus trejeitos femininos lembravam uma ave de rapina, delicada ao comer, uma bailarina nata.

Angel serviu caldinho com rodelas de pão cortado em tiras para acompanhamento. Nina foi se servir na cozinha e, quando se aproximou, ouviu Ingrid falando dela.

– Você é louca! Colocar uma garçonete pra dentro da sua casa? Já faz dois anos, e ela continua na sua aba. Ainda não me acostumei com isso.

Andrea foi mais polida:

– Dê uma chance à garota. Achei ela simpática.

– Não passa de uma bisca interesseira.

Então Ingrid notou que sua desafeta estava em pé à sua frente e ouviu seus desaforos. Não sentiu vergonha ou vontade de se desculpar, sentia-se aliviada por soltar o que achava. Tinha orgulho em dizer que era sincera, em dizer tudo o que pensava, “doa a quem doer”. As pessoas cruéis gostavam de se denominar assim. Duas moscas brotaram do prato de sopa de Ingrid naquele exato momento, o que causou repúdio. Ela cuspiu a comida que estava em sua boca.

– Que nojo!

Angel não sabia como se desculpar.

– Tudo estava tão limpo. Nunca vi moscas aqui. Me desculpa! Que vergonha!

– Deixa pra lá – replicou Ingrid. – Não estava com fome mesmo.

A aeromoça se perguntava como as moscas demoraram tanto tempo para emergir de um prato fumegante. Aquilo era inexplicável, ao menos em seu entendimento.

A garçonete a observava com um leve contentamento, a boca puxada num sorriso discreto. Os insetos boiando colocaram uma pedra naquela história. Ela falou:

– Angel, vou sair para tomar um ar.

Foi muito mais que um ar. Já desceu para o hall chamando um Uber pelo aplicativo do novo celular que ganhara de sua namorada abastada. Esperava muito mais que isso quando se conheceram. Perguntava-se como sua namorada mantinha uma amizade tóxica, contrariando os preceitos de sua religião. Era difícil se livrar de alguns males.

Nina e Angel viviam um relacionamento aberto. Por esse motivo, saídas furtivas eram toleradas com vista grossa, mas Angel desconhecia seu verdadeiro paradeiro. O desejo de vingança e o ressentimento levaram Nina ao lado obscuro da magia. Secretamente vinha se envolvendo com o lado negro havia mais de um ano; sem a presença ou consentimento de Angel, ela foi ao encontro de um grupo de bruxas que seguiam de forma deturpada e errônea a sua religião, na cidade de Pindamonhangaba. Seu desenvolvimento psíquico era acelerado e fora da normalidade. Esperou a lua negra. Tudo o que queria era destruir a vida de Ricardo e sua prole, e começaria por aqueles que ele amava, sem qualquer remorso. Agiria com o mundo da mesma maneira que todos agiam com ela. Para ser justa, a lei

máxima da natureza, que não dá concessões aos fracos e piedosos. Nisto, o darwinismo e a magia negra concordavam, os inaptos deviam padecer.

Os primeiros seriam os que o cercavam, chamados de família. Pisando descalça e nua no platô descampado onde seria feito o ritual, suspirou fundo antes de dar as mãos a outras quatro senhoras que a acompanhavam no sacrilégio. Nina era apenas um novilho, dançou como se tivesse nascido para isto. Silvos de serpentes emanavam das gengivas em um coro tétrico, e urros bovinos quase as faziam se esquecer de que provinham de mulheres, e não de bestas no cio. O fato de o local ser afastado da cidade lhes dava a segurança para interpretarem da maneira mais exorbitante seus papéis.

Já tinha se banquetado de comidas de fina iguaria, todas sem sal, para não desagradar ao mestre; seu corpo estava untado com unguento, ingeriu um pó feito de plantas e estava embebedada por um chá de beladona. O restante de lucidez que poderia haver em suas mentes saiu pelo canal vaginal, junto com suas urinas ácidas. Em meio a risadas histéricas, roíam os pulsos, até que sangue e saliva se mesclassem. Não eram mais donas de si, se entregavam ao poder da autossugestão, num lapso de tempo ou em uma eternidade. O que ocorria naquele descampado ia contra todas as normas racionais do universo.

– Oh, ser indomável, animalesco, sexual e da noite. Tu és forte, poderoso...

– Oh, senhor da noite, caçador e lorde do submundo, pastor e curandeiro no inverno. No verão o rei do sol e do milho. Não deves ser temido...

– Pelos poderes de baixo e do submundo, eu consagro e dedico à arte antiga...

– Conceda meus desejos, quero a destruição de Ricardo e sua família...

A entidade apareceu na forma de um gigantesco boi preto, do tamanho de um zebu, com patas fendidas, chifres, pele rugosa e seios à mostra. Um ser hermafrodita, de língua bifurcada, exalando um cheiro fétido. Adentrou pela esquerda das oferendas. Parecia que todo o ar do ambiente se dirigia a ele. O clima tornou-se opressor e o próprio vento se recusava a soprar. O ímpeto das bruxas também diminuiu com a visão da criatura, pois, ao contrário do senso comum, invocações a criaturas geralmente acabavam em nada; somente reflexos dos próprios entorpecimentos serviriam de memórias para suas conversas futuras.

Desta vez, o choque foi tão profundo que muitas delas recuperaram a sobriedade. De todas, a mais extasiada era Nina. Orgulhosa por sentir-se uma eleita com a visita da entidade, chegou quase a se esquecer do motivo da invocação. Audaciosa, tocou os pelos negros e grossos do zebu e o beijou nos lábios arfantes. Suas companheiras se envolveram enquanto ela erguia-se sobre seus calcanhares, mal chegando ao dorso do animal. Trêmula e lacrimejante, se prostrou ante a fera com olhos de homem e tentou lhe dirigir a voz, mas engasgou. Temeu parecer fraca diante do deus à sua frente, mas ele vinha em seu socorro.

Já sentia sua falta, pequena...

Demoraste mais que o necessário para me invocar, criança de cabelos de fogo...

Chegou a hora de desfrutar todo o gozo que este mundo te deve...

Enquanto o ser animalesco se desvanecia, ela via claramente toda a verdade. Reconhecia aquele cheiro de enxofre, o reconhecia de visões e sonhos da infância.

Tu és entregue a mim, desde criança...

Deixe florescer sua ira...

Em seu delírio, parecia estar voando, e do alto observava um legítimo quadro de Goya. A sinfonia fantástica de Berlioz.

Lançou o bracelete que flutuou no ar, depois caiu e se partiu.

Eu quero um sacrifício...

Eu sou tua, oh, mestre!...

Saúdo o deus e a deusa. Realizem meus desejos, oh, regentes deste mundo...

6

MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS

Angel fingiu dormir quando, às cinco da manhã, Nina chegou na ponta dos pés, com as sandálias nas mãos. Tinha apenas duas horas de sono. Exausta, dormiu feito uma pedra. Angel titubeou por um bom tempo. Curiosa, aproveitou e pegou o celular da namorada para investigar o que estava havendo. O WhatsApp estava repleto de mensagens apagadas. Entrou no Facebook dela, aberto na página de Ricardo, que ostentava uma foto de perfil com chapéu na cabeça. Tinha informações do seu haras, telefone, foto dos familiares; tudo o que uma pessoa precisasse encontraria ali. Um diário aberto. E pensar que até pouco tempo atrás diários eram guardados a sete chaves, e burlá-los era motivo de briga. Hoje, tudo era exposto. Foi devolver o aparelho à bolsa, mas Nina já estava em pé atrás dela. Angel tomou um susto.

– Invadindo minha privacidade?

– Desculpa. – Devolveu o celular. – Está atrasada para ir ao serviço. Eu te levo de carro.

– Não precisa.

– Onde você estava ontem à noite, Nina? Saiu do jantar sem dar satisfações. Chegou há menos de duas horas.

Nina manteve-se em silêncio.

– Ontem foi lua negra. Cuidado com seus atos. Lembre-se, eles voltam contra você.

– Aham. – Deu um selinho no lábio dela. – Eu sei me cuidar.

Despiu-se e foi tomar um banho, jogando o robe rosa no chão. Tinha algo de diferente nela. Angel não soube precisar o quê.

– Quem é Ricardo?

– Um babaca do passado.

– Entendi.

– Está com ciúmes? Entrei na página dele por uma curiosidade boba.

– Você é livre. Faz o que quiser, desde que esteja pronta para colher o que planta.

Angel achou melhor encerrar o assunto ali.

Enquanto tomavam café, Ramiro pulou no colo de Nina e ficou se aninhando nela.

– Ramiro! Deixe-a em paz!

Foi quando o gato rosnou para sua dona. Isso nunca tinha acontecido antes. Indignada, atreveu-se a tentar pegá-lo, mas ele saltou no rosto de Angel e a arranhou, em seguida, saiu correndo e se escondeu embaixo da cama.

– O que deu nele? Nunca fez isso!

– Acho que ele tem uma nova dona.

Angel foi lavar o ferimento e desinfetá-lo. Colocou uma toalha na face para secar.

– Ingrid me ligou. Ela vomitou a noite toda, está desidratada e muito mal. Ela diz que tudo começou após o evento das moscas na sopa, algo diabólico. Disse que você olhava para ela com sarcasmo nesse momento. A saúde dela veio declinando desde então. Em um dos jatos de vômito amarelado saiu cabelo e mosca morta da boca dela. Isso é sério! Ela faltou ao serviço, está praticamente uma inválida na cama. Não sei com o que está lidando, mas precisa parar.

– Está me acusando pelo aparecimento das moscas? Não seja ridícula! Ingrid nunca foi com a minha cara. Ela me persegue. E foi você mesma quem me introduziu no mundo da magia.

Era verdade. Mas Nina parecia uma autodidata. E aprendera, em pouco tempo, o que ela não atingira em décadas...

– Eu abri as portas para você, apresentei o caminho da magia, mas você se mostrou uma péssima aluna. Estou profundamente decepcionada. Onde estava?

– Fazendo magia negra para destruir a vida do meu desafeto – disse sem preâmbulos.

– Se tem pendências do passado, não pode viver o presente em sua plenitude. Você tem mente pequena. Quero que vá embora, ok? Sem mágoas.

– Então é isso. Aquela vaca fez sua cabeça. Se é assim que quer, tudo bem. Eu vou ficar até o fim de semana, ou até encontrar outro lugar.

Nina deu as costas e partiu para o serviço.

Chegou com uma hora e quarenta de atraso. Genaro estava puto, mas ela entrou sem se importar com uma só palavra. Trocou de roupa na frente do velho,

sem nenhuma cerimônia, deixando-o sem palavras, abismado por alguns segundos. Como podia ter se enganado com o caráter daquela moça? Logo ele, que sempre se considerou um profundo conhecedor da alma humana...

– Vou descontar do seu salário.

Saiu como uma oração de exorcismo contra a figura que se insinuava à sua frente. Parou e falou, de costas para o homem:

– Você está nas minhas orações. Não me esqueci de você.

A casa estava cheia. William, sobrecarregado, estava perdido em meio a tantos pedidos. O velho Genaro não se sentia bem. Suava em protuberantes gotas e encharcava a camisa. Já tinha suado frio e sentido indisposição antes, mas nada nessa intensidade. O olhar de Nina foi como um dardo em sua direção. Sentiu dor na caixa torácica, e então na nuca. Sua vista se nublou, sabia que precisava se sentar imediatamente. Um cliente perguntou:

– Tudo bem com você?

O proprietário não respondeu. Um ataque cardíaco o fez cair em cima da chapa de hambúrguer e fritar seu rosto. William ficou chocado. Nina entendeu o recado. Era como se um portal tivesse se aberto naquela noite. Seus desejos negativos se concretizavam com uma rapidez espantosa. Enquanto os clientes correram em socorro do senhor, ela tirou a roupa de garçonne e jogou no cesto de lixo. Enquanto os olhares se voltavam ao homem com o rosto desfigurado, ela abriu o caixa e tirou todo o dinheiro de lá, cerca de dois mil reais. Fez questão de deixar a gaveta aberta. A culpa poderia recair sobre qualquer um, as câmeras de segurança eram só fachada. O velho miserável aproveitava câmeras quebradas para fazer uma média.

Sentindo-se protegida por uma aura negra, tomou um Uber para um haras a vinte quilômetros de distância. Trazia em suas mãos um broche de aviação que surrupiara de Ingrid no dia anterior. Guardou-o no bolso.

Ingrid estava em meio a um círculo de vômito no chão. O local nem parecia seu quarto. O cheiro podre inundava suas narinas, enquanto seus músculos fraquejavam, faltando-lhe as forças para se lavar. Duas moscas verdes metálicas pareciam lhe observar da vidraça. Logo havia mais três pousando sobre o vômito. Não tardaram a pousar em suas pernas e braços, as patinhas asquerosas caminhando e fazendo trilha em seu corpo. Nunca permitiu dar vazão a essas pragas, por meio de um controle de assepsia do ambiente.

Fazia muito tempo que mal se lembrava de que Deus existia, mas naquele momento resolveu suplicar-lhe piedade. Havia uma aura escura e pesada naquele local. Do chão, fitou a pequena cruz de madeira acima da porta e tentou se lembrar de suas orações de infância. Foi quando a cruz pendeu da parede, ficando de ponta-

cabeça. Ela teve certeza de que era algo demoníaco. Belzebu, o senhor das moscas, devia estar presente. Um dos maiores chefes hierárquicos do inferno.

Rastejou até a cozinha, abriu a terceira gaveta do armário e pegou um inseticida, que de pouca valia teve, pois a nuvem só fez aumentar. Moscas entraram em seu nariz, e quando começou a gritar, inundaram sua boca. Desesperada em colocar fim ao seu suplício, e com nojo, sentindo patas finas roçando sua glote, pegou uma faca afiada e a enterrou no pescoço, liberando caminho para as moscas, junto às rajadas de sangue.

Mais um suicídio na região da cidade tecnológica.

O SACRIFÍCIO

Elaine Sampaio montava seu cavalo, um hábito que a acompanhava desde criança. Nem todas as mulheres abandonam seu modo de vida extravagante após o casamento e estava longe de ser puro exibicionismo. O hipismo era uma tradição de família, incluindo o salto, o adestramento clássico, o enduro, as rédeas e o tambor. Era dia de campeonato na fazenda da família. Ela, de costume, fez seu dressage; o cavalo, habituado, desfilava sua andadura clássica, envolvendo trotes, galopes, piruetas e círculos. Em uma pista de novecentos metros, ela se preparava para o salto. Foi quando viu na plateia a garçonne, a mesma que levantara uma séria desconfiança. Estava determinada a tirar satisfações: o que aquela mulher fazia em suas terras? Seria enxotada sem piedade, perderia a compostura, se preciso. Já estava invadindo seu território, e isso não permitiria. Mas não era hora, o locutor já havia anunciado para ficarem a postos.

Elaine continuou a procurar a jovem na plateia, mas não a via em lugar algum. Teria ela se confundido? Sentia um mal-estar, um mal presságio, saiu de sua concentração habitual, mal deu atenção ao que o locutor dizia. Pensou em seus filhos. O cavalo se mantinha arisco, e ela acariciava sua crina, enquanto sentia uma leve queda de pressão.

O cavalo disparou, algo fora de controle, uma inquietação jamais vista naquele animal, uma velocidade nunca atingida. Ela fez o movimento para o salto; as patas dianteiras esbarraram nas barras, ela foi lançada e o animal caiu por cima dela. Houve um alvoroço. A plateia invadiu a pista. Ricardo foi um dos últimos a chegar.

Tentou um diálogo, ela ainda embaixo do cavalo, com muita dificuldade para respirar.

– Aguenta firme, meu amor! Chamem o resgate! Mas não vamos esperar. Peguem uma corda! – falou para os demais. – Vamos tirar ele de cima de você – disse, dirigindo-se novamente à esposa.

– A-aquela mulher da lanchonete. Estava aqui...

Vários homens tentaram remover o cavalo, puxando pela frente com o auxílio da corda, e ele, mesmo ferido, levantou-se. Pisou com seu casco no pescoço da mulher, e o barulho do estralo dos ossos foi audível a todos os presentes. Elaine perdeu a consciência temporariamente, retomando-a dezessete minutos depois, já entubada e imobilizada na ambulância.

– Não sinto nada no meu corpo. Não sinto meu corpo!

Ricardo devia tê-la acompanhado na ambulância, mas delegou essa função a um dos empregados. O que a esposa falara sobre a presença de Nina o perturbou profundamente. Correu pelo extenso gramado em direção ao casarão. Parecia uma eternidade. Subiu a escadaria de madeira rústica e entrou no quarto do bebê. Caminhou até o berço, que estava vazio. Saiu afoito e deu de cara com a babá.

– Cadê o bebê?

– Está no berço. Eu apenas desci rapidamente por causa da gritaria.

– Não está no berço! Sua incompetente!

Desceu a escadaria acionando a polícia. Sabia exatamente quem tinha raptado a criança. Era provável que o acidente tivesse sido ocasionado propositalmente para desviar as atenções. Não se sabia como, pois, como todos haviam testemunhado, fora o cavalo que surtara. Exames de sangue feitos no animal poderiam constatar alguma anomalia. Desorientado, pediu para os membros da família olharem o seu outro filho. A polícia logo começou a rastrear a invasora. Um helicóptero sobrevoava a área. Uma foto foi para os noticiários de crimes violentos. Procuraram no serviço da moça, o local estava fechado. Descobriram onde a garota vivia, com uma moça chamada Angel. A namorada apenas disse não saber o paradeiro dela e negou qualquer relacionamento, afirmando que apenas dividiam o apartamento.

Passada uma semana, com várias noites maldormidas no hospital, o quadro de Elaine não era nada bom. Não havia pista alguma sobre o paradeiro da criança.

Ricardo demonstrou sua habilidade em driblar um porteiro sonolento no prédio de Angel, entrando de carona com um morador que não o questionou. Eram várias torres, os vizinhos mal se conheciam. Ele tinha o endereço dela do processo do rapto a que dera entrada na justiça. A porta foi estourada no peito. O homem pegou no pescoço de Angel, como se ela fosse uma boneca de pano, e a pressionou

contra a parede, extravasando toda a sua misoginia, que o acompanhava desde a adolescência.

– Cadê a Nina?

– Ela desapareceu. Não mais voltou. Já disse tudo o que sabia na justiça. Pode me soltar? Estou ficando sem ar.

– Deve estar acobertando ela.

Ricardo a soltou e sentou-se apreensivo no sofá.

– O que aconteceu é um absurdo! Faz pouco mais de dois anos que a conheço. Não sabia que era capaz desse tipo de coisa.

Ricardo abaixou a cabeça. Seu mundo desabara em uma semana, lágrimas vertiam de sua face.

– Minha bebê! Meu Deus do céu! Onde posso encontrá-la?

– Eu lamento muito! A terra natal dela é São Francisco Xavier. Deve saber disso.

– Eu sei. Eu sou de lá.

– Me deixa seu contato. Vou fazer o possível para encontrá-la.

Desconfiado, Ricardo vasculhou todo o apartamento à procura dela, esmurrou a porta já estourada e partiu.

Angel sabia sobre os locais sabáticos. Nina não estava em nenhum desses locais. O que acontecera com Ingrid não fora uma simples intoxicação. Havia algo de demoníaco ali. Encostou um sofá na porta para bloqueio e pôs-se a chorar. Tinha se envolvido com um monstro, sem perceber.

Como por encantamento, Nina não foi encontrada, muito menos o bebê. Passaram-se três meses desde o rapto. A polícia já tinha diminuído o ritmo, mas Ricardo perambulava pelas ruas, de dia e de noite. Embrenhava-se nas redes sociais e canais de busca de desaparecidos, não conseguia dormir. Passou a se automedicar com antidepressivos. Sentia-se culpado por tudo. A dor o corroía. Sempre que ouvia um choro de bebê, achava ser sua filha. O desaparecimento era muito mais doloroso do que a morte. A dúvida, a incerteza, as idas diárias ao hospital se tornaram torturantes.

Entrou no hospital central, onde o tratamento era mais qualificado, e os custos, astronômicos, coisa que seus recursos ainda permitiam, sem restrições. Já não mais precisava se identificar, um velho conhecido das enfermeiras e atendentes. Tornou-se uma espécie de lar. Como era possível a vida virar do avesso em um instante? Ainda tinha que se considerar privilegiado por sua esposa ter um apartamento dentro do hospital, um luxo caríssimo, mas fazia a diferença. Pegou o elevador de serviço, e uma enfermeira entrou com um paciente em uma maca. Espremeu-se no cantinho. Atravessou o corredor até o quarto doze. Tudo ali se tornou opaco e cinza. A esposa estava sentada na cama, imobilizada, um copo com água estrategicamente colocado ao lado de sua face, com um canudo, a televisão ligada em um programa matinal de culinária. O cavalo não só esmigalhara a sua coluna

vertebral, mas também vários outros ossos de seu corpo. Passara por inúmeras cirurgias, mas a dor da alma era infinitamente maior.

– Como está? Melhor?

– Só vou estar melhor quando estiver morta. Por que aquele cavalo não caiu sobre minha cabeça?

– Quero pedir para ter forças, mas eu próprio sou um covarde e não tenho coragem de dar cabo de minha vida.

– Você não pode fazer isso. Tem que cuidar do Michael e nunca desistir da nossa bebê. Você precisa encontrá-la. – Começou a chorar. – Quanto mais tempo passar, mais difícil fica. Ela vai mudar muito de aparência. Se tivermos sorte, ela vai parecer comigo, contigo ou com o irmão. Meu Deus! Minha criança. Ela tem uma manchinha do lado direito do rosto, abaixo da orelha. Nunca se esqueça disso, Ricardo. Não desista dela. Haja o que houver.

– Estou procurando, noite e dia.

– E quando a encontrar, você vai matar aquela maldita! Faça ela sofrer. Prometa isso!

– Eu prometo!

– Eu quero morrer! Mas até essa capacidade me foi tirada. Já me recusei a beber essa água, mas eles me hidratam com soro. Confesso que bebi um pouco posteriormente somente por esporte, a única atividade que consigo fazer em meio a essa monotonia. Adquiri o hábito de morder lateralmente as bochechas, a princípio inconscientemente, mas, agora, de propósito. Me ferir é uma forma de demonstrar meu inconformismo com a situação.

– Eu vou me vingar disso! Ela nos arruinou!

– Eu quero que você me mate! Sou apenas um estorvo. Precisam me limpar todo dia. Isso não é vida. Não há esperança de me regenerar. Meus ossos estão esmigalhados! Quero que você envenene essa água.

– Nem pense nisso!

– Você me deve isso! Foi você que trouxe essa desgraça para nossa vida!

Por algum motivo desde o acidente, o tom de voz rancoroso da esposa o denunciava, além de seu semblante, embora pela primeira vez o tenha dito diretamente com palavras.

Ricardo revezou a noite com dona Norma, mãe de Elaine. Passou no quarto do filho. Fazia três meses que não se lembrava dele. O menino estava sentindo falta do pai e da mãe, e isso se refletia na poça de urina em volta de sua cama. Estava inseguro. Acariciou os cabelos ondulados do menino, tirou-o dormindo do colchão, trocou sua roupa, deitou-o em sua própria cama, cobriu-o e se encaminhou ao quarto do bebê. Pegou um brinquedo de pelúcia e o cheirou. Olhou pela janela. Lá embaixo, no parquinho, embaixo de uma árvore, achou que Nina o observava. Poderia dizer com certeza que havia alguém. Era a silhueta de uma mulher envolta em uma sombra.

Desceu afoito até a parte de fora da casa e ela já não estava lá. Não havia ninguém. Poderia ser uma ilusão. Embrenhou-se na mata, e quando chegou em uma clareira, exausto, agachou-se e respirou fundo. Podia ser só uma alucinação em razão das noites maldormidas.

Se ao menos não tivesse entrado naquela padaria, pensou, sem ao menos se questionar sobre o abuso que cometera contra a garota em um passado não muito distante.

Voltou para a casa exausto, arrastando os pés. Tirou um breve cochilo. Quando abriu os olhos, sentiu-se enraizado na cama. As ramas partiam sua pele e se enrolavam em tudo. Logo todo o quarto foi se decompondo, o orgânico dominando. Nina estava nua.

Os galhos moldavam o corpo de Nina, descendo de maneira sugestiva. Ela tinha os olhos revirados, a pele, antes sedosa, ganhava uma textura amadeirada. Sinuosa, despejava sobre o lugar de ralos pelos avermelhados a cor verde de musgo matutino. O cheiro era de terra úmida, mesclada ao orgasmo feminino, um odor difícil de ser interpretado pelo homem moderno.

Uma seiva vegetal surgia de Ricardo, mas ele parecia não perceber. Na verdade, era como se estivesse sendo teleguiado. Seu semblante não denotava satisfação, e sim horror. O que o acalentava era saber que aquilo não passava de um sonho, mesmo que não estivesse conseguindo despertar. Tentou em vão se desvencilhar da figura, indefeso diante da entidade.

Foi quando ele se viu no meio de um sabbath. Demônios dançavam em torno de uma fogueira. O grupo entoava cânticos...

“Oh, Deusa dos Cananeus.

Tesoureira do inferno.

Filha de Ningal e Nana. Deusa da fertilidade, do amor e da guerra...

Orientadora e conselheira dos humanos e demônios,

Também conhecida como Ishtar, Ashtart, Ísis e Astaroth...

Nos prepare para o grande dia...”

Nina estava no centro de um círculo de sal, nua. Em seu colo tinha aninhado um filhote de bode, que sacrificou em oferenda com uma adaga de cabo retorcido. Em seguida, colheu o seu sangue e o utilizou com uma espécie de graveto para desenhar o selo mágico, composto por traços esotéricos. Portava uma espada virgem, para ajudar a controlar essa manifestação; essa entidade adorava sangue. Em meio a uma luz bruxuleante, provocada pela fogueira montada e pela luz das velas em torno do círculo, a criatura apareceu. O espectro de uma mulher muito bonita, loira, com asas de estrias vermelhas. O espectro travestido sob a forma de uma mulher caucasiana era mais alto que o normal, conferindo-lhe dotes masculinizados. Nina tinha em seu nariz uma espécie de anel de prata, que ajudaria a neutralizar os fedores pútridos dessa entidade característica, que vinham em contraste à sua beleza estarrecedora. Caso contrário, tombaria em meio ao fedor.

Em um pedaço de papel pardo, ela desenhou um triângulo e, em cada lado, um pedido. Fama, dinheiro e vingança, enquanto entoava o Enn. Havia uma vela ungida em cada extremidade, com óleos específicos, e no centro, uma vela branca untada com óleo de hortelã. Acendeu as velas em sentido horário, utilizando-se ainda de areia magnética e um ímã no centro de seu desejo.

As bruxas e bruxos gargalhavam a plenos pulmões, como somente os destituídos de lastro moral conseguiam. Suas vozes tinham séculos de vivência, a entonação entrecortada por um lamuriar estridente de algo antagônico. Era como as ondas do mar. Ricardo era um reles espectador. Entre as pessoas, igualmente despidas, velas derretidas e brasas de uma extinta fogueira. Nina olhou para ele, enquanto apontava para o centro do círculo: o que antes achou tratar-se de um filhote de bode era uma criança lactente, sua filha querida, morta, degolada.

Ricardo pulou da cama em um salto. Estava transbordando suor.

Em poucos meses, sua fortuna ruiu. Ele estava falido, destruído, arruinado...

TRANSFERÊNCIA PARA O ARTEFATO

Angel tomou um banho demorado. Enquanto observava as gotículas descendo por seu corpo, pensou em sua namorada. Sentia sua falta. Já haviam se passado seis meses desde a sua fuga. Tudo parecia tão surreal. Nem mesmo se despediram. Sentou-se na cama e secou o cabelo com um secador. Foi quando notou uma movimentação nas sombras, vindo da cozinha, caminhando lentamente. O gato foi o primeiro a perceber. Nina estava envolta por uma aura maligna.

- Sentiu minha falta?
- Desde quando está aqui?
- Há algum tempo. Eu tenho a chave, esqueceu?
- Você raptou uma criança. O que fez com ela?
- O que era preciso. Ouça, ele não é um santo, fez por merecer.
- Ingrid fez por merecer também? O seu chefe também? É assim que se livra dos seus problemas?
- Vim me despedir, não vim me explicar. Um velho bate as botas, a vadia morre, e eu sou a culpada?
- Você é um monstro!
- Posso ao menos tomar um banho, pegar minhas coisas pessoais e partir?
- Seja rápida.

Nina pegou um par de roupas, uma toalha e entrou no banheiro. Ela definitivamente era louca e perigosa. Angel certificou-se de que o chuveiro estava ligado, caminhou até a cozinha, colocou uma faca na cintura e ligou para a polícia.

– Alô... É da polícia? Quero denunciar o paradeiro de uma foragida. Preciso que venham rápido. Posso estar em perigo.

– Está correndo errado, Angel.

Angel, no susto, largou o celular no chão, que se espatifou. Ramiro estava aninhado no ombro de Nina, rosnou raivoso e saltou sobre a face da dona, arranhando-a. Ela se desequilibrou, esbarrou no micro-ondas, derrubou um pires de vidro e caiu ao chão, recostada em uma mureta. A faca que estava na cintura atravessou o abdome. Passou a sangrar pela boca. Nina não esboçou qualquer sentimento de empatia. Largou a companheira ferida e foi terminar o seu banho.

– Só queria o xampu.

Angel frequentava havia pouco mais de uma década o grupo de Wicca, mais por socialização do que realmente atingir graduações espirituais. Sua crença nas energias era trivial, pensar positivo. Paranormalidade, telecinesia, projeção astral... Em todos aqueles anos, Angel não tinha testemunhado nada relevante. A máxima de que única certeza da vida são a morte e os impostos sempre a incomodou por diminuir a vida a um simples contrato de cartório. A perda de entes queridos também lhe parecia despropositada de sentido e não lhe acrescentava nada. Queria preencher o vazio existencial que a oprimia, drogas legalizadas e sexo já não eram suficientes. Entrar na casa dos quarenta anos sem filhos não a incomodava tanto quanto fingir levar uma vida plena. Nina foi mais uma distração que uma paixão arrebatadora; ter sugerido compartilhar o mesmo apartamento foi um erro sem igual, bem como manter uma relação tóxica. Reavaliando seu comportamento, não conseguia crer ter feito o convite para uma estranha, parecia mesmo um impulso motivado por algo sobrenatural.

Uma moça de alma obscura, vítima de si mesmo, deixara de ser uma agradável companhia logo na primeira semana, embora a carga sexual entre as duas só aumentasse em contraponto. Havia sido, portanto, uma surpresa como a jovem aderira ao grupo e evoluíra em poucas semanas, o que ela não fora capaz em mais de uma década. Como se estivesse destinada àquilo. Talvez a falta de limites morais lhe tivesse aberto os caminhos da magia, tomado um atalho para galgar alguns degraus mais rapidamente.

Por mais devassa que Angel fosse, não pretendia ferir ninguém intencionalmente. A morte inexplicável de Ingrid, uma opositora declarada de sua namorada, era muito bizarra para assimilar. Poderiam as vibrações negativas ter influenciado sua amiga ao suicídio?

Ricardo caminhou pelas ruas escuras. Estava a ponto de explodir. Aquele era o número. Um casebre em uma rua sem saída. Rua da Independência, número sete. Tudo soava simbólico. Havia uma loja de música em frente, chamada Hórus, com o

símbolo do triângulo e o círculo no centro. O portão feito de madeira espaçada mais lembrava uma cerca de madeira, porém, na cidade. Uma jovem fazia a unha na varanda com total despreocupação, a aparência límpida demais para um ambiente daquele porte.

– Quero um programa.

A meretriz, meio desdenhosa, levantou-se e disse:

– Um minuto.

O cafetão chegou. Um homem oxigenado, na casa dos cinquenta anos, de bermuda e camisa florida. Não era de muitas palavras. Abriu o cadeado.

– Marcou com alguém?

– Não. Quero ver as garotas.

– Caso não queira ninguém, paga 30 reais só pra olhar. O programa é 170 reais. Vem cá!

Guiou-o por cômodos com cortina vermelha encobrindo toda a parede, lembrando uma tenda de circo. Talvez estivesse apenas ocultando os bolores de uma casa velha.

– Espera aqui neste quarto. Elas já virão.

Sentou-se na cama meio arqueada. O ventilador o incomodava, fazendo-o espirrar, e um pagode tocava no rádio local. Um homem erudito broxaria com aquela música, não era o caso dele. A primeira moça era uma gordinha, baixinha. Cumprimentou-a com um beijo cortês no rosto e a despachou, pedindo a próxima. A segunda vestia um shortinho que mais parecia uma calcinha, de tão curto, e mal fechava na cintura. Achou interessante, mas queria mesmo a menina da varanda. A mulher replicou a seu despacho.

– Só tem nós duas hoje!

– Ah, entendi. Tem um serviço rotativo, todos querem as mesmas raparigas, então usam isso de artifício – disse, mostrando o seu machismo habitual.

Pelos risos na cozinha, sabia que o número era muito mais extenso. Em plena crise financeira no Brasil, os prostíbulos só aumentavam o produto, desproporcionalmente aos clientes, que caíam. Trepar com uma puta era um baita luxo. O dinheiro mal dava para comer e pagar os boletos na crise atual.

Em poucos minutos, soube ter feito a escolha certa. Ela deslizou sobre o membro, como se estivesse em um pole dancing, em um movimento contínuo de vai e vem, que tingiu o mastro com um líquido branco. Ao menos estava usando camisinha; embora ela o tivesse chupado sem, com todo o adestramento, colocou na boca o material e foi deslizando com maestria. Foi quando notou a tatuagem no peito dela. Tinha visto aquela imagem em algum lugar. Enquanto apertava e torcia seus seios medianos com piercing, vinha à cabeça onde tinha visto aquilo. Um desenho egípcio, de uma criatura feminina e alada, uma divindade.

– Essa tattoo?

– É Ísis. Adoro!

- Astarte!
- Você conhece, é?

Então tudo se tornou místico; seria muita coincidência ele ir trepar justamente com uma puta que tivesse tatuado a divindade com quem ele sonhara. Parecia orquestrado. Isso o empolgou. Postou-se como dominante e o sexo fluiu em seu auge; a própria garota parecia em êxtase. Pele com pele, suor com suor, até o jorro libertador. Quase a esganou, asfixiando-a com as mãos no pescoço. Ela sabia do perigo, mas estava ensandecida demais de prazer para interromper o coito. Ele foi tomar um banho com uma certeza: havia algo sobrenatural à espreita. Sentia que devia retornar ao apartamento de Angel.

Nina observou Angel, que estava pálida, vertendo sangue e inconsciente. Abriu a geladeira e derramou leite no chão. Ramiro veio se alimentar. Após um tempo, o gato demonstrou desinteresse pelo leite e partiu para o lado da dona, tomando seu sangue com uma língua voraz. Nina tomou um gole do leite no gargalo e voltou a garrafa à geladeira.

- Podia ter sido diferente.
- Somente sua presença evoca tragédias. O que você despertou, Nina?

Nina se encaminhou para a sala e olhou para a vidraça da sacada, que refletia Ricardo. Tinha acabado de invadir o apartamento, como se um sopro maligno tivesse denunciado a presença de sua algoz após meses de desaparecimento.

- Cadê meu bebê? Sua vagabunda!

Ainda de costas, vendo-o pelo reflexo do vidro, disse:

- Como soube que eu estaria aqui? Bem, eu a matei em um ritual de magia negra.

- Olha pra mim, sua desgraçada! Você arruinou minha vida!
- Como imaginou que eu estaria aqui, depois de tanto tempo? Como burlou a portaria? Algo sobrenatural sussurrou em seu ouvido, não é? Agora estou satisfeita! Não sou um monstro. Você é. Tive pena do seu pobre bebê antes de degolar o seu pescoço. Ela chorou bastante. Acho que é instintivo, não é? Eu a imolei feito o cordeiro que era. Mas você sabe disso, não é? Você é o culpado de tudo o que desencadeou.

Ricardo apontou a arma e disparou o primeiro tiro, que atravessou o peito dela do lado direito e estilhaçou a vidraça atrás. Ela colocou a mão no seio, perplexa.

- Você teve mesmo coragem...
- Onde está o corpo dela?

A jovem gemia de dor. Falou com certa dificuldade:

- Não vou dar a você o prazer de enterrá-la em solo consagrado. Ela é uma pagã e deve permanecer assim.

Ricardo disparou o segundo tiro na barriga e o terceiro no tórax. Nina se lançou à frente e abraçou o espelho na parede, que caiu ao chão, com ela em cima. Como por encanto, o espelho não se quebrou com a queda.

Oh, mestre!...

Me permita te servir, e viver, por meio desse artefato...

Faça minha transição nesse momento de agonia...

Não me desampare, oh, mestre...

E que toda a linhagem desse homem seja amaldiçoada...

E que eu atinja minha plenitude...

A morte. O sangue vertendo do abdome, o coração prensado em sua caixa torácica, a costela fraturada em decorrência do tiro. Uma garota perdida em seus sonhos, decepcionada com a visão de seu corpo em frangalhos. Sua expressão envelhecida não era sinal do fim da magia. Retornou forçadamente à idade madura. Desmascarou no cadáver toda a vontade de viver. Nina carregava em seu ser uma desilusão natural. Os olhos vidrados lhe tomaram o semblante enquanto agonizava e, enfim, deu o último suspiro sobre o artefato.

O sangue se espalhou e parecia não ter fim. Ricardo recuou para não sujar a sola dos sapatos. Sentia-se vingado. A polícia não tardou a aparecer e derrubá-lo no chão, algemando-o. Face a face, com a sola da bota encaixada em seu rosto, ele viu o rosto da bruxa, sem vida.

O resgate entubou Angel e a levou em alta velocidade, de ambulância, ao hospital municipal. O porteiro, agredido por Ricardo em uma entrada forçada no prédio, apenas tomou uns analgésicos e foi liberado.

Ricardo foi preso em flagrante. Matou sua desafeta, possível amante, após ela raptar e supostamente matar sua filha. Um crime não anulava outro.



ELE ESTÁ ENTRE NÓS

O MAL PRESENTE

A prisão de Ricardo foi baseada no assassinato de Nina. Segundo o que saiu na imprensa, ela teria sido vítima de um estupro e roubara a filha dele como forma de vingança, sendo suspeita do acidente envolvendo a esposa do acusado, embora não houvesse evidências, durante uma prova de hipismo, no mesmo dia do rapto. A perícia não encontrou avaria alguma no selamento do cavalo. Nina ainda tentara matar a própria namorada, embora a vítima tenha declarado ter sido um acidente, e esteve envolvida em vários eventos considerados trágicos e suspeitos. Na autópsia, foram retirados vários projéteis de bala do corpo de Nina Maria Monteiro Adágio.

Houve uma criticada demora, de dias, para a liberação do corpo para a necropsia, que foi feita, então, às duas da madrugada. Os projéteis e a roupa da garota foram enviados para o instituto de criminalística. O cadáver foi lavado com sabão e em seguida pesado e medido. Tinha 59 quilos e 1,70 metro. Nenhuma tatuagem ou cicatriz. Branca, caucasiana. Um rasgo foi feito com o auxílio de um bisturi, pegando do pescoço ao púbis, em formato de y. Desse modo, o legista tinha acesso ao tórax e ao abdome. Alguns órgãos agredidos foram retirados, pesados e analisados, vários de maneira microscópica. Em seguida, o médico cortou o couro cabeludo dela, de orelha a orelha, para remoção do cérebro, e todos os nervos que o conectavam ao corpo, inclusive os óticos. Os órgãos pálidos indicaram morte por hemorragia.

O legista estava acostumado com essa rotina. A pele do cadáver não estava queimada, sinal de que os tiros haviam sido disparados a certa distância. Quando o

projétil é acionado próximo ao corpo, produz uma labareda quente, seguida de gases, fuligem e pólvora em combustão. Não havia fuligem depositada na orla da ferida, o corpo não funcionara como um silenciador. Foram analisados os lábios e se as unhas estavam azuladas, os olhos afundados e a boca escurecida, os músculos retesados pela rigidez cadavérica – rigor mortis –, bem como ossos fraturados e exames toxicológicos. Algumas artérias e músculos estavam em retalhos, esfacelados.

Já passava das quatro da madrugada. A temperatura caiu drasticamente para cinco graus negativos. O legista se reconfortou na cadeira, arqueada com o peso do homem, quase a ponto de quebrar. Dormiria no chão gelado com o sono que tinha. Tirou um breve cochilo. Um estalido forte o fez acordar. Olhou no relógio, eram três e meia da madrugada. Podia ter certeza de que já passava das quatro quando tirou o cochilo. O tempo teria regredido? Ou ele teria se confundido? Caminhou até a sala de necropsia. A mesa onde deixara o cadáver estava vazia. Uma mão gelada e pálida deslizou por trás dele, acariciando seu peito. O homem fechou os olhos, apavorado. Podia sentir seus pelos eriçarem. Um bafo gelado em forma de sussurro ressoou em seu cangote.

– Estou... viva!

Virou-se apavorado. A três metros encontrava-se a entidade. O corpo se regenerou, o corte feito em y sumindo de maneira gradativa. Aquilo estava longe de ser humano. A criatura exalava sensualidade, embora imprimisse algo mais forte, o medo, instintivo e primitivo. Estava vendo o próprio diabo na sua frente. O membro do legista endureceu em contraponto ao coração palpitante. Fechou os olhos e rezou o pai-nosso, mesmo faltando sentenças. Mal se lembrava da última vez que havia feito essa oração antes de dormir: estava prestes a fazer sua primeira cirurgia; teve medo e se lembrou de rezar. Fazia, no mínimo, uns dez anos.

– Dormindo de novo!

Acordou em um salto da cadeira. João revezaria o turno.

– Cara, já te peguei dormindo várias vezes. Mas nunca nessa profundidade.

– Que sonho maldito! – Olhou agitado para a mesa, Nina estava intacta. – Preciso tomar um café.

O legista foi ao banheiro e lavou o rosto. Que sonho seria aquele? Estava todo mijado! Não literalmente, mas sua calça umedecida fedia a urina.

O legista por sua própria profissão era um sujeito indiferente, entregar-se a sentimentalismos era um passo para o declínio profissional. O instinto masculino de Roberto teria aflorado ao ver uma mulher nua aos seus cuidados. Não era uma abominação, mas talvez uma maneira encontrada pelo cérebro para driblar o seu desejo, assim pensava. A juventude e a morte eram coisas dissonantes. Os fatos criminais transformavam aquele cadáver em uma celebridade póstuma. A pele enrijecida de formol era mais uma operação mecânica. Conhecera o caso da jovem naquela noite, com a mídia na porta. Seus olhos ficaram marejados de lágrimas,

como se algo o tivesse tomado de súbito e numa crescente o fez soluçar como uma criança desamparada. Seu lado racional percebeu o comportamento anormal, mas tarde demais: seu colega de turno já havia visto. Preferiu retirar-se do local sem concluir seu trabalho, com a imagem maculada, mas talvez conseguisse fugir de uma visita futura ao psiquiatra.

A dona Helena Adágio, mãe de Nina, reconheceu o corpo no IML. Embora não demonstrasse muito os sentimentos, conversou com a morta:

– Você teve a chance de se redimir ao nosso Senhor Jesus, o Cristo ressuscitado, mas preferiu beijar o diabo. Sempre teve uma tendência a isso. Que o Senhor tenha piedade de sua pobre alma. Eu te acolhi, minha criança, e realmente te amei. Mas há um limite para a maldade. – Fez uma pausa para limpar a face com um lenço. – Com minhas poucas economias, vou te dar um sepultamento digno. Não tem culpa, minha criança, eu sou a culpada, fui eu quem errei.

Não havia quase ninguém no velório: Helena, um homem do sacerdócio que se preparava para uma última oração e uma moça que acabara de entrar. Num caixão dos mais precários, não por isso barato, o cadáver repousava em meio a um amontoado de flores, coberto por um véu. Embora morta, continuava bonita, uma beleza específica em sua morbidez. A boca estava costurada e com algodões tampando os orifícios. Um urubu pousou sobre o muro e observou atentamente todo o desenrolar. A moça que acabara de chegar se apresentou como Angel, uma amiga. Nem precisava, era igualmente famosa pelos noticiários. Embora discreta, todos sabiam que ela fizera parte do ato dramático final da jovem. Foi a única que trouxe uma coroa de flores para ornar o epitáfio da defunta.

Fecharam o ataúde e o carregaram em um carrinho com rodas, já que não havia homens suficientes para levá-lo da maneira tradicional, segurando as alças. Uma chuva fina apressou o ato. Angel estava numa cadeira de rodas. O sacerdote se preparou para uma reza final, porém um mal súbito fez sua pressão cair, junto com seu corpo no gramado. Dois funcionários auxiliaram o senhor, que saiu bruscamente, feito o diabo fugindo da cruz.

O urubu estava agora feito um monumento em cima de uma estátua, mesmo embaixo da chuva fina. Angel observou seus olhos negros. Parecia uma entidade do inferno. Quatro funcionários vestidos de azul não fizeram qualquer contato visual com os poucos ali presentes, deviam ser instruídos para isso. Trouxeram um carrinho cheio de cimento pronto e uma pá, removeram a tampa, abriram o ataúde uma última vez para os poucos presentes olharem, e fez-se um silêncio estarrecedor. Esperaram cerca de dois minutos e tornaram a fechar. Passaram a corda, cada qual segurou uma ponta e, pela expressão que faziam, notava-se estar muito pesado, o que não era natural, já que Nina era uma garota leve.

O urubu bateu voo e pousou sobre o caixão. Um dos homens tentou espantá-lo, no que ele regurgitou como defesa. Bateu asas para parecer maior do que

realmente era. A mãe de Nina não se espantou, coisas mórbidas sempre estiveram ligadas a ela. Aproximou-se de Angel.

– Não deveria estar aqui, devia estar se recuperando do seu ferimento. – Helena ficou pensativa por um tempo. – Você conviveu com ela. Sabe que isso é natural, não é?

– Senhora, eu queria conversar contigo qualquer hora, saber mais sobre ela, se não se importa.

A senhora olhou para Angel. A mãe de Nina parecia uma raiz murcha e sem esperanças, apenas vagando pela terra.

– Quando quiser, quando quiser.

Moveram as tampas acima do caixão e cimentaram. O mal estava enterrado.

Então a senhora partiu. Angel anotou o endereço, sabia onde encontrá-la.

Ricardo foi jogado em uma cela coletiva. O cheiro ocre foi a primeira sensação. O mofo, o ar mal circulado, o fedor de axila e fumo. A aparência das pessoas lembrava o próprio inferno. Rostos ameaçadores e o medo crescente, o coração palpitante. Tentou evitar contatos visuais, manteve-se calado, mas sabia que logo o veriam. Recostou-se em uma das paredes emboloradas, ao lado do que deveria ser chamado de banheiro: uma cortina tosca com um buraco no chão em seu interior. Próximo, havia um cano de onde saía água fria para banho. Sabia que novatos não tinham direito a colchão. De certa maneira, ganhou algum ponto por essa conscientização, mas o chefe da cela sempre comia os novatos, e não seria diferente dessa vez.

– Vai querer com muita dor ou pouca dor? – perguntou o homem gordo e corpulento, medindo quase 1,80 metro de altura. – Eu mando aqui. Você come se eu quiser, você vive se eu quiser. Entendeu? E agora vou comer a sua bunda na frente de todo mundo, vou fazer de você minha putinha, porque é isso o que você é. Se reagir bem. Caso queira bancar o machão, vou te furar inteiro com essa faca, vai agonizar igual a um porco. Então, seja bonzinho.

O pior de tudo foi a humilhação. Foi obrigado a arriar a calça, enquanto alguns presos passavam e davam um belo tapa na bunda dele, meio que preparando o ato. Estava provando do próprio veneno.

– Porra! Da próxima vê se depila essa bunda. Vou estourar as suas pregas agora.

O gordo meteu bruscamente e sem ao menos usar um preservativo. A próstata da vítima inchou em razão das longas estocadas, enquanto era humilhado. Sabia que, por pouco, um homem deixa sua dignidade de lado e se torna mais próximo à sua essência animal. Havia muitos grafites na parede, entre eles o de um demônio roxo.

Você conseguiu, Nina, me levou para o fundo do poço, pensou raivoso.

Após o ato, ele foi ao banheiro, enquanto os presos tiravam um sarro. Sabia que um desrespeito podia terminar em uma morte violenta, já tinha visto alguns vídeos. Passou um papel higiênico no ânus, que saiu cheio de sangue. Pensou na esposa, no filho e na pequena bebê. O que tinha a perder? Notou que havia um tijolo solto no banheiro.

Era dia de pelada. Aquilo era mesmo uma colônia de férias para os bandidos. Futebol duas vezes por semana, visita íntima, quatro saidinhas por ano para regime semiaberto. Dia das Mães, Dia das Crianças, Natal e Ano-Novo. Se tivesse alguma moral com os presos, podia malhar e engordar de tanto comer salitre. Para os usuários, a droga não faltava, além de celular para matar saudade da família; e ainda era possível trabalhar lá dentro, diminuindo um terço da pena, ou comandar a boca de uma favela de dentro da cela. Um paraíso se comparado às leis pesadas dos países de Primeiro Mundo. Certamente teria pego perpétua ou corredor da morte se estivesse nos Estados Unidos.

Na calada da noite, a maioria dos presos adormecia. Sempre havia uma tossida, um peido. Sim, peidar era considerado coisa de macho ali. E sempre rendia uma boa piada. Havia até certas competições de sonoridade e de cheiro azedo. Sempre replicavam com palavras de ordem. “Vou enfiar uma rolha no teu cu” e coisas do gênero. O líder gordo roncava feito uma descarga desarranjada. Sua barriga exposta se levantava e abaixava com a respiração ofegante. Tosses de tuberculosos ressoavam no ambiente. Ricardo encaminhou-se ao banheiro. Com algum esforço, removeu o tijolo solto. Depois pensou melhor e, em sua sensatez, o devolveu ao lugar, mas ao chegar à porta, retornou, pegou-o, colocou-o embaixo da camiseta e caminhou até o gordo. Um dos presos o observava do canto da parede. Segurou forte o tijolo com as duas mãos e o desferiu na cabeça do gordo duas vezes. Ele acordou desorientado, urrando, com o nariz sangrando. Ricardo foi interrompido pelos outros presos. Não conseguiu matá-lo!

– Vacilão, tentou matar o gordo! O cara é novato e está se achando!

Um grupo de seis homens fez um círculo em volta dele. Começaram a chutá-lo e a socar suas costas e seu rosto. Os outros presos gritaram e fizeram uma algazarra. Tilintavam a grade. Os carcereiros chegaram antes que tivessem tempo de matá-lo. Ricardo teve uma grande repercussão na mídia e foi considerado uma espécie de celebridade do sistema. Encontrá-lo morto poderia acarretar a demissão do diretor do presídio, que logo decidiu enviá-lo para a solitária como um modo de punição.

– Enjaula ele lá. Três dias é o suficiente.

Ricardo era um cara ansioso e a claustrofobia unida à escuridão o fizeram regredir a um estado fetal. Parecia lhe faltar o ar. Não podia distinguir o dia e a noite, tudo se tratava de trevas. Começou a perder a noção de tempo e espaço. No segundo dia, sentia não estar sozinho. Ouvia uma respiração fraca. Tateou a parede. Sim, havia algo, que se avolumava a cada instante. Era cabelo de mulher, sim. E o

cheiro adocicado de perfume. Foi tomando forma na parede, eram seios medianos e uma pele macia; desceu a mão até a púbis quente e úmida. Só podia ser alucinação.

10

CINDY

Eram dias de tensão. Não seria diferente lá dentro. A porta da solitária se abriu.

– Puta que o pariu! Você está fedendo!

O guarda ordenou que ele saísse. Mal sentia seus pés dormentes. Cerrou os olhos até se acostumar com aquela luz que o ofuscava em meio a três dias de escuridão. O guarda deu a ele uma toalha e um uniforme limpo.

– Vai tomar uma ducha! Você vai pra área dos travestis, o único lugar em que estará seguro. Os caras querem sua cabeça.

– Quanto tempo eu fiquei ali?

– Três dias. Sua sorte é estar na mídia. Sua morte repercutiria mal para nós. Vai ficar bem servido agora.

Tomou um banho gelado, vestiu-se e encaminhou-se para a cela, que dividiria com mais um preso. Era uma ala diferente, mais organizada, com alguns cartazes de homens sarados na parede. Tinha acesso a produtos de beleza. Em sua maioria, eram transexuais. Sentiu-se mais seguro, apenas assediado por cantadas declaradas enquanto passava no corredor.

Entre outras coisas do gênero, era o que ouvia. A pequena cela possuía um beliche. Ele ficou com a parte de cima. Embaixo, uma transexual de cabelos negros compridos fazia as unhas. Vestia uma camiseta larga de beisebol e uma microssaia. Ali era liberado usar roupas diferenciadas do uniforme. Cada um em sua cama, iniciaram uma conversa.

– Como você se chama?

- Ricardo. E você?
- Cindy. Qual o motivo da prisão?
- Matei uma mulher. Ela raptou e, provavelmente, matou a minha filha.
- Que absurdo! – disse Cindy, sem conhecer toda a história.

Cindy apoiou os braços na cama de cima e se suspendeu, apenas o rosto visível.

– Fez bem! E pelo visto arrumou encrenca aqui, não é? Você me parece ser hétero.

- Sou, sim.
- Eu farejo um hetero a quilômetros, e sei quem não é também.
- E você? Faz tempo que está aqui?

– Pouco mais de dois anos. Tráfico de drogas. Eu era o que intitulam como bichinha pão com ovo. As pessoas tendem a ter dificuldade em diferenciar uma mulher trans. Enfim, nasci em um corpo que não é meu. Precisava de dinheiro para tomar meus hormônios. A beleza sai caro, não é? Aí conheci um cara, me envolvi. Ele era traficante. Em pouco tempo estava embalando pra ele, ajudando a distribuir. A grana fácil serviu para minhas próteses, botox. Sente aqui.

Colocou a mão dele no seio dela.

– Durinho, não é? Gosta?

– Nunca tive uma relação homossexual. Bem, três dias atrás fui estuprado e quase matei o cara aqui dentro. O tal do gordo.

Cindy ficou brava. Levantou-se exaltada. A camiseta tinha uma abertura atrás, mostrando a tatuagem de uma serpente que ia do pescoço até o cóccix. Realmente sexy.

– Se relacionar comigo não é um ato homossexual. Controle seu machismo aqui dentro, uma dica que te dou. Se não notou, eu sou uma mulher, meu querido. Só que sou completa. Entendeu?

– Me desculpe! Não quis te ofender.

– E faça o favor de me tratar no feminino. Você aprende. Aqui o pessoal é tranquilo. Rola umas intrigas, fofocas, mas ninguém se agride. Aqui a gente faz desfiles direto, nesse corredor. A diretoria mesmo nos incentiva. São liberados produtos de beleza, eles nos entendem. A gente cai aqui de bobeira, entende? Não tem muito serviço lá fora. Sobra mais o trampo de cabeleireira, maquiadora e, infelizmente, acabamos caindo na prostituição.

– Imagino que não seja fácil encarar o preconceito.

– Não mesmo. Veja o que fizeram com a Dandara, que se tornou um marco. Apanhei em várias ocasiões, sofri bullying na escola. Meus pais não me aceitam até hoje, acham que tenho escolha. O processo de transformação é lento, principalmente se não tiver dinheiro. Hoje em dia somos mais aceitas, graças a Deus está melhorando. Antigamente não só as trans, mas as drags sofriam muito

mais preconceito. Eram apenas figuras caricatas em programas de calouros, e ainda assim agradecemos por terem aberto essas portas.

– Acredite. Sua vida ainda é boa perto das tragédias que aconteceram comigo. Eu estou morto já faz algum tempo.

– Eu quero mudar! Tenho planos para o futuro. Falta apenas pouco mais de um ano e tomo a liberdade. Vida nova!

Passaram-se três meses e Nina foi quase esquecida. Ricardo chegou até mesmo a frequentar cultos evangélicos ministrados por presos dentro da cadeia. Mas nunca aceitou aquilo como verdade, apenas uma distração chata. O pastor tinha matado um casal a pauladas no passado para roubar a sua grana, contando com a ajuda da própria filha dos magnatas. Uma bizarrice só. Acompanhou casamentos dentro da cadeia. Leu muitos livros e fazia alguns exercícios. Tinha sonhos terríveis. Acordava em sobressaltos, suando frio. Cindy sempre o acolhia.

Em um desses acolhimentos, ele suava frio. Ela o enxugou e o embalou em seu colo, feito um bebê. Deu-lhe beijos fraternos na testa, um tipo de carinho há muito tempo esquecido por ele. E foi natural os lábios encontrarem-se, e os dois fazerem amor, sim, muito mais próximo disso que do sexo em si. Um desabafo. Dormiram abraçados em concha, as mãos entrelaçadas. Foi quando ficaram mais íntimos, e entre os intervalos das inúmeras leituras, a velha e justificada ladainha repetida, a lamentação e a angústia de não saber onde estava sua filha.

– A história de Nina é bem conhecida na mídia. Soube por minhas amigas mais informadas. Que horror! Não é à toa que foi apelidada de bruxa. Lidar com o sobrenatural é perigoso! E muitas vezes não acaba bem. Mas você foi o causador de tudo isso. Fez algo abominável, mas está pagando por seus crimes.

– Cindy, sinto que quer me dizer algo, mas está titubeando. Não é a primeira vez.

– Não sei se devo.

– Do que você está falando? Aonde quer chegar?

– Eu vejo seu sofrimento. Torço para você encontrar o corpo de sua filha. Imagino a sua dor.

– E...

– Eu vi coisas que nem imagina. Presenciei todo o tipo de maldade na favela, violência e coisas esotéricas. Sei de uma velha senhora, talvez ela possa te ajudar. Ou simplesmente possa apenas te ferrar e te trazer mais dor mascarada de esperança.

– E o que essa mulher tem de especial?

– Dona Bernadete é uma benzedeira, uma espécie de pajé no nosso bairro, em Taubaté. Sempre que alguém achava ter sido vítima de feitiço, encanto, encosto, era ela que a gente procurava. Ela é cega, mas enxerga mais que nós todos. Uma senhora muito frágil, fisicamente falando. Tem a voz arrastada, as veias saltadas em uma pele tão frágil, que poderia rasgar como papel, os olhos já meio encovados...

Isso, é claro, são minhas lembranças de três anos atrás, nem sei se está viva ainda, mas meu coração diz que sim. Muito simplória, um lenço na cabeça, uma saia rodada, chinelo de dedo. A voz era tão fraca, mais parecia um sussurro. Nunca falta em sua casa folha de são Jorge e outro tipo de proteção. Mas ela é mais do que uma simples benzedeira.

– Realmente, só me traria mais dor. Não quero ser reconfortado por uma benzedeira.

– Ela tem habilidades de necromancia. Comunicação com os mortos. Acredite se quiser. O meu irmão, Pablo, tinha 12 anos quando desapareceu por dias. Como éramos habitantes da comunidade e tinha havido um tiroteio entre traficantes locais e polícia no dia do desaparecimento, nossas expectativas não eram nada boas. Procuramos no Instituto Médico Legal, em hospitais, buscamos entre os amigos dele, e nada. Foi quando recorremos a dona Bernadete. Ela foi relutante no começo. Inclusive negou vários pedidos, pois trazia muito sofrimento a ela. Quando viu o desespero da nossa família, a senhora nos deu uma chance. A necromancia é um ritual, e uma das exigências era uma parte do morto estar presente no rito.

– Uma peça de roupa?

– Não. Algo maior. Uma parte do morto. Uma mão, um dedo. Não havia nada disso, nem mesmo tínhamos certeza de sua morte, embora fosse pressentido isso, entende? Mas minha mãe teve um estalo no meio da noite. Ela se lembrou de um velho hábito. Guardar nossos dentes de leite em uma caixinha de bijuterias. Deu certo. O rito durou toda uma madrugada, mas a aparição foi rápida. Todos já estavam exaustos, mas foi real. Tempo suficiente para nos relatar que foi morto por uma bala de polícia, e mais, o policial, embora estivesse descompassado com a morte da vítima, foi egoísta e o jogou numa vala para fugir da punição. Nós encontramos essa vala, Ricardo, e a perícia comprovou que a bala saiu do “canhão” do polícia.

– Ela poderia invocar meu bebê?

– Creio que não daria certo. Se ela morreu recém-nascida, não terá maturidade para te dar informações.

– Entendi por que titubeou tanto em me contar essa história. Apenas Nina sabia o paradeiro de meu bebê.

– Será preciso exumar a bruxa!

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE

Após um tempo, Cindy saiu em liberdade. Ricardo pegou doze anos de cadeia por crime qualificado, pegaria mais se não fosse a sua vitimização pela mídia. Era réu primário. Cumpriu dois quintos da pena e finalmente chegou o dia de desfrutar sua saidinha de Dia dos Pais em regime semiaberto.

Seu Mathias, pai de Ricardo, já de idade avançada, pagava as vias de processo e o advogado criminalista, embora tivesse deixado claro que, quando saísse, não viesse bater em sua porta. No entanto, não o deserdaria, ainda tinha sobrado um sítio para vender quando o velho morresse. Já na rua, com alguns míseros trocados da época da apreensão, ninguém o aguardava. Isso já era de se esperar. Nunca havia recebido uma única visita na cadeia.

A rua parecia surreal. As coisas mais banais lhe eram extremamente interessantes. Um carteiro inseria cartas nas caixas de correio, enquanto cães ladravam protegendo o recinto do lar. Mendigos pediam dinheiro no sinal, chegavam limpando o para-brisa dos carros, uma maneira de pressão. Uma moça de short curto passou por ele, e pôde sentir o perfume dela. Há quanto tempo não se deleitava com os prazeres da liberdade...

Até mesmo o bonde sanfonado lhe proporcionou uma espécie de alegria, se é que um homem tão entristecido podia usar esse adjetivo. Divertiu-se com o cobrador mal-humorado e com o bolso furado, que fez sua moeda rolar pelo corredor do ônibus. Quando notou, já estava buscando seu níquel com a cabeça

quase embaixo da saia de uma crente, que o olhava furiosa. Precisava se socializar novamente. Desceu no bairro onde sua sogra morava.

A chácara em área urbana, ladeada por cercas brancas, se fazia incomum com as casas dos vizinhos, muradas, ladeadas e protegidas. Um hábito antigo da dona Norma, vindo de um tempo em que a segurança permitia tal deleite. Mesmo tendo passado por episódios traumáticos, como a vez que bandidos armados os mantiveram cativos dentro de casa, ainda assim não tomaram o hábito de trancar o portão. Assim como nunca foi hábito de Ricardo bater palmas, foi entrando na residência. No hall, a mãe de sua esposa o olhou com um misto de desdém e surpresa.

– O que está fazendo aqui?

– Como assim? Vim ver minha esposa e meu filho.

– Ela está dormindo. E Michael está na escola agora. Já acabou a sua pena?

Ela nitidamente o tratava como um marginal. Ela que, por inúmeras vezes, precisou de seus favores no passado, mas que sempre teve uma rixa, resultante de um relacionamento doentio com a filha. Sempre desejou que Elaine se separasse para continuar sendo sua cria exclusiva. A senhora não conseguia se desprender de sua menina, e agora se regozijava, mesmo na tragédia, de maneira inconsciente, em retomar o controle da prole e a posse do neto. Ele, então, representava uma ameaça.

– Como ela está?

– Como poderia estar? Péssima. A moça que você violentou no passado acabou com a raça dela.

– Isso é mentira! – Ricardo esmurrou a mesa, irritado. Subiu a escadaria rumo ao quarto onde presumiu estar a esposa, mesmo com os protestos irritados da sogra. Abriu a porta e, em um primeiro momento, imediatamente se derramou em lágrimas ao rever sua companheira, chegando a soluçar em um segundo momento ao se dar conta do estado lastimável dela.

A astenia se fazia presente na paciente acamada. Uma deterioração geral era vista sem dificuldades. Sobrevivia da ingestão mínima de líquidos. Tinha febres, hipersudorese, hemorragias, convulsões, tensão arterial elevada, microinfartos, confusões, às vezes delírios, uma falência respiratória que se fazia progressiva. Ela estava macilenta. Era possível notar uma desidratação das mucosas, pálpebras retraídas. Mediadores como serotonina, dopamina, acetilcolina e histamina eram aplicados com frequência. Ânsia e vômitos eram uma constante. A doença dela, no entanto, era nova. Uma metástase cerebral, como se não houvesse já um grande problema por ser tetraplégica. Parecia uma maldição. E ele não foi informado desse agravamento quando estava na cadeia.

Ela abriu os olhos com dificuldade. Não respondeu à altura os sentimentos que devia nutrir, decorrentes da saudade. Ele a beijou nos lábios. Tinha a face avermelhada de alguém que chorou há pouco. Sentou-se na beira da cama. A voz dela soou fraca.

– Eu já aceitei.

Ele apertou a mão frágil dela, mesmo sabendo que ela não sentiria.

– Eu sinto muito, minha querida. Não imagina o quanto.

– Nós fomos... felizes. Não fomos?

– Muito. Você é a mulher da minha vida!

– Eu sonho com a bebê. Você ainda a procura?

– Eu vou fazer isso.

– Não desista! E não se esqueça do Michael.

A porta se abriu. O garoto tinha acabado de chegar da escola e, com um ar de indiferença, abraçou Ricardo.

– Meu filho! Como cresceu! Meu Deus! O pai te ama muito, viu, meu filho?!

O menino apenas assentiu, sem muita emoção, talvez repreendido pela avó, que logo o acolheu e o levou para fora, fechando a porta. Ele voltou a sua atenção à esposa. Notou a quantidade de feridas em seu corpo por estar acamada há um bom tempo. Havia um leve odor, não sabia do quê, mas remetia à doença, aos medicamentos, ao cheiro de álcool e de morte.

– A minha mãe faz a cabeça dele contra você. Não liga, isso passa.

– Espero que sim.

– Como é na cadeia?

– Nada bom.

Nada mesmo, mas o que foi sua estadia lá perto do que ela passava? Há poucos anos, ela era uma flor bela do campo, que agora agonizava sem precedentes. Ele sabia que o pior não era a doença ou a incapacidade física, e sim a ausência de seu bebê.

“Quero te pedir um favor”, ela sussurrou, mas a boca não parecia se abrir. Ele estava confuso.

– Pode falar, querida.

“Acaba com meu sofrimento. Por favor! Eu tentei fazer isso sozinha, da única forma que achei possível. Prendi a respiração, foi ridículo. A minha mãe nunca me atenderia. Sabe como é... É muito pra ela. Me mata! Por favor!”

– Eu não posso fazer isso!

“Eu sou uma doente terminal. Mas não sei ainda quanto tempo posso ter.” Ela parecia estar dormindo, mas ele a ouvia dizer tais palavras.

– Se eu te matasse nunca me perdoaria. Sabe disso. Ainda voltaria ao regime fechado com uma pena aumentada. É isso o que você quer? Não estamos na Suíça onde a eutanásia é permitida. Aqui é o Brasil, todos querem que você sofra até o último suspiro. Infelizmente é assim.

“Eu sei. Mas... simplesmente não consigo continuar. A arma deve estar no mesmo lugar. No cofre do meu pai. Você sabe a senha. Está lá. Eu tenho certeza!”. Os olhos dela se mantinham fechados.

– Esqueceu que eu usei a arma para matar Nina?

“Não fala o nome dessa mulher! Não se faça de tolo. Sabe muito bem que tem duas armas. A de cabo de madeira. Está lá. Eu sei!”

– Michael me odiaria ainda mais. Pode representar o fim para ele. Entende? Eu não posso!

Como se guiado por uma força além dele, saiu do quarto e caminhou pelo corredor até os aposentos de sua sogra. Tirou o quadro da parede, e lá estava o cofre. Girou a combinação. Trac... Meu Deus, como tremia. Em todo esse tempo, a senha podia ter sido mudada. Mas só dependia dele. Talvez a arma não estivesse lá. A sogra se certificaria de dar fim àquilo. Mas não. Estava reluzente, e quatro balas brilhavam em pé ao lado, esperando para serem usadas. A cadeia devia mesmo tê-lo transformado em um animal. Jamais imaginou sequer cogitar algo assim. Mas quando se deu conta, a arma já estava na cintura. Voltou ao quarto. A sua esposa continuava lhe dando ordens, mesmo ele estando em um cômodo diferente.

– Acho que não devia.

“Faça logo!”

– Não quer se despedir do Michael?

As lágrimas rolaram da face dela. Talvez não estivesse em sã consciência. Ainda dava tempo de voltar atrás.

“Já me despedi de todos. Eles só não sabem disso!” Continuava adormecida.

Sentou-se novamente ao lado dela. Sabia que esse era o ponto-final dele. Tinha quatro balas. Podia dar um tiro na boca na sequência. Mas tinha ainda algo a resolver. Ele fechou os olhos, recitando uma prece; ainda havia tempo de voltar atrás. Encostou a arma na têmpora. Dentro da boca seria mais eficiente, porém, mais assustador. Puxou o gatilho.

– Eu te amo! Me desculpa...

O tiro explodiu os miolos de sua amada. O sangue jorrou na parede, na cortina e na sua face. Já não havia mais tempo para sentimentalismos. O estampido quase o ensurdeceu. Alcançou a porta, desceu a escadaria correndo e passou por seu filho, mas teve que ser indiferente a ele. Tinha se transformado definitivamente em um monstro. Ele havia morrido de vez nesse ato.

Deve estar sorrindo no inferno, não é, Nina?, pensou Ricardo.

Do gramado, ao atingir o portão, ouviu os berros inconformados da senhora, berrando da janela.

– Pega esse assassino! Matou minha filha!

Ricardo não sabia se ultrapassara os limites do que poderia fazer ou não. Um sujeito com tendências de narcisismo desde a mais tenra idade poderia, na fase adulta, criar uma empatia com outro ser, deixando de lado suas motivações egoístas? Ele se libertou de sua prisão da carne. A criatura que gemia na cama o responsabilizava por seu estado e mostrava-se incapaz de se solidarizar por ele. Os anos em que conviveram juntos tapara seus olhos para o caráter dúbio do marido. Se essa garota pretendia vingança contra ele, não seria por uma efemeridade, o lado

feminino de Elaine compreendia isso em parte. Mas ter a filha roubada foi algo que pesou contra Ricardo, mais que sua própria enfermidade. Os anos infundáveis em um colchão a martirizaram, mas não a transformaram em uma santa. Torcia pela própria morte, e nem a presença de Michael amenizava tal pensamento. Ricardo então se consolidava como um feminicida cheio de ódio extremo contra as mulheres.

Como uma aranha que tece uma teia, planejou por vias tortas esse fim torpe. O próprio marido a mataria. Era um drama shakespeariano, no fundo interpretava Iago de Otelo. O rancor consumindo-a, levando amargura a todos no lar, evanescendo da memória das pessoas, a imagem da garota apaixonada por hipismo, anfitriã dos eventos de rodeio da região e esposa religiosa que assistia sozinha à programação da Canção Nova.

O travesseiro empapado de sangue e massa cinzenta era o repouso de seus tormentos. Essa visão assombraria Ricardo pelo resto de sua vida, o que seria a maior vitória de sua nova vítima. Poucas vezes se viu um cadáver com a cabeça estourada deixar marcado em seus lábios o contorno de um sorriso. Se, com isso, gostaria de atormentar o marido, fracassou. O objetivo de Ricardo estava acima de qualquer remorso nesse momento. Tinha uma missão e obsessão que nem a lei ou as chantagens emocionais lhe retirariam.

Foi tachado de monstro, o que realmente era, e odiado pelo único filho. Mas, ainda assim, precisava achar sua bebê, antes de ser preso ou de se matar. Preferiu a primeira opção, ainda que a desaparecida o odiasse plenamente. Ele a entregaria à avó, e se lembrou de que já não era mais um bebê, alguns anos haviam transcorrido. Isso se estivesse viva, uma probabilidade baixa.

Havia chovido no dia anterior. Ele usou a água da poça no meio-fio para lavar a face e as mãos. Guardou a arma na cintura. Talvez precisasse usá-la para se defender ou para se matar. Gostaria de amaldiçoar Deus, mas sempre achou isso algo infantil. Sabia que o ser humano estava jogado à sorte em um jogo cruel. A própria cadeia alimentar era um jogo sádico. Assim era a vida. Mas nunca imaginou terminar tão mal.

Uma senhora gorda guardava sacolas de supermercado em uma Spin cinza. O medo o fez agir. O pior dos delitos já tinha sido cometido. Anunciou o assalto, não teve resistência, a arma imponente garantiu a passividade dela. Novamente uma mulher sendo vítima. Entrou no carro e partiu. Pegou um papel amarrotado no bolso. Sabia que a polícia logo estaria em seu encalço. Julgou-se burro. Podia ter atendido o mórbido desejo da esposa moribunda após resolver o que era preciso. Encontrar a velha senhora, na cidade de Taubaté.

12

CADÁVER

Ricardo fez todo o trajeto na rodovia Dutra. Passou pelo pedágio e por um posto de guarda. Estranhamente, ainda não tinha sido identificado o carro roubado. Na entrada de Taubaté, abandonou o veículo em meio a uma mata fechada. Além de presidiário, assassino e ladrão, era fugitivo. Não voltaria para a cadeia de novo. Tinha uns trocados no bolso, além de uma grana encontrada na bolsa da senhora dentro do carro. Um golpe de sorte. A casa de dona Bernadete, quase uma eremita, ficava em uma área rural, distante alguns quilômetros da cidade.

Andou por trinta minutos em uma estrada sinuosa até encontrar o casebre da velha senhora. Toda aquela simplicidade soava acolhedora. A casa era simples e de telhado baixo, com janelas e portas feitas de uma folha de madeira com fendas e carunchada. O chão de um piso vermelho-vivo. Uma diversidade de santos católicos, misturada a imagens umbandistas, muitas delas sincretizadas, mostrava que a mulher tinha uma espiritualidade muito acima das restrições de uma religiosidade determinada.

A senhora estava no terreiro, fazendo uma mistura de ervas, submersas em água morna, provinda de um caldeirão improvisado sobre uma fogueira. Seus olhos leitosos nada podiam enxergar, embora ela se movimentasse conhecendo bem o território, e, como era próprio de pessoas nessa condição, logo notou a presença da visita por meio de sua audição apurada. Soube que era um homem pela firmeza dos passos.

– O que o senhorzinho deseja?

– Você é a dona Bernadete?

– Para me encontrar nesse pedaço de fim de mundo, deve ter um bom motivo.

A senhora se aproximou dele. Tocou em seu coração e em sua face.

– Existe uma dor em seu coração e um peso em sua alma. Tem um grande potencial, tanto para o bem quanto para o mal. Mas suas folhas estão secas. O mal não tem força alguma contra ti se não aceitá-lo. Nunca se esqueça disso! É você quem abre as portas para o negativo.

– Eu soube que a senhora tem um dom. Falar com os mortos. Eu preciso de respostas de uma raptora de crianças. Preciso saber o paradeiro de minha menina.

– É melhor que algumas perguntas fiquem sem resposta. E é isso que vai ocorrer se os mortos o preferirem. E não sei dizer se é um dom ou uma maldição, mas nasci com isso.

– O que preciso para conseguir um contato com a morta?

– Já faz um tempo que não faço isso. Estou cansada. Não devo.

– Quer dinheiro?

– Não posso fazer isso por dinheiro. Mas com essa crise...

O fugitivo molhou a mão dela com algumas notas de cem reais. Ela averiguou serem desse valor, embora o relevo não estivesse perfeito.

Ricardo olhou o horizonte. O tempo parecia não correr ali. Seu semblante estava abatido. Olhou o relógio. Naquele momento já era um fora de lei, não retornaria para o presídio. A feiticeira se dirigiu a ele em tom altivo:

– Traga uma parte do corpo da defunta. Mas não posso te garantir nada. Absolutamente nada!

Embasbacado, não conseguiu sequer agradecer convenientemente à senhora, correu em direção à estrada. Sabia que Nina tinha sido enterrada no cemitério central. Pegar a rodovia novamente era um grande risco que precisava correr. Daria início a seu último ato sobre a Terra. Pelo menos pensar assim lhe conferia alguma invulnerabilidade. Olhou no retrovisor do carro, se via envelhecido, cabelos ralos, barba grisalha, uma magreza advinda não do tratamento de reprogramação alimentar, mas do estresse e da amargura. Um longo período de encarceramento e infinitas noites maldormidas. Logo ele, que já fora um rapaz saudável e atraente. Olhar-se no espelho o torturava, por isso era melhor ater-se à sua missão. Voltou ao local do sepultamento. O centro da cidade, uma típica praça cheia de bares noturnos.

Já começava a entardecer. Trajou-se com moletom e capuz, evitando o centro da cidade ao máximo para não ser reconhecido. Entrou em um ferro-velho, onde não seria submetido a perguntas, como em uma loja, e comprou uma pá, uma picareta, uma lanterna, três metros de corda e uma tesoura para cortar corrente. As economias já haviam praticamente zerado. Comprou dois pães com linguiça e uma Coca-Cola em uma lanchonete. Estava esfomeado. Encaminhou-se ao cemitério local, todo ladeado por um muro branco esburacado, que servia de refúgio para

baratas e escorpiões. Em cima do muro de dois metros, arame farpado de fora a fora para dificultar a invasão por vândalos. Encaminhou-se à entrada do necrotério, que dava acesso ao cemitério. A rua escura facilitou muito a sua ação; apenas um cão sarnento amarelo o observava, como uma espécie de sentinela passivo da situação.

A tesoura partiu a corrente com extrema facilidade. O portão rangeu. Devia ter algum vigilante noturno. Tomou extremo cuidado. Passou pela área das geladeiras, subiu um pequeno lance de escadas e logo estava no corredor central do cemitério. Em meio a uma encruzilhada, uma visão gótica e única de uma pequena capela; de ambos os lados, quadras de túmulos, alguns com belos ornamentos em seus epitáfios, com imagens de anjos e serafins. Duas árvores antigas se faziam majestosas ao centro, e uma gigantesca cruz de madeira se fazia imponente em frente à capela. Em sua base, velas queimadas. Um gato preto se esgueirava entre os túmulos, seus olhos brilhantes na escuridão. Encaminhou-se até o ossuário. Sabia bem onde estava localizado o túmulo da bruxa. Vira uma foto publicada em um jornal local na época do ocorrido, do velório desastroso, onde até o padre passou mal. O túmulo ficava abaixo de uma árvore pequena e retorcida.

Quando viu a foto dela no epitáfio, não resistiu, teve de dar uma cuspidela caprichada. Sabia que era ali, antes mesmo de ver o nome escrito e a data da morte. A plantação em volta estava morta, e as flores, murchas. Não teve paciência em remover com cuidado a tampa azulejada, nem mesmo queria que fosse assim.

Desferiu toda a sua raiva em picaretadas que trucidaram a base de azulejos. Amarrou a corda em um túmulo vizinho. Jogou a picareta na base do túmulo, com a lanterna acesa no bolso, ignorando completamente a pá, que não se fez necessária. Desceu com o auxílio da corda os pouco mais de três metros de altura. Novamente meteu a picareta nas placas de cimento, vislumbrando o caixão de madeira. Jogou o entulho para os cantos e respirou fundo antes de abrir o ataúde. Sentiu um mal-estar característico.

Havia rachaduras no caixão, onde a água infiltrava. Estava podre, quebradiço, coberto de nódoas, mofo e umidade, as alças de metal corroídas, a terra bolorenta e esponjosa. Nina parecia uma massa escura e pastosa, seus pés estavam descarnados, a pele enrugada circundando ossos secos, uma massa fétida e putrefata, a cera cadavérica a envolvê-la. Foi quando Ricardo começou a ouvir choro de bebê, vindo de fora do buraco, de um dos túmulos. Sabia ser mais uma alucinação, preferiu não dar importância a isso.

De Nina sobraram intactos apenas os ossos e os dentes. O corpo mais parecia uma uva-passa. Toda a bruxaria não a deixou imune às bactérias de sua flora e de seu sistema respiratório. Havia algumas baratas saindo de seus orifícios, além de algum cabelo. Colocou a mão cadavérica de lado. Imaginou ter de usar uma picareta, mas um simples chute foi o que bastou para separar os ossos da mão do restante da ossada. Colocou a mão em uma pequena bolsa acoplada ao corpo e preparou-se para o caminho de volta. Quando sua mão atingiu a base da cova, se

desvencilhou, caindo no buraco, diretamente no caixão, abraçado ao cadáver. A tampa do ataúde se fechou, se desfazendo, e ele engoliu parte da madeira podre, teve náuseas e vomitou. Ele esmurrou a tampa algumas vezes antes que se abrisse novamente. Estava todo dolorido. Subiu novamente enquanto um riso histérico ressoava de um lugar incompreensível, unido ao choro de um bebê. Saiu do buraco. Do princípio do corredor, um vigilante jogou a lanterna no seu rosto, dando palavras de ordem. Ricardo correu em direção à rua, retomou o carro e partiu.

De volta à casa de dona Bernadete, adormeceu na porta, completamente exausto e sujo de terra. Suas unhas tinham terra de cemitério.

Pela manhã, ela abriu a porta e o acolheu. Ofereceu um banho morno, aquecido com água do caldeirão e da fogueira. Jogou umas pétalas de rosa branca, para sua purificação, ela dizia. Ele comeu um bolo feito por ela e se recompôs. No fim da tarde, observou as árvores e as folhas se movimentando em sentido contrário ao vento. Estranho. Os pássaros buscavam alimento e um cão sereno vez ou outra o observava, em meio a um bocejo. A senhora se aproximou e desferiu um golpe certo no animal, para espanto de Ricardo. Uma pequena marreta afundou o crânio do cão.

– O que você fez?

– Esse é o sacrifício exigido para talvez você conseguir o que anseia. Ele era meu companheiro – falou enquanto recolhia o sangue do cão. – Mas a vida é feita de sacrifícios. Não é assim a cadeia alimentar?

A velha cega trouxe uma machadinha e decepou a cabeça do cão, após apalpar o corpo do animal. Separou as partes e deixou-as em cima de uma mesa para apodrecer. Moscas logo vieram pousar sobre o pedaço de carne.

– Preciso me alimentar por três dias de carne podre, e a de cão é a melhor, é uma tradição. São considerados os guardiões de Hecate, a deusa grega dos mortos.

E assim o fez. Dia após dia cozinhava a carne podre do cão e bebia seu caldo fétido. Ricardo sentia náuseas apenas de sentir o cheiro, além de achar asqueroso aquele rito. A partir do segundo dia, a anciã fez cozidos também com a mão de Nina e passou a beber e a se banhar com aquele caldo. Também se alimentava de pão apodrecido, suco de uva amargo e frutas estragadas, sem aparentar adoecer por tal regime suicida. Mais uma prova de fé irrefutável do ser humano, que pode sobrepujar a ordem natural do organismo.

– Devia ter trazido a roupa dela para vestir, isso ajuda na sintonia. Não quero desanimá-lo. Geralmente trabalho com mortos recentes, estão mais próximos. Ela já está morta há demasiado tempo. Deve estar longe.

– Não está. Sei que não.

– Se tivesse os olhos dela, aí, sim, me ajudariam a enxergar pela ótica dela. Mas sabemos que são uma fina iguaria; quando se morre, é o primeiro órgão a ser ingerido pelas bactérias oportunistas.

Chegou a noite e ela traçou um círculo de proteção, com o auxílio de um bastão cerimonial. Na sequência, bateu no chão por três vezes para atrair o espírito. Uma fogueira os iluminava em meio ao bosque, em uma luz bruxuleante. Havia ainda velas para guiar o espírito de maneira correta, além de incenso perfumado, com o mesmo intuito.

– Não sairemos daqui, nem mesmo para urinar, entendeu? O nosso limite é o amanhecer. Se nada acontecer, repetimos novamente no próximo anoitecer.

Chegou a noite. A senhora, nua, se banhou com o sangue do sacrifício. Trazia amarrada à cintura, com o auxílio de uma corda, a mão de Nina. Entoava mantras de invocação e, já em transe, rodopiava de maneira frenética. Trazia pendurado em seu pescoço, repousando sobre seus seios, um talismã grego, tradição advinda desde os tempos de Homero.

– Em respeito a nossos antepassados... Da arte advinda dos gregos, dos persas e babilônios... Os chamados manzazuu, deles seguimos o rito e a tradição...

A senhora se contorcia em transe. Então, ficou estática e, em sequência, riu, mas já não era a sua voz, era a de Nina...

13

INVOCÇÕES

A velha se empoou de um pó que ele desconhecia, em certo momento, e sua coluna já não apresentava o formato de um bumerangue, e sim a altivez de uma modelo de passarela. Poderia ser um truque ou um efeito psicológico, o fato é que desde o andar movido a passos largos ao posicionamento levemente tímido dos ombros, tudo lembrava Nina. Em outra ocasião, Ricardo se aterrorizaria e perderia o controle, mas depois de tudo o que havia passado, aquilo se tornou apenas a sequência de um pesadelo que teimava em não acabar.

Se na sua percepção o que dona Bernadete fazia era um teatro elaborado, isso se desfez rapidamente ao serem despejadas em seu ouvido frases a que somente a falecida poderia ter acesso, sílabas esparsas e vogais acentuadas, algo próprio da jovem, com algo mais raivoso e adulto. Isso não se devia à senhora ser o canal, e sim por sua imersão no mundo negro espiritual.

- Sentiu minha falta!
- Só quero saber do paradeiro de minha criança.
- Uhum... Algumas coisas é melhor não saber. Veja seu estado lastimável, hum, hum... Nem mesmo eu achei que chegaria tão longe. Matar a própria esposa... Seu ódio pelas mulheres é o verdadeiro motivo de estar aqui. Nunca se importou com sua prole.
- Desgraçada! Você arruinou a minha vida!

A criatura o circundava, e se aproximou de suas costas, tateando seu corpo, descendo a mão para apalpar seu pênis.

- Não parecia tão arruinado enquanto fodia a... Cindy.
- Segundo dona Bernadete, não temos muito tempo. Preciso ser objetivo. Diga-me, onde está minha criança?
- Sua criança está ardendo no inferno. Nem mesmo eu sabia que ela era pagã quando a sequestrei. Você não a batizou, não é mesmo? Agora ela arde em danação eterna. É estuprada e dilacerada a todo o momento.
- Mentira! Onde ela está?
- Eu a matei em sacrifício. Comi o seu coração e partes de seu frágil corpo na sequência. Olhe para meu semblante.
- Nina o fez se virar e olhar a maldade que havia nos seus olhos.
- Eu vou destruir você e seus descendentes – disse ela.
- Onde está o corpo?
- O que restou? Quase tudo foi um banquete delicioso. Deve ter virado comida de urubus.
- Onde? Onde?

Ela se aproximou e o tocou novamente, sua pele fria o repelia como se fosse um réptil rastejante. Selou um beijo, enquanto ia se liquefazendo. Um líquido negro espalhava-se pelo corpo de Ricardo, como se tivesse vida, entrando em seus olhos, em sua boca e inundando a sua face. Ele caiu para trás em delírio.

Amanheceu, e a polícia achou o terreiro, seguindo pistas de Ricardo. Encontrou a velha Bernadete falecida. Ricardo jazia abaixo de uma pequena árvore, apático.

Jogaram uma luz de lanterna nas pálpebras dele. Nenhum retorno visual. Algemaram-no apenas por precaução, poderia ser um teatro. A velha senhora foi enviada para uma autópsia, queriam descobrir se ela fora assassinada ou morrera de causas naturais – na verdade, queriam entender o que tinha acontecido ali. Passaram-se os dias e ele não melhorou, sua condição se tornou quase vegetativa.

Alguns anos atrás...

Angel tomou um café forçado, enquanto a senhora a observava fixamente. Tinha um olhar penetrante, diante do qual até mesmo uma mulher empoderada como Angel se via obrigada a desviar.

– Nina teve a chance da redenção, mas não teve culpa. Eu fui a culpada de tudo. Tive um passado negro antes de ser uma simples caseira do interior – despejou o desabafo sem titubear.

A senhora pegou um porta-retratos com a foto de Nina.

– Quando meu falecido marido me encontrou na Grande São Paulo, estava na Cracolândia, grávida. Eu não era usuária, mas onde ficaria, estando sem recursos? Ficava nas imediações da Duque de Caxias, estação Júlio Prestes. Uma fugitiva.

Meu futuro marido trabalhava em uma obra no Anhangabaú, e foi lá em busca de diversão barata. Sexo, se é que me entende. Acabou me conhecendo. Minha barriga ainda não era visível. Apaixonou-se e me levou embora para o interior. Nina nasceu, cresceu e nunca soube que ele não era seu pai verdadeiro. E ele nunca soube do meu passado antes de lá, que era algo ainda mais obscuro.

– Sou toda ouvidos.

– Morava em um cortiço, sem muitas possibilidades de futuro. Trabalhava em uma loja de calçados, ficava mais tempo no trem do que no próprio serviço, sujeita às lotações e ao estresse diário. Só conhecia pé-rapado, parecia minha sina. E foi. Acabei me casando com um. Na verdade, só juntamos os trapos.

“Mas antes disso teve um homem. Luigi foi um senhor que me despertou interesse. Ele procurava um sapato social italiano na loja em que eu trabalhava. Era todo alinhado, até mesmo suas unhas eram mais cuidadas do que as minhas. Ele me levou para comer em lugares requintados, me deu boas roupas e um lar. Seus amigos eram cultos, eruditos. Foi em um jantar em uma casa toda acarpetada, cheia de artefatos e mobílias chiques, em uma mesa retangular e grande, de madeira nobre e maciça, em um número de sete pessoas, que ele me introduziu no ocultismo.

“Luigi bebericou um vinho branco, retorceu para cima seu bigode bem feito e me fitou intensamente.

“– Gostaria de ser um receptáculo para algo muito maior?

“– Não gostaria de ter uma legião de demônios em meu corpo, se é isso o que está querendo dizer. Quem gostaria?

“– E se fosse provisório? E se todo o sortilégio caísse sobre você? Controlar o que quiser, ter fama, riqueza e beleza prolongada. O que acha?

“– Sabemos que sempre acaba mal, não é?

“Deu um maço de dinheiro para mim. Fechou a sua mão.

“– Poder infinito. Isso é apenas uma pequena amostra, minha criança.

“E, então, chegou a noite tão esperada. Era uma espécie de missa negra. O altar era feito de pedra, com um cálice sobre ele; acima, vitrais, assim como em uma igreja comum, e algumas obras de arte. O local estava iluminado com uma luz vermelha. A tríade maligna estava desenhada no altar. Cenas sexuais de santos, pura heresia. A cruz invertida. Urina, sangue e esperma eram utilizados para consumo. Bacanais aconteciam. Músicas pesadas de órgão eram introduzidas no recinto, acordes em escala de dó menor. Luigi declamou:

“– Invoco-te e te conjuro, oh, espírito. Eu ordeno que você, por intercessão dos mais poderosos príncipes, gênios e ministros do Tártaro, apareça.”

A senhora, com a cabeça esquivada ao contar essa história, voltou a fitar sua visita.

– Fico envergonhada hoje em lhe contar isso. Mas é somente para entender o que levou Nina até esse ponto. Mas retomando a história....

“Estava em profunda fornicção e dopada, não sei o que me deram. Perdi o controle e, em meu delírio, ou o que quer que fosse, senti o cheiro forte do excremento, enquanto era lacerada por um ser que usava uma cabeça de bode. Até hoje não sei direito o que vi. Era um homem, mas tinha seios, e uma silhueta feminina. Então, eu apaguei...

“Fiquei mais dois meses hospedada naquela casa. Luigi se esquivava do assunto daquela noite. Foi quando vieram os enjoos e eu sabia que estava grávida, mesmo não tendo feito o exame. E sabia que era coisa ruim. Na primeira oportunidade, eu fugi. E foi quando caí na Cracolândia. Eu me lembro remotamente de ter entregado a criança concebida para a tríade infernal. Lembro-me vagamente deles comemorando e sabia no que tinha me metido.

“O interior foi uma maneira de tentar fugir de meu passado. Me tornei uma religiosa, conheci Jesus, o redentor, ele nos perdoa de todos os nossos pecados. Mas tudo tem um preço, e Nina, conforme crescia, cada vez mais se distanciava, enquanto desgraças sucessivas aconteciam. Essa é a minha punição. Perdi minha filha. Tudo minha culpa! Ainda rezo por ela, explico a Deus que ela não teve culpa. Embora ela também tivesse o livre-arbítrio de não se encaminhar ao destino que lhe foi predestinado, eu a entreguei. E peço a redenção.

Incomodada pelo tom dogmático e moralizante da conversa, Angel se manifestou de jeito rude, sem perceber:

– Acho engraçado esse Deus dos cristãos. Você pode aprontar poucas e boas, e depois se arrepende no leito de morte. É tudo muito fácil.

Também foi uma maneira de defender a memória da jovem, já que sua própria mãe não o fazia. Conhecera Nina de perto e, embora desequilibrada, não era um monstro, como estavam propagando e como ela própria propagou. Havia grupos morais de linchadores no Facebook e eles se dividiam em duas vertentes: os que a acusavam de bruxaria e os que a protegiam, porque viam Nina como mais uma vítima de um crime de ódio.

– Não é tão fácil assim – replicou Helena. – Ele sabe o que se passa em nossos corações, e se esse arrependimento vem só da boca para fora ou é verdadeiro. Está cheio de gente hipócrita dentro da igreja. O fato é que Nina vai assombrar todos aqueles que estiveram ligados a ela nos momentos finais, e você é uma delas. Conheço um método de proteção, uma espécie de selo que vai te livrar dela. Por isso te chamei. É o mínimo que posso fazer para reduzir os danos que causei. Venha. Preciso te mostrar algo.

Atravessaram um corredor extenso, cheio de quadros de santos e terços. O rádio estava ligado em uma oração repetida, provavelmente reproduzindo uma fita ou CD. Tudo aquilo parecia uma espécie de proteção para ficar longe do olhar da

bruxa. Acima da porta do fim do corredor, uma cruz prateada. Helena abriu a porta. Angel colocou a mão sobre a boca aberta em espanto com o que viu...



O LEGADO

14

VODU

Vinte anos depois...

Kampala, Uganda, África.

Guerras civis assolavam o país por décadas. Desde 1962, o Exército da Resistência do Senhor fizera milhares de vítimas e deslocara mais de um milhão de pessoas, que tentavam fugir de sua tirania. Uganda era a região dos Grandes Lagos Africanos, dos gorilas das montanhas, das savanas e selvas, dos planaltos e montanhas. O tal exército da resistência era liderado por Joseph Kony, que se julgava o porta-voz de Deus, professando um cristianismo apocalíptico. Assassínatos, raptos, mutilações e escravidão sexual faziam parte de suas hostilidades. Eram considerados terroristas, embora não se denominassem assim.

Apesar de o local ter uma predominância do cristianismo em mais de oitenta por cento, ainda se fazia presente o vodu, religião focada na cura, com um pouco de espiritismo, animismo, magia e xamanismo. Fon gbé era a entidade espiritual. Uma religião monoteísta, cujo nome significa Bon Dieu, “Bom Deus” em tradução. Assim como a umbanda no Brasil, sofreu sincretismo religioso. A música, a dança e sacrifícios de animais faziam parte do rito. Eles se justificam; assim como a população em geral come carne, e essa carne provém de uma matança, os praticantes do vodu também a comem; a diferença é que aproveitam o sangue, ofertando-o às entidades, que são diversas, e cada qual tem uma personalidade própria.

O missionário brasileiro de nome Urbano ajudava como voluntário numa pequena aldeia, onde as casas eram feitas de barro e cobertas com fibra de bananeira. Uma das principais alimentações dessa aldeia carente era a obucheira, uma espécie de suco preparado com sorgamo, uma planta recorrente nessa área seca. Da banana e do amendoim eram feitos o molho. Havia ainda o pocho, uma iguaria feita com milho-branco. Não havia saneamento básico, o esgoto corria a céu aberto – cenário que Urbano conhecia bem do próprio país de origem. Também não havia período letivo, as aulas acabavam junto com o milho. Banana, sabão e parafina estavam entre os principais produtos da economia local. O moinho presente era responsável por moer o sorgamo e garantir a farinha para a aldeia.

Urbano iniciara sua vida missionária no projeto Rondon, quando ia de avião Hércules às áreas mais remotas, algumas de povos nativos, e ajudava da maneira que podia, quer por trabalhos físicos, quer por consolo espiritual. Com o tempo, ele foi absorvendo o comportamento dos habitantes de Kampala. Não eram pontuais, não tinham compromissos, riam a todo o instante, apesar de toda a miséria. Uma leveza e alegria que ele invejava. As mortes por Aids estavam em um estado alarmante, a prostituição desenfreada. Só pensavam no hoje. Autoridades como professores eram sagradas naquele local, muito diferente da maneira como eram tratados no Brasil. Surras eram dadas em público para dar o exemplo. Já na sua terra tupiniquim, os mestres é que eram surrados.

O que poucos sabiam sobre esse homem na faixa dos trinta anos, tão jovem, mas com aparência de mais velho, era a sua trajetória de vida cheia de obstáculos e sua história de superação. Os óculos de aros largos, a roupa social, a camisa polo, o cabelo penteado para trás e o pequeno excesso de peso eram o que mais o envelhecia; certamente a sua seriedade ajudava, a barba volumosa também. Além de missionário, era um erudito, um profundo estudioso de parapsicologia e demonologia. E tão precoce que seus mestres sexagenários já lhe pediam conselhos em várias situações. As duas faculdades tinham contradições gritantes. Sua vida fora dedicada a tentar desvendar o sobrenatural. Até hoje não tinha respostas. Mais que altruísmo, o que o levava a uma missão em Uganda fora o fascínio pelo vodu.

Descobriria que o vodu era muito mais do que bonecos espetados com alfinetes. Os pedidos eram muito parecidos em todo o mundo, universais: proteção, afastar inimigos ou alcançar o amor. Assim como o candomblé, tão conhecido por Urbano, o vodu tinha uma essência parecida. Embora os rituais e nomes dos deuses variassem, essas crenças tinham surgido de uma mesma época e na mesma região da África, no século 4 a.C., em uma faixa de terra que vai de Gana até a Nigéria. Com a migração forçada de escravos, cada região se adaptou como podia.

A cerimônia de um funeral estava sendo regida por uma sacerdotisa. O homem falecido foi levado em um caixão barato. Crianças com pés no chão e cães vadios circulavam o local. Os homens tocavam tambores em um plano menor, enquanto as mulheres se destacavam ao centro. Urbano acompanhou ainda o caso de um bokor,

trazendo um morto de volta à vida. Segundo relatos, ele teria desenterrado o morto e o invocado. Ele viu o homem que caminhava de maneira apática pelas ruas de terra. Ele não respondia a nenhum estímulo, parecia mesmo um zumbi. O morto ganhou vida por dois dias e executou uma pessoa com golpes de machadinha a mando do sacerdote. Iniciou-se a procura pelo suspeito, que foi encontrado morto na beira de um barranco. Sua certidão de óbito era de semanas antes. Catalepsia?, perguntou-se o estudioso. Após o ciclo, o corpo do cadáver foi incinerado.

Urbano acompanhou ainda rituais para diferentes tipos de loa, e os variados despachos para agradá-los, a maioria de comidas e bebidas ou sangue de animais, como galinhas, cabras, bodes. Todos morriam do mesmo modo, degolados. Uma jovem dançava de maneira frenética enquanto o sangue de uma galinha degolada caía sobre ela e o alimento ofertado. O animal sangrou até morrer. Ofertaram o coração à entidade e o restante serviu de alimento para almoços da aldeia. Aquela entidade em especial fora a mais agressiva que Urbano presenciara. Toda a aldeia flutuante, a qual se tinha acesso apenas de canoa, estava em histeria coletiva. As pessoas possuídas se agrediam e se autoferiam, infligindo dor. Essa entidade gostava de sangue humano. Esse episódio realmente o assustou. Não ousou entrar no santuário, foi alertado que seria possuído se o fizesse.

Cada família louvava seu ancestral. Algumas construíam altares. Nas prateleiras das casas, o brasileiro encontrava bonecos de vodú de todas as cores. Eram usados para espantar alguém, não para causar dor, como mostravam os filmes. Em algumas sessões, passaram a ele banho de ervas para descarrego. Seguiu os ritos corretamente. Embora fosse apenas um observador, sentia que devia demonstrar o mínimo de respeito. Odiava os sacrifícios dos animais, mas de sua boca não saía uma única palavra de censura. Ele já tivera certa dificuldade em ser aceito. No começo, olhavam-no com desconfiança. Aos poucos, o homem branco foi ganhando território e confiança do povo. Nas feiras livres, encontrava muitas ossadas de animais para diversos tipos de feitiço. No começo achava bizarro, depois se acostumou.

Em uma tarde ensolarada, no centro de Kampala, ele acessava a internet de uma base central e encontrou a foto de um artefato. Um espelho dito amaldiçoado. Já se sentia ofegante, o coração palpitando revelando sua ansiedade. Tirou a carteira do bolso e dela um recorte de jornal surrado. A foto da publicação sensacionalista mostrava um corpo no chão, mais especificamente as pernas de uma mulher morta, muito sangue e um homem algemado. De fundo o espelho, sim, era o mesmo, estava perdido havia duas décadas. Imediatamente ligou para o consulado. Precisava retornar ao Brasil.

No avião, iniciou uma série de ritos de orações. Incontáveis vezes deu o giro no terço, contando as pedras, a ave-maria, o pai-nosso, o credo, a salve-rainha. Precisava se proteger. Havia um bom tempo não pisava em terras tupiniquins. Claro, se protegia dos espíritos como podia, da violência não havia reza suficiente.

Seu lado demonologista sempre falava mais alto que a parapsicologia. A ideia de deixar as crianças subnutridas e fadadas à ignorância sem seu auxílio, assim como as vítimas de violência e de diversas doenças, sem contar os cataclismos e a fúria da natureza, que vez ou outra os castigava, tudo soava como uma espécie de traição. Embora deixar sua pátria igualmente abandonada tivesse soado igual para muitos.

O avião desembarcou no Aeroporto de Guarulhos. Pegou um táxi diretamente para o hotel. Estar de volta ao Brasil não era exatamente uma alegria. O cansaço da viagem o fez repousar sem ao menos tomar um banho. Foi só o tempo de tirar seu sapato e blazer e cair em um sono profundo. Três horas depois, tomou uma bela ducha e pegou um táxi novamente em direção ao Market Plaza, mas não contava com o trânsito caótico de São Paulo, que só agravava nas últimas décadas.

O artefato fora leiloado naquele local e levado alguns meses antes de sua chegada. Com toda sua eloquência e jeito refinado de traquejar, conseguiu convencer o leiloeiro, mesmo contrariado, a revelar a identidade do comprador.

- Não diga que eu dei o número, ou vai me complicar.
- De forma alguma. Mais uma pergunta, se me permite.
- Depende, meu senhor.
- Quem lhes vendeu o espelho?
- Isso é estritamente confidencial.

Um jovem da própria cidade fora o comprador. Munido de informações sobre o jovem, Urbano foi à sua procura...

Três meses atrás...

Quinhentos e setenta reais. Era o máximo que Juan estava disposto a pagar por aquele espelho velho. Por sorte, seu oponente largou mão, e o leiloeiro bateu o martelo. Ou azar dele. Ainda não estava certo de ter feito bom negócio. Devia estar guardando suas economias, era apenas um estudante, morando em uma república e com três anos de estudo pela frente.

Ninguém estava disposto a cobrir aquela oferta, e em uma semana o seu espelho estava pendurado na parede. Veio embrulhado em uma caixa de papelão, cheia de espuma por dentro para proteger contra algum choque. O interessante foi notar que a parede do corredor batia simetricamente com o artefato, como se estivesse destinado desde sempre àquele local.

Nunca teve muito jeito com serviços dos intitulados maridos de aluguel, como trocar uma resistência de chuveiro, uma torneira ou usar uma furadeira. Sempre utilizava a broca errada, parafuso de medida diferente, e então tudo ficava bambo. Não queria ver um espelho daquela proporção espatifando no chão e dando-lhe sete anos de azar. Optou por um prego grande, mas, logo ao fixá-lo na parede, fez um

corte na mão, pouco profundo, porém o bastante para jorrar uma quantidade considerável de sangue. Procurou uma toalha para estancá-lo, saiu à porta de seu quarto, e foi quando a pressão caiu.

Quando se restabeleceu, já sentado no chão, viu à sua frente uma garota de cabelos dourados, uma colega da república. Ele sabia o nome dela, Beatriz, mas nunca tinha lhe dado muita importância. Aquele momento, no entanto, foi um divisor de águas. Ali começou a nutrir um forte desejo e uma paixão que se tornaria incontrolável. Enquanto ela lhe fazia um curativo, o seu coração ardia de desejo, e foi tudo muito rápido; ela era quente, e logo estavam se relacionando. Eles eram insaciáveis, passavam a noite no mais puro prazer. Pela manhã, ela gostava de se pentear em frente ao espelho, e então ficava contemplativa e silenciosa. Parecia ainda mais linda vista em seu reflexo.

Mas em pouco tempo a relação descarrilhou. Ela dizia ser leal, mas não fiel. Queria ter outros parceiros, um relacionamento aberto. É claro que ele não aceitou, mas também não queria romper com aquela que era sua musa e rainha, embora fossem praticamente estranhos há pouco tempo. Mas a paixão não tem razão. Seguiram-se fortes discussões. Juan passou a ter um ciúme incontrolável, a ponto de espioná-la, pegar seu celular escondido e coisas do gênero. Paralelo a isso, eventos que facilmente seriam classificados como infestação diabólica começaram a ocorrer, desde batidas na porta até brigas generalizadas na república. O efeito manada. E quanto mais ciúme, menos interessante ele se tornou para ela. Até o dia em que Juan entrou furtivamente no quarto dela e a pegou transando com um jovem do quarto ano. Saiu do quarto sem ser visto, devastado e com uma ira incontrolável.

Tomou um banho e se olhou naquele espelho, que, a seu ver, de amaldiçoado não tinha nada. Fitou-se por um bom tempo, para ver se o reflexo se movia ou se alguma entidade aparecia atrás dele. Nada, absolutamente nada! Aquele leiloeiro havia dito que o artefato estava na cena de um crime, riu daquela tolice. Toda a contemplação o fez ver que precisava fazer a barba. Colocou o creme de barbear e usou a navalha, da maneira antiga. Foi quando viu pelo reflexo Beatriz entrando.

– O que estava fazendo no meu quarto?

– Eu vi você transando com aquele cara – falou de costas, vendo-a pelo reflexo. – Você não presta!

– Você está louco! Não tinha ninguém comigo. Olha aqui.

Ela o virou, e ele instintivamente passou a navalha, proporcionando um grande sorriso no pescoço dela, de fora a fora. Ficou perplexo e sem ação vendo-a se afogar no próprio sangue. Quando a matou, sua ira se voltou ao artefato. Tirou-o da parede com grande dificuldade e o lançou ao chão com imensa fúria. Mas ele não quebrou. Quando o comprou, o leiloeiro disse que era impossível destruí-lo. E mais, foi o barulho da queda do espelho que chamou a atenção dos residentes da república. Quando o primeiro estudante entrou e caiu batendo a cabeça no chão, escorregando na poça de sangue de Beatriz, outros vieram, e o detiveram até a

chegada da polícia. Ainda estava atordoado. Apenas mais um caso de feminicídio no Brasil.

Arrastado pelos guardas, deu uma última olhadela no artefato. Ele não tinha mais nenhuma oxidação, estava novo. Era como se tivesse absorvido uma energia provinda da morte de Bia.

Juan deu um riso que beirava a histeria quando foi preso.

– Esse espelho é maldito!

Todos culpavam algo, até mesmo o diabo levava crimes nas costas. O que mais existiam eram assassinos se proclamando guiados por uma força sobrenatural, ou se alegando inocentes. As pessoas riram de suas afirmações, quem o levaria a sério?

15

O SANATÓRIO

Urbano chegou à república. Logo na entrada, sentiu uma aura pesada. De maneira discreta entoou orações sussurradas atravessando o corredor, enquanto aspergia água benta pelos arredores. A presença se fez mais forte no quarto do assassinato. Na parede, uma mancha de mofo com o desenho do espelho. O jovem Robson foi o seu guia.

– Foi aqui que ele degolou ela. Veja, tem as manchas do sangue ainda, bem no chão. Muitos pais tiraram os filhos daqui depois disso, preferiram hospedá-los em hotéis pela região. Esse lugar nunca foi tão deserto. Soube que Juan se matou na cadeia. Ele estava perturbado, ouvindo vozes. Não estava bem da cabeça. É o peso da culpa.

– E o espelho que estava aqui?

– Eu não sei.

– A polícia o recolheu para alguma averiguação?

– Não sei nada sobre isso.

– Tem certeza? Estou disposto a dar uma recompensa. Bom. Deixe-me ver.

Urbano vasculhou os bolsos. Tirou uma nota de cem reais.

– Achei que fosse um religioso. De certa forma está me corrompendo.

– É apenas um presente. Alguns males são para o bem.

O rapaz pegou a grana e a guardou no bolso.

– Eu vou te contar, mas não passa para a frente, ok?

– Pode ficar tranquilo.

– Eu precisava de uma grana. Uma moça apareceu. Era bem objetiva. Ela queria o espelho. Eu vendi a ela por duzentos reais.

– Você tem o endereço dela?

O jovem titubeou. Caminhou de um lado ao outro.

– Eu não devia dizer isso, mas acho que você deve ser um cara legal. Quando ela veio a primeira vez, eu não topei vender o espelho, mas ela era insistente e me deixou um cartão, embora fosse ela que me ligasse constantemente. Deixe-me ver.

O jovem caminhou a passos largos até seu quarto. Vasculhou uns papéis que caíam ao chão, todos empilhados de maneira desordenada na prateleira. Urbano notou a desorganização do local, as bitucas de cigarro espalhadas pelo chão.

– Aqui está! Eu guardo tudo, meio bagunçado, mas deixo por aqui.

– Os gênios administram o caos.

O cartão tinha o nome de Jéssica Oliveira. Psiquiatria. Sanatório Alberto Campos, e um número, além de seu telefone pessoal. Perguntou-se qual seria o interesse dessa mulher nesse artefato. Já sabia o seu destino.

Em razão de sua influência, Urbano conseguiu marcar um encontro no sanatório. Um prédio de mais de cem anos. As gárgulas na entrada mais lembravam Pazuzu do que qualquer outra coisa. O prédio frio e cinza guardava memórias de dias terríveis que pareciam se materializar em uma negatividade sempre presente.

Tudo ali parecia antigo, arcaico, sem vida. A recepcionista, desgostosa da vida, a pedido de Urbano interfonou para Jéssica. Voltou o interfone no gancho com um metálico “já vem”, sibilado de maneira quase inaudível. O demonologista sentou-se em uma cadeira desconfortável, metálica, com assento de madeira, quebrado na ponta, e imaginou há quanto tempo aquele prédio recebia migalhas do governo apenas para subsistir. A doutora de cabelos longos bem tratados e uma postura ereta e sublime era uma companhia deveras agradável. Tinha uma feição indecifrável, cintura fina, roupa alinhada, cheiro agradável, olhos brilhantes e delineados, lábios lustrosos e carnudos e a pele com certo frescor que só se possui na juventude.

– Você que me ligou? Urbano, é isso?

– Exato. Prazer! Desculpe te atrapalhar em seu serviço. Gostaria de conversar contigo.

– Ah, sim. Me acompanhe. Vamos ao meu escritório. É um local mais reservado.

Ela caminhou na frente, como uma sereia que o guiasse para um desfiladeiro rochoso. Logo ele a alcançou e passaram a caminhar lado a lado, atravessando o corredor sombrio. Alguns doentes apáticos olhavam para o nada, absortos em seu próprio mundo.

– Soube que esse prédio tem histórias terríveis.

– Tem, sim. Pouco mais de um século, mas ele subsistiu e hoje é bem diferente do que foi um dia. Mas é melhor não me ater a detalhes, para que sua visita seja

mais agradável. Assim como a maioria dos sanatórios, teve superpopulação. Cinco mil pessoas chegaram a habitar esse prédio, hoje são 165. Olha a diferença. Na década de 1930, mandavam todo tipo de gente. Se fosse negro, homossexual ou tivesse alguma desavença com alguém endinheirado, já era o bastante. O método de eletrochoques teve uma consequência catastrófica, isso aqui se igualou a um campo de concentração nazista.

– Sinto algo maligno aqui. – Urbano tocou a parede. – Muita tristeza neste lugar.

– É um sensitivo? Muita coisa ruim aconteceu. Homens e mulheres misturados, sujos, cabelos desgrenhados, viviam em farrapos, muitos ficavam nus, o que proporcionava muitos estupros, vários deles cometidos por funcionários. As cabeças eram raspadas, os pés, descalços. Aqui faz um frio tremendo, imagina. Local descampado.

– Sim, eu li sobre isso nos arquivos. Esse lugar era conhecido como Vale dos Urubus. A insalubridade os deixava sempre ao redor. Se não me engano, o número de mortes chegava a mais de uma dezena por dia. Os corpos eram vendidos para faculdades. Um verdadeiro absurdo!

– Exato! Bebiam água de esgoto e comiam os próprios excrementos. Dormiam juntos em salas sem cama, forradas com capim. Por causa da fome, comiam ratos e pombos vivos. Eram chamados de peças, não os consideravam seres humanos. Mas é sempre bom lembrar que esse genocídio não aconteceu em nossa gestão, nós mudamos isso aqui. Entre!

Ela abriu a porta de seu escritório. Era muito jovem, na casa dos vinte e poucos anos, e já em uma posição de chefia. Devia ser muito promissora.

– Sente-se! Quer um café?

– Não, obrigado! Irei direto ao ponto.

Uma pancada se fez na porta de entrada, assustando-o. Um paciente esquelético o observava pela janela de vidro. Murmurava algo incompreensível. Sentiu seu coração agitar e logo foi se recompondo, enquanto ela ria de maneira não profissional do ocorrido.

– Por que comprou o espelho de uma cena de crime?

– Pelo mesmo motivo que você o deseja.

– Não compreendo.

– Conheço bem a história. Sei tudo sobre o que foi Nina. Ela era uma bruxa suprema. Tenho certo declínio, diria fascínio, pelo oculto. Soube nas entrelinhas da história. Ela amaldiçoou o espelho pouco antes de sua morte. Bem provável que seja um artefato amaldiçoado. Quando soube da notícia do jovem estudante que degolou a namorada, logo reconheci a imagem do espelho. Já tinha tentado comprá-lo no antiquário, mas esse jovem patético chegou na minha frente. Teria evitado um grande dano, se tivesse chegado antes.

– Concordo contigo. Mas onde está o espelho? Eu preciso dele. Tenho uma sala consagrada onde posso barrar qualquer manifestação maligna e diabólica.

Ela tamborilava a mesa com um olhar sarcástico.

– Então você é uma espécie de Warren do Brasil. Meu interesse é outro. Quero comprovar com ele que existe o sobrenatural. Ele está na minha sala e quero ver qual poder de influência ele pode exercer.

– Você não entende. Isso pode arruinar a sua vida.

– Não seja dramático. – Ela começou a lixar a unha. – Meu interesse começou aqui, neste sanatório. Coisas diabólicas ocorrem.

– Que tipo de coisa?

– Isso que chamam de infestação.

– Mas o que teria aqui de seu interesse?

– Não se faça de tolo! Sabe muito bem que Ricardo está internado aqui. Se conhece a história do espelho, sabe disso.

Urbano se manteve em um silêncio constrangedor. Ela continuou:

– A polícia o encontrou balbuciando coisas sem sentido. Ele participou de uma espécie de rito para trazer Nina de volta e saber o paradeiro de seu filho. Que vida desgraçada esse homem teve. Matou a própria esposa, e que vida ela tinha, não é? Não teve jeito. O homem está em transe até hoje e é praticamente vegetativo. Está em uma maca no terceiro subsolo, em um pequeno quarto com uma cruz de madeira na porta, mas, pelo que parece, não é o suficiente para conter o malefício. Ele balbucia o nome de Nina constantemente, seus olhos esbugalhados parecem ter visto coisas que até Deus duvida. Se já havia um certo inferno aqui, ele escancarou essa porta de vez.

Urbano levantou-se e alinhou o paletó.

– Então devo partir. Mas lhe asseguro, vai se arrepender de não me entregar esse artefato. Ele é muito perigoso. Quando você olha para os demônios, eles voltam o olhar para ti.

– Não disse que não. Só precisamos conversar um pouco mais. Quando recebi o seu recado, tomei a liberdade de investigar a sua vida. Soube que é missionário, demonologista. Interessante.

– O maior trunfo do diabo é fazer as pessoas crerem que ele não existe.

– Palavra controversa para alguém que também estuda parapsicologia.

– Preciso debandar para um lado.

Ela juntou as mãos abaixo da face, sustentando o queixo, em admiração. Ele continuou:

– Não sou nenhum santo. Praticar o altruísmo não é fácil. Vai me deixar ver o espelho?

– Por que não? Estou com uma viagem marcada. Mas semana que vem pode me procurar nesse endereço. – Ela rabiscou seu endereço. – Você é tipo um padre?

– Me estudou. Deveria saber. Sou uma espécie de conselheiro dos padres. Bem, os ajudo em certos aspectos e recebo a bênção quando é preciso.

– Mas você é tão jovem para um cargo tão importante.

– Digo o mesmo de você.

Ele deu uma medalhinha de São Bento a ela.

– Reze sempre a Deus. Peça que a proteja do inimigo.

Ela riu discretamente e pegou a medalha.

– Você é um fofo! Vem comigo!

Ela o conduziu ao terceiro subsolo. Sempre que entrava por um complexo de grades, tinha que trancá-lo, feito um presídio. O ar parecia faltar lá embaixo. Vozes cavernosas ressoavam dos corredores, guturais, evocando malefícios. Todos os pacientes estavam voltados para a parede ao mesmo tempo, como se obedecessem a alguma ordem. A sala a que era conduzido ficava de frente, em um corredor que parecia não ter fim. Ele olhou pela pequena janela da porta metálica com uma cruz pendurada acima. A sala acolchoada tinha uma pequena maca, na qual Ricardo, vinte anos mais velho – mas com aparência de quarenta –, totalmente grisalho, jazia atônito olhando para o teto. Uma baba escorria do canto de sua boca. Suas mãos atadas por faixas nas barras de ferro laterais impediam que se ferisse. Urbano ficou visivelmente abalado e saiu de maneira desenfreada daquele local assustador. A sua anfitriã o interpelou:

– Não vai dar um abraço no seu pai, Michael?

Ele se virou para ela.

– O que disse?

– Não tenho dúvidas de que você é o filho mais velho de Ricardo. Urbano é um nome fictício, me assegurei disso. Tenta fugir de seu passado, de seu destino. Você é a cara dele. Tem os mesmos trejeitos, o mesmo olhar. Até o porte lembra a foto dele de vinte anos atrás. Veja, eu entendo que tente fugir, é mais forte que você, não é? Não acha que está na hora de perdoá-lo? Já está prestes a completar seus 33 anos de idade. Já é hora de terminar o que foi começado.

Urbano saiu e bateu a porta...

LAÇOS DE SANGUE

Urbano estava hospedado em um quarto de hotel. Não esperava ninguém, quando o interfone tocou.

- Senhor Urbano! Tem uma mulher no saguão. Deseja falar contigo.
- Ok. Quem é?
- Ela não quis se identificar.

Achou tratar-se de Jéssica. Estava errado. Era uma mulher já madura, com traços asiáticos, e exalava uma certa jovialidade e grande beleza, com um refinamento de quem conhece etiqueta e ostentando uma bengala com ponta prateada. Urbano a cumprimentou e sentou-se de frente a ela no sofá acolchoado do hotel.

- Você se parece com ele! – ela disse.
- Me desculpe! Eu te conheço?
- Eu me chamo Angelique. Fui namorada de Nina antes de toda essa tragédia. Soube há pouco que o filho de Ricardo retornou de sua missão, iniciada no Haiti, junto aos capacetes azuis, e depois em Kampala, na Uganda.
- Achei que meu segredo estava seguro. O que deseja?
- Quero falar sobre seu pai.
- Meu pai foi um verdadeiro crápula, mas acredito que forças negativas o influenciaram e o enlouqueceram. – Observou-a atentamente. – Explica, mas não justifica. Eu sei quem você é, uma bruxa, assim como Nina.
- Diferentemente dela, sempre pratiquei apenas magia branca.

– Não me importo, se o seu objetivo não é fazer o mal ao próximo, cada ser humano tem direito a fazer suas escolhas. Esse é um país laico.

– Não vim aqui para discutir a minha crença. O fato é que, após o ocorrido, fui visitar a mãe de Nina, e ela me revelou algo surpreendente.

– O que pode me surpreender? Minha família foi arruinada. Minha mãe, em estado vegetativo, foi morta por meu próprio pai. E minha irmã nunca foi encontrada. Segundo o relato de Nina, foi usada em um ritual de magia.

Angel tocou as mãos relutantes de Urbano.

– Você sofreu muito. Mas usou o sofrimento para o bem. Fico feliz por isso. Ouça com atenção. Nina não matou essa criança. Ela está viva! Eu a vi no quarto da casa da mãe dela.

A face de Urbano se ruborizou quase de imediato.

– Helena Adágio estava desorientada. Nina tinha acabado de morrer e deixara uma criança com ela. Tinha medo de ser acusada de sequestro ou coisa pior. Eu tomei as rédeas. Peguei a criança e fiquei muito confusa. Queria conversar com seu pai, mas ele tinha invocado Nina, e isso o fez enlouquecer. Anos depois, tentei fazer contato e não foi possível dialogar com ele, tive medo, estava envolvida até o pescoço nisso, a justiça não me absolveria. Pensei em entregar a criança para o governo, ou melhor, tinha a sua avó, uma pessoa de difícil diálogo, mas seria a escolha natural. E havia outro problema.

– Não entendo por que nos fez sofrer ainda mais. Teve a oportunidade de consertar as coisas e as omitiu? Isso é crime, minha senhora. Algo temeroso. Isso não se faz.

– Eu sabia da influência de Nina. Mesmo após a sua morte, ela nos assombra. No entanto, tenho as minhas táticas para mantê-la afastada. Eu não nasci ontem. Todos os que estão ligados a ela, assim como eu, precisam de um círculo de proteção, que os torna invisíveis para essa entidade. Sim, foi isso que ela se tornou. A pura maldade. Eu podia proteger essa criança, e assim o fiz. Ela ficou longe do olhar da bruxa, por muitos e muitos anos.

– Papo furado! Eu nunca sofri qualquer influência de Nina. Sou diretamente ligado a ela. Não sou?

– Você praticou o bem. Tem coração puro. Isso te protegeu. Entende? Preciso que entenda. Esse mal é muito maior do que imagina. De um tempo para cá, começaram a descobrir a verdade sobre quem ela era. Escondi a sua irmã de um grupo diabólico, tive boa intenção, mas tudo foi por água abaixo.

– Eu quero vê-la!

– Descobriram o paradeiro dela e posso lhe assegurar: irá se transformar em uma serva do diabo.

– Quero vê-la... – falou, com a voz exaltada. – Agora!

– Tem uma discípula, ela se chama Jéssica e trabalha no sanatório. Tenho fortes razões para acreditar que ela age a serviço do diabo. Meus olheiros souberam

que você a visitou.

Urbano perdeu o chão, desorientado.

– Por isso ela teve interesse no espelho.

– Tenho certeza de que Nina está tentando se manifestar por meio dela. Não está satisfeita apenas com a ruína de Ricardo. Quer arruinar as gerações seguintes, é como uma maldição.

– Ainda não creio. Onde está minha irmã?

– Eu a deixei ainda bebê na porta do convento das Carmelitas de São Paulo. Futuramente visitei o local como uma colaboradora. E ela é uma das irmãs. Já faz tempo.

– Como sabe que eles a encontraram?

– Por meio da alta magia. Algo que não compreenderia facilmente.

Urbano levantou-se.

– Preciso encontrá-la.

– Entendo que seja hora de reatar laços. Mas tem algo que precisa fazer antes.

– Ah, é?

– Deve visitar seu pai e perdoá-lo. Ou isso será usado contra você!

– Você tem razão. Há tempos venho fugindo disso.

Urbano voltou ao sanatório. Jéssica estava de viagem. Por sua posição respeitosa na igreja, deixaram-no visitar o paciente. Sentiu uma inquietação ao atravessar novamente aquele corredor. As memórias agora vinham em sua mente como nunca, com um frescor impressionante. Imagens de seu pai, forte e viril, um esteio, um porto seguro de toda a família, tudo arruinado por uma sucessão de atos inconsequentes.

Ficou frente a frente com seu pai. O homem não parecia conhecê-lo. Estava aéreo e atônito. Pegou nas mãos do paciente, um ato de carinho.

– Pai, sou eu. Me reconhece?

O homem o olhou com indiferença. Nenhuma palavra saía de seus lábios.

– Precisa saber. Lúcia está viva! Nina a manteve em vida, e ela foi resgatada.

O homem parecia compreender, mas não tinha forças para dialogar. Pareceu sossegar seu coração com aquela notícia. Urbano sentiu-se mal por ter abandonado o próprio pai. Segurou forte a mão do velho e beijou-a.

– Eu te perdoo.

E assim Urbano deixou o homem moribundo e partiu rumo ao convento das Carmelitas, na grande capital de São Paulo. Desceu na estação Portuguesa-Tietê. A metrópole pulsava. Uma grande variedade de pessoas, de todas as partes do mundo. Alguns haitianos que se viravam como podiam, fazendo dreads, vendendo balas, sempre com bom humor, disputavam espaço com venezuelanos, sírios e pessoas de

outras nacionalidades que embarcavam naquela cidade. Pegou o metrô e se perdia em pensamentos enquanto ouvia a voz metálica anunciando a próxima parada.

Havia três décadas a madre superiora Socorro Conceição estava à frente da administração do convento. O ambiente tinha um aspecto tranquilo, gélido, com imagens santas por todo lado, um piso frio e sem alma, tudo muito limpo, típico de quem não se distrai com baboseiras e está sempre se expiando, em vigília e oração. Uma música sacra harmonizava o ambiente. Urbano adentrou uma pequena capela para oração diária das irmãs. A madre transbordava austeridade e, sobre o hábito, havia uma grande cruz de madeira.

– Gostaria de falar com a irmã Lúcia.

– Ela está reclusa em orações. Pode deixar recado. Sobre o que se trata?

– É algo confidencial, madre.

– Então, nesse caso, ficarei te devendo.

– Eu perdi a minha viagem?

– Até mais ver. Eu lamento.

– Eu sou o irmão dela. Vim da África, de uma missão. Por favor, não me deixe partir dessa forma.

A irmã mudou a sua feição de imediato. Como se uma parede de gelo que os separasse tivesse se desfeito por encanto.

– Então você é o irmão de Lúcia! E o que deseja com ela, tantos anos depois?

– Não sabia do paradeiro dela até há pouco tempo. Ao menos mantiveram seu nome, já que esconderam sua verdadeira história.

– Eu sou uma espécie de mãe para ela. Desde criança a embalei, consegui as amas de leite e cuidei de todo o aprendizado. Mas irmã Lúcia é corrompida.

– Como assim?

– Sua irmã, como diz, não está nada bem.

– Posso vê-la?

– Antes vamos tomar um café. Tenho uma história para te contar.

A madre serviu um café quente, o qual Urbano tomou com deleite. Não era um viciado em cafeína, mas o frio cortante pedia algo quente. A madre começou o seu relato:

– Sua irmã foi entregue por uma mulher praticante de magia. Ela me explicou do que se tratava e eu fui investigar o caso da bruxa.

– Nina.

– Não diga o nome dela, nunca diga, entendeu?

– Me desculpe.

– Eu comprei a ideia, cuidei dessa menina e mantive o segredo. Por instinto, soube que precisava protegê-la de uma força tenebrosa. Que Deus me perdoe. O fato é que ela sempre foi especial. Lúcia desde criança tinha o dom da cura. Descobri isso quando estávamos em uma missão, servindo comida e doando agasalhos para moradores de rua. Estava ajudando a servi-los. Quando vimos a

cena, que muitos diriam ser asquerosa, tivemos a convicção de que ela estava ficando louca. A jovem beijou uma ferida purulenta de um mendigo.

– Entendo.

– O fato é que o homem se curou. Ela tem o poder da cura. Pequenas curas, mais espirituais que físicas. Sabe que a maioria dos nossos problemas é psicossomática, vem de uma série de negatividades que ocorre em nossas vidas. Sua irmã é especial. Ela é um dom de Deus. Ao menos é o que achamos.

– Que bênção. Ela deve ser encantadora.

– E é, mas o diabo disputa a vida dela. Eu sei. E pelo que notei, é uma espécie de transferência. As curas alheias a deixam cada vez mais doente. E tem mais. Espere um minuto.

A irmã saiu e depois retornou com quatro fotos nas mãos, de partes do corpo de Lúcia. Mostrou-as:

– Faz três anos que ela recebeu os estigmas de Cristo. Nas mãos, a marca dos pregos, que sempre vertem sangue. Ela é muito fraca fisicamente, sua saúde somente declina. Muitos acham que ela é uma fraude; em todo caso, consegui escondê-la dos olhos curiosos da imprensa. Assim como o padre Pio, ela é torturada constantemente por demônios que tentam possuí-la. Tem o dom da adivinhação, de prever o futuro. As orações jamais cessam, ela precisa de toda a força possível para combater o mal.

– Por essa não esperava.

– Vejo que os dois irmãos seguiram caminhos parecidos. O altruísmo está presente na família de vocês. Ao menos nos descendentes.

– Bom, sabe que a nossa história foi trágica. Perdemos a nossa mãe muito cedo, e Lúcia desapareceu muito precocemente. Deve estar uma linda jovem. Minha mãe ficou vegetativa antes de ser assassinada, e meu pai, como por punição, se encontra em um estado bem parecido com o dela. Não vou lhe negar. Omiti minha identidade por muitos anos. Parti para a África mais como uma forma de fuga. Mas tenho pendências que tiram meu sono e minha paz. Por isso retornei. E tive essa surpresa boa. Sempre achei que Lúcia estivesse realmente morta.

– Agora é tentar correr atrás do tempo perdido. Não é mesmo, meu jovem?

– Não tão jovem assim.

Ela deu um sorriso cordial.

– Venha. Me acompanhe. Está na hora de conhecê-la.

POSSESSÃO

Irmã Lúcia, apesar da palidez decorrente da fraqueza e das doenças, tinha uma beleza que lembrava a de uma santa. Estava deitada em sua cama, com as palmas das mãos voltadas para cima, vertendo sangue do centro. Tinha uma voz doce, como a de um anjo. Socorro levou Urbano até ela.

– Irmã Lúcia, esse é seu irmão. Ele veio te ver.

– Aproxime-se. Venha!

Ela apalpou a face do irmão. A jovem cheirava a rosas. Suas mãos pareciam veludo.

– É um irmão da congregação?

– Não. Sou seu irmão verdadeiro. De sangue.

– Mas eu não conheço minha família. Como poderia ser meu irmão?

A madre fechou as portas e pegou nas mãos da irmã Lúcia.

– Me desculpe te ocultar isso por tanto tempo, minha querida. Eu sempre soube do que aconteceu com sua família. Tratava-se de uma tragédia sem precedentes. Você foi raptada quando bebê por uma mulher muito maligna, que tinha planos de usá-la em uma espécie de ritual de bruxaria. Seu pai ficou enlouquecido. Simultaneamente ao seu desaparecimento, houve um acidente de hipismo. Sua mãe ficou tetraplégica na cama. Seu pai, em contrapartida, encontrou sua raptora, que ele havia violentado na juventude. Ele a alvejou com vários tiros. Sei que é muita coisa para absorver de uma vez.

– Realmente parece uma história absurda, inventada de última hora.

– Em pouco tempo, houve um agravamento do quadro da sua mãe com o surgimento de uma metástase no cérebro. Seu pai cumpriu uma pena relativamente curta na prisão e logo foi reencontrá-la.

– Você disse que ele matou a raptora. E não me encontrou?

– Não.

– E minha mãe?

– Ela foi assassinada por seu pai. Sabemos que isso não vem de Deus. Ninguém tem o direito de tirar a própria vida ou de outrem.

– E ele voltou a ser preso?

– Ele participou de uma cerimônia com uma espécie de curandeira, queria ressuscitar a sua raptora, a que ele alvejou com vários tiros. Uma coisa temerosa e demoníaca. E pelo visto acabou mal. Ele enlouqueceu. E há vinte anos está internado em um sanatório.

– E por que me escondeu isso, madre? Como vim parar aqui?

– Você foi entregue por uma pessoa muito próxima à raptora. E essa mulher partiu. Entenda. E sua avó veio a falecer pouco tempo depois.

Urbano se manifestou:

– Sim. A minha relação com vó Norma estava instável. Assim que atingi a idade adulta, eu vendi a propriedade que herdei. Usei a renda para partir como missionário, na África. E usei todo o meu aprendizado como pude, para ajudar os necessitados. – Olhou para as chagas de sua irmã. – E esses estigmas. Como surgiu isso?

Irmã Lúcia tentou explicar sua condição:

– É um ciclo que se repete. São Francisco de Assis, santa Rita de Cássia, Padre Pio. Eu sou como eles. Apresento as cinco chagas de Cristo Rei. Assim como santo Antônio, sou perseguida pelo adversário. “Kyrie Eleison”, ele gritava em aflição. O diabo tenta corromper a minha alma. Me inflige obsessão física deliberada, tenta corromper minha fé. É preciso orar, estou tão fraca. Agora sei que viemos de um passado negro. Somos fruto de uma maldição que precisa ser quebrada, em nome de Jesus. E assim que melhorar, quero conhecer meu pai. Eu o perdoo!

– Vamos te curar. Eu vou te levar pra casa.

– Já estou em casa, meu irmão. Mas agradeço o convite, e é sempre bem-vindo aqui. Qual o seu nome?

– Meu nome de batismo é Michael, mas pode me chamar de Urbano, um pseudônimo que uso há alguns anos. Que bom, ao menos mantiveram seu verdadeiro nome.

Urbano deixou a irmã repousar e saiu a caminhar pelo convento com a irmã Socorro.

– Sua irmã está sendo alvo constante do inimigo.

– Pode ser algo diabólico perpetrado pela bruxa. Mas não posso descartar a possibilidade de uma sugestão da mente, seja causada por sonambulismo, seja por

hipnose. Letras, manchas, desenhos na pele, a chamada dermatografia, é comum em meio aos sugestionáveis. Pode ser uma fraude ou apenas reações psicossomáticas. Talvez um estado alterado de consciência.

– São Francisco também manifestou esses sintomas.

– Hanseníase, doença antes conhecida por lepra – complementou. Urbano ficou pensativo por um tempo. – Não devia ter despejado todas essas más notícias de uma só vez. É muita tragédia para ela absorver...

Foi quando uma gritaria desenfreada o fez correr de volta ao quarto dela. Quase não a reconheceu. Ela saltava na cama sem controle algum. Os olhos revirados nas órbitas, o corpo formando um arco, a voz gutural denunciavam a possessão demoníaca. Duas irmãs fortes tentavam contê-la. Socorro, com um terço nas mãos coladas, suplicava:

– Oh, Senhor benevolente. Ajude-nos e dai-nos forças para livrar nossa serva do mal. – Voltou-se a Urbano. – Ela teve alguns ataques, mas nunca tão fortes. Creio que sua presença...

A voz cavernosa do demônio a interrompeu:

– Cala a boca! Quero destruir esse fedelho que te acompanha!

Urbano usou seu conhecimento em demonologia e a pouca experiência em exorcismos. Recitou uma oração de São Miguel enquanto segurava sua medalha com a prece da luta contra a serpente.

– Saia daqui! Fedelho! Seu bostinha!

– Saia desse corpo, espírito imundo! Não percebe que, enquanto permanecer nela, isso só te trará sofrimento? Não há nada aqui para ti, serpente maligna. Volte para as hordas do inferno!

– Nããooo!

– Eu te ordeno, demônio, que me diga o seu nome. Me diga o seu nome!

Ele aspergiu água benta, que parecia queimá-la; o urro infernal parecia vir das profundezas de uma gruta. Os braços estavam contidos pelas irmãs assustadas. Urbano encostou a cruz na testa dela, que gemeu de dor.

– Tira isso! Eu não vou deixá-la!

– Vocês estão em quantos?

– Somos muitos! Você sabe! Seu rejeitado. Pederasta! Punheteiro! Hahaha...

– Espírito do senhor, espírito de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, Santíssima Trindade, Virgem imaculada, anjos, arcanjos e santos do paraíso, descei sobre mim.

– Filho de um assassino! Bastardo!

– Pelo nome de Jesus lhe ordeno, quem te enviou a essa jovem?

– Nina! NIINAA! Hahaha...

Urbano aspergiu novamente a água benta, no que ela gemeu.

– Em nome de Deus eu te expulso! Me diga seu nome...

– Asmodeus...

A jovem expeliu algo pela boca e depois pareceu desmaiada. Era um bracelete humanamente impossível de passar por sua glote. Urbano sentiu-se satisfeito. Ter conseguido o nome do demônio obsessor já era um passo importantíssimo, embora em seu íntimo acreditasse que todos eram o mesmo. Sabia que as orações de exorcismo eram perigosas e podiam levar anos, sem êxito algum. Precisaria de um exorcista de verdade, com experiência o suficiente para levar isso em frente. Socorro não parava de falar em contraponto a seu silêncio.

– Se o diabo a possui, é porque Deus o permite. Ele deve ter um propósito maior. Elevar a fé nas pessoas, sim. Ele sabe que ela é forte e continuará resistindo. Mas até quando?

Urbano sabia, havia pessoas trabalhando nisso. Provavelmente o pessoal de Jéssica, pois ela não devia agir sozinha. Fazia parte de uma organização com fins imorais. Precisava se preparar. Achar o túmulo de Nina seria um bom começo. Exorcizar e, na sequência, carbonizar o cadáver poderia ajudar a conter a maldição. Não seria difícil achar o cemitério em que ela fora enterrada. A negatividade do local era de uma carga impressionante. Via-se tendo que refazer os passos do próprio pai. Seria o ouroboros, o rito cíclico, a serpente sempre dando voltas e comendo o próprio rabo.

Retornou ao interior em uma viagem de cerca de duas horas. Teve de alugar um carro. Assim como seu pai, esperou o anoitecer e pulou o muro do cemitério central, com uma pá e picareta a tiracolo. Ali mesmo faria o exorcismo, meteria fogo no cadáver e voltaria a cobri-lo de terra.

Teve grande dificuldade em pular o muro. Não era um exemplo de homem atlético. Arranhou a barriga. Trouxera consigo alguns acessórios básicos, quase inspirados na matéria antiga do jornal sobre a invasão e violação do túmulo de Nina. Iniciou o rito de preces, depois meteu a picareta quebrando a base de concreto. Retirou os pedaços grandes, amarrou uma corda maciça e desceu à cova. Abriu o túmulo de madeira e, para sua surpresa, o cadáver não estava lá. Fora roubado! Ou talvez a ossada tivesse sido transladada por falta de pagamentos de familiares, empenhados em manter os honorários anuais do cemitério. Como se tratava de uma bruxa, não havia dúvidas: se roubada, estaria sendo usada para algum feitiço forte e propósito demoníaco. Ou apenas não a queriam em solo consagrado. Voltou ao hotel e tomou um banho. Sabia que estava em guerra, uma batalha antiga iniciada por seu pai.

No sanatório, Ricardo ouviu o tilintar da fechadura. A porta se abriu e irmã Lúcia entrou, com seu hábito de freira. Parou em frente a ele e o observou por um instante.

– Você me procurou por tanto tempo, papai. Agora estou aqui, pronta para tomar uma surra. Não é isso que deseja?

Lúcia sentou-se no colo de seu pai, seu corpo roçando o membro adormecido do homem. Ela pegou a mão dele e deslizou na coxa dela.

– As filhas de Ló tiveram de embebedá-lo a fim de perpetuar a espécie. Tudo em família. A mulher estúpida desobedeceu ao aviso e se tornou uma estátua de sal. Você também não devia ter olhado pra ela.

Levou a sua mão ao seio duro dela.

– Vamos perpetuar a espécie, papai.

Já não era irmã Lúcia, e sim Nina. Com o corpo putrefato, deu-lhe um beijo cheio de pus e lodo.

– Esperei um bom tempo para te reencontrar. Primeiro você, depois seus filhos estúpidos! Vou arruiná-los! O amor e o ódio caminham juntos, sabia? Tenho um lugar no inferno reservado para você.

A pressão de Ricardo começou a subir e ele teve um acidente vascular cerebral. Os funcionários tentavam abrir a porta emperrada enquanto viam ele caído na poltrona. Depois de um tempo, quando finalmente entraram, o homem jazia morto. Jéssica entrou na sequência, tirou os óculos e os limpou em sua blusa, sem ostentar qualquer emoção.

– Já era hora de liberar esse quarto. Avisem Urbano!

Irmã Socorro serviu o café da manhã para Lúcia. Ela se sentia fraca, mas consciente, embora não se recordasse do episódio anterior.

– Foi bom conhecer meu irmão. Saber que tenho um.

– Foram muitos desencontros, não é, querida?

– Ele é um homem bom. Eu posso sentir. Quando ele volta?

– Disse retornar no fim da tarde.

Batidas bruscas na porta de entrada. Irmã Socorro ficou irritada.

– Oras, não pode esperar um minuto? Irmã Maria, veja quem está à porta, por favor!

Irmã Maria abriu a porta. Um homem grande jazia à frente.

– O que deseja, meu senhor?

– Levar almas para o mestre.

O homem a degolou com a adaga afiada. Enquanto a senhora agonizava ao chão, vertendo sangue, Jéssica e mais um servo de Satã entraram no recinto. As irmãs se amedrontaram, e muitas se trancaram em seus quartos. Jéssica pegou a irmã Juliana e, com a adaga no pescoço dela, a conduziu:

– Leve-me até irmã Lúcia.

A irmã, a contragosto, a levou ao quarto da jovem. Socorro tentou impedi-los. O homem grande a esmurrou, arrancou o telefone do fio e bateu na cabeça da senhora até afundá-la. Desferiu um soco na face de Lúcia, desacordando-a, colocou-a em seu ombro e saíram de modo furtivo.

Urbano estava acertando os detalhes do velório do pai e de como contaria mais essa novidade à irmã recém-encontrada. Quando recebeu uma ligação e foi notificado por uma irmã apavorada, deixou as obrigações funerárias e chegou com a polícia ao convento. Jéssica, a essa altura, já tinha abandonado o sanatório. A morte de seu pai servira apenas para afastá-lo. Abandonou todos os preparativos do velório. Deixou um dinheiro generoso ao pessoal do sanatório e pediu encarecidamente que lidassem com isso.

A polícia fazia os últimos interrogatórios. Tudo parecia surreal. Sentado na cadeira do hall, um sono sobrenatural parecia atingi-lo. Naquela noite de funeral e desaparecimento, ele apagou por um momento e teve um pesadelo terrível.

Um cão negro de dentes afiados, focinho espumante e olhos raivosos estava pronto para devorá-lo. E o fez. Começou a estripá-lo enquanto Nina ria orgulhosamente de seu feito. De um buraco no chão, seu pai tentava em vão sair, enquanto mãos putrefatas o puxavam para baixo. Nina trazia, nas mãos, a cabeça da mãe dele. A cabeça implorava:

– Fuja, meu filho! Ainda há tempo! Fuja da ira do inferno! Me desculpe não ter te dado a atenção devida.

Acordou apanhado em suor.

Saiu às duas da madrugada para caminhar nas ruas escuras. Era um ponto baixo, e a água escoava na calçada em quantidade abundante. Os lustres falhavam, a maioria nem acendia. Era realmente um bairro de gueto. Um carrinho de catar papelão era a moradia de um mendigo, a coberta servia de lona. O homem mexeu com ele.

– Ei, me dá um dinheiro aí, cara. Ei, cara!

Ele o ignorou. Sentiu uma pontada de medo. Talvez devesse ter ficado quieto no convento. E se o homem o furasse com uma faca ou algo do gênero? Nem mesmo sabia se o local era seguro. Estava desorientado. Sentia-se acompanhado por uma sombra, uma presença. Resolveu correr em direção contrária, o homem achou que era dele e riu profusamente. Sentia que algo estava em seu encalço.

Enfim, retornou ao convento. Passou pelas viaturas. Uma policial estava de costas.

– Onde estava?

– Estou angustiado. Saí para dar uma volta.

– Essas ruas são perigosas. Não devia sair a essa hora da noite.

Ele não queria continuar a prosa. Estava se retirando quando ela disse:

– Você é um garoto desobediente, Michael.

Mais uma pessoa o chamando de Michael. Tinha certeza de ter se identificado como Urbano.

– Como sabe...

A policial se parecia com Nina, que ele conhecia dos recortes, algo em seu jeito de agir lembrava a bruxa. Ele apertou o passo. Barulhos vinham em sua direção. Subiu então a escada do convento em ritmo rápido, entrou em uma capela das freiras, aspergiu água benta e entoou uma prece de exorcismo. Batidas se repetiram na porta por três vezes e, então, a noite se silenciou...

MISSA NEGRA

O telefone tocou. Urbano tinha se deslocado até a delegacia. Uma falta de empatia total com a tragédia no convento e o desaparecimento de sua irmã. Ela parecia mesmo destinada ao rapto, em um inferno cíclico. Angel estava do outro lado da linha.

- Angelique, estou em um momento meio ruim agora.
- É do seu interesse. Eu sei onde está a sua irmã.
- Então me passa a localização. Já mando a polícia ir atrás.
- Você não pode. Se interromper o rito, sua irmã jamais sairá da possessão.

Precisa me encontrar na Praça da Bandeira. Urgentemente.

Urbano saiu em alta velocidade. Desceu esbaforido do carro alugado e foi ao encontro de Angel. Ela estava sentada na praça, envolta por pombos comendo farelos de pão.

- O que você sabe? Onde ela está?
- No passado, Helena Adágio fez um pacto com uma seita satânica. Nina é filha de um poderoso demônio, ao menos é o que ela acha. Lúcia deve estar trancafiada em um templo satanista a poucos quilômetros daqui. Isso se o meu palpite estiver certo.
- Acho melhor acionar a polícia.
- Precisamos resgatá-la e fazer um rito de proteção, ou sua irmã será perseguida por toda a vida.

Ambos entraram no carro de Urbano e seguiram para a terra natal de seu pai, São Francisco Xavier. Passaram pelo portal. O local apontado por Angel ficava no topo de uma colina num bairro distante do centro. Chamava-se bairro de Remédios. De carro, as voltas por uma ruela de cimento, sempre subindo, mais pareciam uma torre de Babel. Era como se tocassem as nuvens, realmente as atravessavam de tão alto. Chegou em um ponto onde o acesso não era mais possível de carro. Continuaram a caminhada a pé. Angel teve certa dificuldade em razão de seu andar capenga. A bengala por vezes se fincava na terra e ela tropicava no chão desnivelado. Passaram por um heliporto no meio da mata. Era um grupo preparado. Avistaram a distância um casarão colonial.

– Sua irmã está lá. Provavelmente no hall central. Trouxe uma arma ou algo do tipo?

– Não tenho arma.

– Entendi. Tem apenas essa medalha de proteção. Precisaremos de muita sorte.

Desceram o desfiladeiro até o casarão, enquanto um vento gélido soprava anunciando mau agouro. Tentaram visualizar algo pela janela empoeirada. Sem sucesso.

– Urbano, talvez seja melhor nos separarmos. Você vai pelos fundos. Eu checo a frente. Ah, e não deixe que o vejam. Ou você estará morto!

Urbano contornou a imensa casa e encontrou uma porta aberta, embora um pouco emperrada. Por dentro, o casarão tinha um aspecto muito conservado. Uma luz vermelha na parede anunciava a presença de uma entidade venerada no local. Pegou em sua medalha de proteção e entoou uma oração naquele lugar profano. Sentiu a densidade pesar. Passou por um extenso corredor, com quadros nas paredes de diversos satanistas e representações do demônio na história; réplicas de quadros de Goya também se faziam presentes. Enfim teve acesso a uma pequena janela, na qual pôde enxergar um imenso hall no formato de uma capela. Viu uma cruz invertida de madeira acima do altar com toalha preta, e cortinas negras nas laterais. Três homens e três mulheres trajavam capuz preto, e um papa negro de capuz vermelho encontrava-se no altar. Uma das mulheres descobriu a face. Era Jéssica.

O altar era feito de pedra escura, e sobre ele havia um cálice dourado com símbolos satânicos representando a morte de Jesus, sem ressurreição. Nos vitrais laterais, imagens de santos sendo sodomizados. A tríade satânica – Astaroth, Lúcifer e Belzebu – era referenciada. Havia peles e cabeças de animais penduradas, velas negras, pentagramas. As hóstias estavam guardadas em um armário sem iluminação no canto da igreja.

– Ave Satanus – iniciou o celebrante, usando uma adaga para chamar Lúcifer.

O guru satanista recebeu, no altar, Jéssica e uma segunda jovem, que ficaram nuas e tiveram as palmas das mãos cortadas. O sangue foi derramado na hóstia, e o celebrante expôs seu membro e se masturbou, em seguida urinou na taça. Um

fundo musical tenso da banda Cannibal Corpse se ouvia de fundo. Pedacos de maçã foram servidos aos fiéis, representando o suposto fruto proibido.

Urbano foi surpreendido por um dos homens, o grandalhão que afundou a cabeça da madre. Ele o pegou pelo colarinho e o arrastou ao centro do altar. O sacerdote ergueu os braços.

– Que bom que está aqui para presenciar o renascimento de Nina.

Jéssica tirou um manto preto que encobria o cadáver putrefato de Nina em um canto do hall. Em seguida, a outra jovem tirou o manto do espelho ornado, em frente ao cadáver, a uma distância de três metros. A terceira mulher a despir a túnica, surpreendentemente, era Angel.

– Angel! Você!

– É chegada a hora de restituir o corpo de minha amada Nina. Na época de sua derradeira morte, não tive a maturidade para perceber quão grande foi o plano traçado por nossa irmã e o nível infernal que ela atingiu. Na época, era guiada apenas pela magia branca, mas, ao ser apresentada à filha de Ricardo, percebi que se tratava de alçar novos voos. Devia continuar o legado de minha amada. E não foi fácil. Levar Lúcia para um convento e transformá-la em uma serva de Deus apenas tornaria a heresia mais forte. Quanto mais alto se elevar aos céus, maior será a queda. Foram vinte anos e trabalhos para conjurar todo o sortilégio de demônios nessa jovem. Um trabalho árduo, e agora Nina está pronta para reinar na nossa terra. Luigi é o nosso mentor e a acompanhou de perto, todo o tempo.

O velho magista tinha uma barba espessa, anéis nos dedos e um cabelo grisalho, preso em um rabo de cavalo. Trazia em seu peito um pentagrama invertido.

– Acompanho Nina desde a sua concepção no ventre de sua mãe. Ela realmente morreu antes de se tornar a Suprema a que estava destinada. Mas sua força foi tamanha, e que perspicácia ao transferir sua alma para o artefato! – Apontou para o espelho. – Ela está entre nós! Jéssica, preciso parabenizá-la, fez um ótimo trabalho de vigília. Ricardo sempre foi um perigo, precisava ser acompanhado de perto. E o medicamento que você administrou nesses últimos dois anos ajudou, e muito, no processo de sua morte. Embora estivesse sempre com seu nome selado em nossos trabalhos, assegurando sua condição vegetativa.

– Eu lhe agradeço, mestre, por ter confiado trabalho tão digno e me recomendado para a alta gerência, em um cargo de confiança – replicou Jéssica.

Lúcia foi trazida e sentada no centro de um triângulo, no qual em uma ponta jazia o cadáver de Nina, na outra ponta o espelho, e na terceira uma pedra de dois metros de comprimento por setenta centímetros de largura. A marca do triângulo foi riscada no chão com um giz branco. À frente o desenho, um pentagrama. O celebrante trazia em suas mãos uma bíblia negra. Lúcia logo foi possuída por um demônio e ria histericamente; acorrentada à cadeira, contorcia-se como podia com seus esgares e sussurros infernais.

O homem grande repentinamente esmurrou a face de Jéssica. Ela caiu atordoada ao chão, pôs as mãos no nariz sangrando.

– O que fez, seu idiota? Angel!

Angel a olhou de maneira impassível. Cruzou os braços:

– Sinto lhe dizer, Jéssica, mas você faz parte dos planos. Para finalizarmos o rito, precisamos de um sacrifício. Você foi uma serva obediente. Será recompensada no inferno.

– O quê? Lúcia será o sacrifício. Esse era o plano!

– Temos planos maiores para ela, minha querida. Tudo foi orquestrado há mais de duas décadas.

Os homens a carregaram até a pedra, completando o triângulo. Aprisionaram-na nua, amarrando bem as tiras de couro em seus pulsos e tornozelo. O celebrante aproximou-se de Jéssica, segurando um punhal consagrado. Urbano foi amarrado a uma tora no canto da sala.

– Oh, senhor das trevas! Oferecemos a ti esta serva. Que possa se saciar com o seu sangue.

O celebrante enterrou o punhal no peito da jovem. Enquanto a mulher agonizava com o artefato cravado no peito, os celebrantes beijavam sua boca, sua vulva, e se banhavam com o seu sangue, iniciando uma orgia, usando como unguento o sangue, o esperma e o suor. As tochas de fogo ao lado do altar formavam espectros bruxuleantes que dançavam em contraposição à sombra. Então eles se deleitaram e se afastaram, quando estrondos terríveis começaram a assolar o lugar, anunciando a presença da entidade. No reflexo do espelho, Nina vinha caminhando, sabe-se lá de onde, e tateava o artefato, aprisionada pelo lado de dentro. Ela tinha aparência putrefata, e o fedor empestou o local. Cabelos ralos, pele como a de um leproso que ficou submerso na água e apodrecia, nacos de carne se desprendendo do osso. O celebrante recitou palavras em latim. Foi quando o espectro desapareceu.

O corpo de Jéssica se projetou para a frente, arfando e retomando o ar. Os olhos negros se abriram. A criatura juntou as mãos ao peito e retirou o punhal encravado; fez uma ponte e parecia que a coluna se quebraria, contorcendo-se feito uma cobra. Rompeu as amarras e enfim saiu do triângulo. Luigi correu até o centro do pentagrama para se proteger, utilizando um anel para neutralizar o odor. Angel aguardou a criatura caminhar até ela.

– Aguardei tanto tempo para te reencontrar. Agora falta pouco para atingirmos o nosso objetivo!

A criatura tocou a face de Angel. Sua voz soou cavernosa, mas podia reconhecê-la. Era a voz de Nina.

– Que pena não ter pensado assim quando mais precisei.

– Mas eu me redimi. Trouxe Lúcia e Urbano para você. Pode fazer o que quiser com eles. O legado de Ricardo lhe foi entregue de bandeja.

A criatura riu, deleitando-se.

– Realmente, Ricardo me proporcionou momentos únicos. Ele se superou. E você foi eficiente. Vou adorar destroçar esses cordeiros e finalizar o que iniciei.

A criatura pegou a bengala de Angel.

– Vejo que a faca cravada deixou males irreversíveis. Nada tão danoso quanto o tempo. Já não é mais a flor bela de outrora.

– Eu te amo!

– Não se usa esse tipo de palavra onde habito. Mas já que ousa, eu nunca te amei, apenas te usava para adquirir algo que nunca consegui. Poder! O senhor das trevas me concedeu essas honrarias. Você estava acostumada a se aproveitar de pessoas com menos poder aquisitivo. Pois adivinha? Onde habito isso não faz a menor diferença.

Angel olhou assustada para Luigi, que se encontrava impassível dentro do círculo.

– Luigi, me ajuda!

– Eu lamento!

A criatura quebrou a bengala e trespassou Angel, levantando-a no ar. O sangue saía fluidamente de sua boca, resultado da perfuração dos órgãos.

– Devia ter ficado do meu lado enquanto era tempo. Agora é tarde!

Antes de morrer, vislumbrou os fiéis presentes serem arrebatados na parede, possessos e descontrolados. A criatura falou:

– E a vara de porcos se lançou no desfiladeiro.

Os homens possessos caíram ao chão e se lançavam pelos vitrais, se cortando, usando os cacos para infligirem rasgos em seus pescoços. Não podiam dominar seus atos. Um dos punhais caiu próximo a Urbano, que se soltou. A criatura agora se aproximava de Lúcia que, aprisionada na cadeira, jazia dormente.

Urbano pegou a tocha de fogo e atingiu a bruxa. O fogo logo se dissipou e não a consumiu. Ela se voltou, pegou-o pelo pescoço e o lançou contra a parede. Como ele não tinha pacto, não foi possuído. Ela continuou a caminhar em direção a Lúcia. Urbano recitou uma oração de exorcismo em frente ao cadáver de Nina e depois ateou fogo. Como por encanto, a criatura usando o corpo de Jéssica sofreu uma autocombustão, e mesmo assim caminhava em chamas flamejantes em direção à irmã de Urbano.

O demonologista pegou um candelabro e o lançou contra o espelho, que se estilhaçou. A criatura caiu de joelhos, em chamas, gritou de maneira lancinante enquanto terminava de carbonizar e por fim caiu morta, a pouco mais de um metro de Lúcia.

NÃO DEIXE PONTAS SOLTAS

Urbano correu ao encontro de sua irmã, aninhou-a em seu colo e deu tapinhas leves em sua face.

– Lúcia, está bem?

Ela acordou e fez sinal afirmativo com a cabeça. O mago saiu do centro do pentagrama e observou toda a devastação do local, repleto de sangue e vísceras.

– Agora compreendem a força disso tudo? Não íamos fazer mal a você ou a sua irmã, estávamos apenas preparando caminho para nosso mestre!

O mago tocou a face de Lúcia.

– Nina agora é passado, mas posso lhes conceder fama, riqueza e poder. Vamos deixar tudo para trás. E é claro, não envolver a polícia nisso. Sugiro que a gente parta e deixe a linha investigativa com eles.

– Tira suas mãos imundas da minha irmã. Agora!

O mago obedeceu ao pedido. Afastou-se e se virou, visando a porta de saída.

– Vou lhes dar um tempo para pensar. Aí, então, podem me procurar. Darei um sinal de minha presença.

Urbano ficou desorientado. Deixá-lo partir seria semelhante a deixar uma ponta solta. Pegou o punhal que anteriormente estava fincado em Jéssica e, em um ato impulsivo, correu até o magista e enterrou o objeto pontiagudo nas costas do homem. O sacerdote caiu de joelhos no chão, o sangue vertendo em larga escala de suas costas.

– Enfim, és um assassino inescrupuloso, assim como nós! – disse o magista.

O homem caiu morto. Urbano voltou-se para a irmã, cobriu-a com um manto e ambos partiram daquele lugar profano. Ele fez questão de levar o espelho, ainda mais quando viu que o artefato estava intacto. Não foi uma alucinação, ele o tinha quebrado. Então era verdade que havia uma espécie de regeneração e que o objeto era amaldiçoado. Caminharam pelas colinas, o vento os açoitando, parecendo sibilar coisas malditas em seus ouvidos. Enfim chegaram ao carro. Ele jogou o espelho no porta-malas e partiram, de volta à cidade.

Não teve jeito. Foi preciso se apresentar à polícia. Estavam vinculados diretamente ao que acontecera naquela noite macabra. No entanto, foi omitido o fato da presença demoníaca de Nina. Quem acreditaria nessa história? A conclusão, um delírio coletivo, em que quase todos se suicidaram ou se mataram em oferenda a uma divindade satânica. Urbano saiu ileso do assassinato do magista. Irmã Lúcia ganhou popularidade com esse episódio. Ela optou por retornar ao convento das Carmelitas, onde ganhou rapidamente o posto de madre superiora. Seus dons de cura se tornaram mais populares. Pessoas vinham de todas as regiões em busca de consolo ou de um milagre. As chagas, no entanto, cessaram após o episódio e ela se viu livre das possessões diabólicas.

Urbano, no entanto, se remoía por dentro. Ter sangue em suas mãos fez murchar as suas folhas. Por mais que rezasse, não se sentia digno. Tinha noites maldormidas relembrando o assassinato daquele homem. E se ele fosse passível de uma conversão? Aquele era mesmo o melhor caminho, a melhor alternativa? Agiu por impulso com a finalidade de cessar o mal, embora isso tivesse vertentes e se disseminasse, e o ato de ódio somente fomentasse isso.

Ele entrou em sua sala especial, trancafiada a sete chaves, onde mantinha os objetos amaldiçoados coletados em sua trajetória. Fez uma oração, aspergiu água benta e entrou. Aquele recinto era deveras perigoso. O mal residia ali, uma alma fraca poderia ser dominada por um espírito obsessivo. Muita coisa vinda de magia negra, feitiços e despachos.

A irmã Lúcia o recebeu no convento. Ele foi levado à sua sala. Estava sentada atrás de uma mesa de madeira maciça, tendo Cristo na cruz às suas costas. Ele pegou na mão dela.

- Olá, minha irmã!
- Seja bem-vindo, Urbano.
- Trouxe algo de que vai gostar.

Urbano colocou sobre a mesa uma caixa de madeira; nela havia um punhado de fotos da família. Ele pegou algumas fotos com a família reunida. Os avós, pai, mãe, Urbano ainda pequeno. A mãe trazia Lúcia ainda bebê no colo. Ela observou a foto de maneira contemplativa.

– Uma pena não ter conhecido os nossos pais.
– Você os conheceu. Por um breve período de tempo, é claro. Está no seu subconsciente.

– É uma tristeza que vou levar para sempre comigo. Muitas tragédias se abateram sobre nossa família. Tudo o que posso fazer agora é rezar pela alma deles. Sofreram muito!

– Está preparada? Hoje é dia de Finados.
– Estou, sim. Irmã Júlia vai tocar o convento hoje. Vou apenas pegar minha blusa. Um minuto.

Eles seguiram ao cemitério Maria Peregrina. Encaminharam-se primeiramente ao túmulo da mãe, onde depositaram um vaso de flores. Em seguida, caminharam até o túmulo do pai, que foi enterrado junto ao ossário de sua família.

– Não permitiram que eles fossem enterrados juntos – disse Urbano.
– Eles estão no céu. Deus há de reconhecer os motivos do que ele fez, embora assassinato seja um pecado gravíssimo.

Urbano sentiu-se culpado. Veio à tona o assassinato do magista. Algo que tentava esquecer.

– Meu irmão, vamos tomar um café?
– Vamos, sim.

Sentaram-se em uma lanchonete, na área externa. O dia estava ameno. Irmã Lúcia serviu-se de açúcar no café, enquanto Urbano apenas pingou duas gotas de adoçante. Ela o olhou de maneira terna. Era reconfortante tê-la por perto.

– Sou mais velho que você. Não posso abusar do açúcar.
– Está certíssimo. Eu é que sou doida por doces. – Pegou na mão do irmão. – Sei que está enfrentando um quadro de depressão, e o gatilho foi o incidente daquela tarde. Aquilo foi mesmo terrível, você precisa superar. Fez o que achou certo para nos proteger naquela tarde fatídica. Não é o único a ter errado. A Igreja condenou tantas mulheres inocentes à fogueira, a Inquisição visava extinguir o mal, antes de se corromper aos próprios deleites e interesses.

– Vou superar. É somente uma fase. Parabéns pelo trabalho que vem fazendo para a comunidade. Soube que foi indicada para ganhar o Prêmio Nobel da Paz.

– Sim, meu irmão. Isso é fabuloso! Semana que vem estarei ausente. O papa quer me ver. Irei ao Vaticano. Uma reunião a portas fechadas.

– Isso é magnífico! Traga um souvenir. Eu quero o terço pessoal do papa.
Ela sorriu, o riso mais lindo do mundo.

– Até mesmo o Presidente da República citou o meu nome. Ah, quase me esqueci de te dizer. Vou participar de um encontro ecumênico no fim do mês. Precisamos ouvir todas as religiões e colocar um fim em toda e qualquer forma de intolerância.

– Magnífico seu trabalho. Eu pretendo retornar à África ainda esse ano. Voltar às minhas missões.

- Isso é fabuloso! Sua caridade será recompensada por Deus.
- Estarei sempre ligado a você. Sabe disso, não é?
- Claro que sei. Você é minha família. A de sangue. Claro que o nosso lado fraternal deve ser maior. O altruísmo sempre deve nos guiar.
- Sim. Isso vem em contramão ao consumismo de nossa sociedade capitalista.
- Meu irmão, temos que ir. Logo começa a cerimônia.
- Não vou poder ir. Peço que não se ofenda. Estou com uma dor de cabeça lancinante.
- Pois devia. Seria bom. Mas eu entendo. Um pouco de descanso é justo. Eu te amo!
- Também te amo!

Urbano sorveu o restante do café. Saíram abraçados. Ele a deixou na porta do convento e se despediu. Não sabia se a veria tão cedo. Uma sombra se apoderara dele desde que se tornara um assassino, uma tristeza que minava suas forças, sua garra e vontade de lutar. Sabia, seria provisório.

Retornou para sua casa e, para sua surpresa, a porta da frente estava arrombada. Todos os cômodos estavam revirados, gavetas abertas, papéis espalhados pelo chão. Mas nada foi levado. A onda de violência no Brasil era grande, mas ele sentia ser algo maior. Desceu ao porão, e o que temia ocorrera: a porta com ferrolho duplo também fora violada. Se o bandido tivesse entrado naquele recinto profano, a probabilidade de uma possessão era grande. O espelho havia sido levado. Apenas ele...

Já não era um simples roubo. Mas algo encomendado. Aquela seita podia ser apenas a ponta do iceberg. Não tinha mais forças para lutar. Tinha apenas vencido uma batalha, mas não a guerra. E quando isso teria fim? Pensou em suicídio. Amarrar uma corda no pescoço e se matar. Ele era o sentinela responsável pelo artefato, e falhara miseravelmente nessa missão também. Precisava se redimir perante Deus e não se deixaria abater tão facilmente. Iniciou uma oração.

A missa de finados foi feita em um parque da cidade. Missa campal, com um número recorde de fiéis que, mesmo sob o sol escaldante, se fazia presente...

Irmã Lúcia estava sendo coroada em uma celebração especial em sua homenagem. Cercada de honrarias e menções honrosas, recebeu a bênção das autoridades locais e foi ovacionada pela multidão. Agradeceu de prontidão. Recebeu a hóstia da comunhão e seguiu todo o rito até o final da missa. Na saída da igreja, em meio a uma proteção policial que a separava dos fiéis quase fanáticos que a veneravam, a bem da verdade, em uma escala maior que a do papa, era vista como se fosse uma deusa na terra. Quatro repórteres tentavam falar com ela. Fez uma bênção em rede nacional a toda a humanidade, pregando a paz e cobrando

ações dos políticos de nosso país. Programas sensacionalistas questionavam: seria irmã Lúcia uma santa? Comparavam-na à irmã Dulce. O carisma da jovem conquistou todas as religiões, e até os mais céticos se rendiam a ela.

Irmã Lúcia tinha uma carga muito grande nas costas. Estava exausta. Tomou um banho e vestiu sua camisola. Pegou um molho de chaves e encaminhou-se pelo extenso corredor do convento. Abriu a porta do fim do corredor e entrou. Acendeu uma luz vermelha na parede e despiu-se. Olhou de frente para o espelho, o mesmo para o qual a bruxa transferira sua alma no momento de sua morte.

No reflexo, Nina...

REFERÊNCIAS

ANDERSON, J. E. (Ed.). The Voodoo Encyclopedia: Magic, Ritual, and Religion. Santa Bárbara: ABC-CLIO, 2015.

As ciências proibidas: satanismo e bruxaria. Col. Enciclopédia do Ocultismo. V. 4. Editora Século Futuro, 1987.

BUCKLAND, Raymond. O Livro Completo de Bruxaria de Raymond Buckland: tradição, rituais, crenças, história e prática. São Paulo: Pensamento, 2019.

LAVEY, Anton S. The Satanic Rituals. Nova York: Avon Books, 1976.

OGDEN, Daniel. Greek and Roman Necromancy. Princeton: Princeton University Press, 2004.

QUEVEDO, Oscar G.-. Antes que os demônios voltem. São Paulo: Loyola, 1989.

RUSSEL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. História da bruxaria. São Paulo: Goya, 2019.

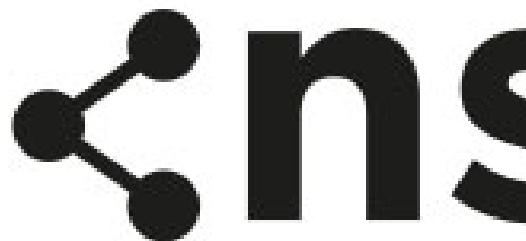
AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu amigo e crítico literário Robson Strobel. Um verdadeiro advogado do diabo, um leitor beta que diz tudo o que precisa ser dito, doa a quem doer, com uma mente à frente de seu tempo, e insights poderosos e precisos.

Agradeço a minha esposa Renata por aceitar conviver com um artista, com a mente que por vezes divaga em universos paralelos.

Agradeço aos meus filhos pelos momentos preciosos, sei que não são eternos. Maior motivação de minha vida.

Agradeço a meu pai, Vladimir, que me acompanhou nos primeiros momentos, inclusive me presenteando com uma máquina de escrever décadas atrás; e a minha mãe, Lucia, uma guerreira, por ter se mantido firme nos momentos mais difíceis e nos ter ensinado os princípios básicos de educação e cidadania.



grouponovoseculo.com.br



@novoseculo nas redes sociais



ALEXANDRE DeLARGE

OLHOS VERMELHOS

LAÇOS DE SANGUE



Olhos vermelhos

DeLarge, Alexandre

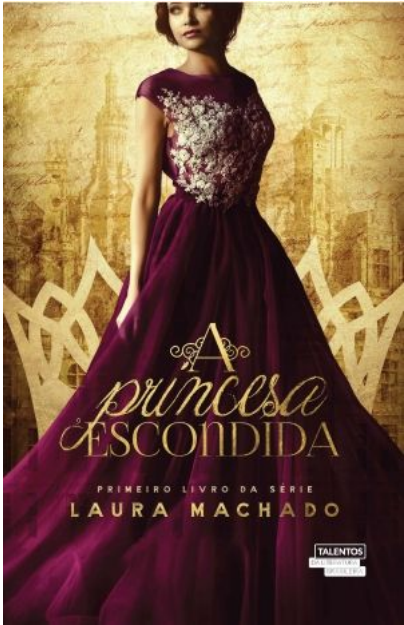
9788542814576

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro não recomendado para menores de 18 anos.*Londres é uma cidade magnífica, com beleza e esplendor sem igual, ainda mais durante a segunda metade do século XIX. Durante uma de suas noites inverniais, Sebastian, um jovem forasteiro, se encontra perdido nas ruas desertas da cidade, sem rumo certo. Dois pares de brilhantes olhos vermelhos reluzem sob o luar, encarando o rapaz, e uma fera bestial o ataca, junto de uma jovem com pele pálida, unhas afiadas como garras e presas no lugar dos dentes. Ferido e indefeso, o rapaz se vê salvo por uma figura um tanto misteriosa, que posteriormente se apresenta como Van Helsing. Sebastian é então apresentado a uma esfera totalmente diferente do que ele conhecia como realidade, com a existência de criaturas lupinas e vampiros. Em um mundo onde nada é totalmente preto sobre branco, e em que mesmo sua mente e memória podem distorcer a verdade, como definir algo tão sutil como o que é ser um humano?*Não recomendado para menores de 18 anos. Contém cenas explícitas de violência sexual.

[Compre agora e leia](#)



A princesa escondida

Machado, Laura

9788542813265

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

À primeira vista, Elisa Pariseau é uma garota normal. Como todos os jovens de Parforce, ela vai para uma Escola Preparatória, estilo internato, antes de ir para a universidade. Só uma coisa a separa dos outros: ela é uma princesa e a terceira na linha de sucessão do trono. Único detalhe? Ninguém pode saber! Não que ela se importe, já que, na sua cabeça, há problemas maiores. Ela já não gosta mais de sua melhor amiga, está se interessando pelo cara mais popular da escola e é um alvo fácil para um blog de fofocas. Mas talvez o mais complicado seja entender o que se passa entre ela e seu grande amigo de infância, agora seu guarda pessoal. Além disso, Elisa é inscrita, contra sua vontade, em uma competição da escola. No meio de tanta confusão, quem tem tempo para se preocupar em esconder sua identidade? É um ano tumultuado na escola e ainda mais em seu coração. Altas emoções e grandes decisões. Descubra o que mais o destino guarda para ela ao ler as páginas emocionantes de seu diário.

[Compre agora e leia](#)

Um relato sincero
e comovente de
alguém que viveu
um câncer.
E venceu, de muitas
maneiras

Da lama nasce o lótus



Maria Camila Moura

TALENTOS
UM TALENTO POR
CADA LÍNGUA

Da lama nasce o lótus

Moura, Maria Camila

9788542813050

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com apenas 26 anos, Maria Camila é diagnosticada com um tipo raríssimo de câncer de mama. Inicia-se, então, uma rotina intensa de exames, tratamentos, medicamentos e alterações corporais. A autora nos conduz pela história de seu adoecimento, percorrendo desde os fatos que antecederam seu diagnóstico até as sessões de quimioterapia, radioterapia, mastectomia, remissão da doença e cura, compartilhando seus pensamentos mais secretos ao longo de toda sua experiência. Entretanto, esta obra não se trata de um mero relato descritivo sobre rotinas médicas ou procedimentos cirúrgicos. Há um conteúdo riquíssimo de reflexões pessoais, vivências e sentimentos. Percebemos que, por trás de um diagnóstico, existe alguém pensante, repleto de sonhos, projetos de vida, desejos e aspirações. Somos convidados, a cada página, a repensar nossa própria postura diante do mundo cotidiano e a exercermos, sempre que possível, uma autocrítica. Mais do que uma biografia sobre um câncer, esta é uma obra sobre dores e amores, sobre morte e renascimento, sobre resiliência e redenção. É uma leitura tocante e poderosa, um lindo convite à reflexão. Simplesmente imperdível!

[Compre agora e leia](#)



O doce sabor do desejo

Benalia, Paula Toyneti

9788542806526

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Megan não tem muitas ambições na vida. Negligenciada pelo pai e agredida de todas as formas pela mãe, precisou fugir de casa com 16 anos, levando nada mais que sua maior paixão: a dança. Vivendo sozinha nas ruas de São Paulo, ela aprendeu a sobreviver com pouco e deixar para trás todo o seu passado e os seus sonhos, até que alguém começa a ameaça-la em troca de dinheiro. Leon Alster é um homem sem coração. Desprovido de qualquer sentimento de amor, tudo que almeja na vida é vencer o pai em uma guerra constante, onde tenta ser melhor que o irmão. Na última batalha, o pai garantiu que se ele não se casasse, deixaria todas as ações da empresa para o irmão que ele tanto odeia. Ele precisa de uma noiva de mentira. Ela, de dinheiro. Duas pessoas marcadas pelo passado que precisam se unir, Leon e Megan se veem diante de uma convivência forçada e difícil. Eles só não contavam com o desejo. Em um romance profundo, sobre superação e amor, você vai se emocionar com a história de uma mulher ferida e de um homem que precisa se render ao amor.

[Compre agora e leia](#)



O doce sabor da justiça

Benalia, Paula Toyneti

9788542812411

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mike Heltimen é um advogado bem-sucedido. Para ele, a vida se resume a status social, dinheiro, festas e mulheres. Não consegue levar nada a sério, exceto o trabalho, em que defende grandes causas judiciais, com a certeza de sempre vencer. Clarice Mariah não conhece limites. Acostumada a comprar tudo o que deseja, não consegue ter um relacionamento duradouro, já que para ela o que mais importa são suas preciosas bolsas. Porém, tudo se desnorteia quando ela perde os pais em um acidente, e, como única herdeira, se vê à frente de um império para comandar. E o tio dela entra com um pedido na Justiça para interditá-la, alegando que ela não tem condições de tomar conta dos bens da família. Só que o advogado contratado pelo tio de Clarice é justamente Mike Heltimen. Em meio a tanto ódio e ofensas, nasce uma paixão avassaladora. Talvez Mike perceba que nem sempre ganhar é o melhor negócio, e Clarice descubra que há coisas mais valiosas do que suas bolsas.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[1 Mulher solteira procura](#)

[2 Conhecendo angel](#)

[3 O flerte](#)

[4 Wicca](#)

[5 Vingança](#)

[6 Mudanças comportamentais](#)

[7 O sacrifício](#)

[8 Transferência para o artefato](#)

[9 O mal presente](#)

[10 Cindy](#)

[11 Até que a morte nos separe](#)

[12 Cadáver](#)

[13 Invocações](#)

[14 Vodou](#)

[15 O sanatório](#)

[16 Laços de sangue](#)

[17 Possessão](#)

[18 Missa negra](#)

[19 Não deixe pontas soltas](#)

[Referências](#)

[Agradecimentos](#)